

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

BRUNO ALEXANDRE SCAPOLAN

(IN)TRADUZIBILIDADE DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS
ENTRE A LÍNGUA PORTUGUESA
E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS:
Uma análise conceitual e funcional

UBERLÂNDIA/MG

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

BRUNO ALEXANDRE SCAPOLAN

(IN)TRADUZIBILIDADE DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS
ENTRE A LÍNGUA PORTUGUESA
E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS:
Uma análise conceitual e funcional

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Teoria, descrição e análise linguística.

Orientador: Prof. Dr. Igor A. Lourenço da Silva

Uberlândia/MG

2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFUcom
dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S284 2023	<p>Scapolan, Bruno Alexandre, 1982- (IN)TRADUZIBILIDADE DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS ENTRE A LÍNGUA PORTUGUESA E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS [recurso eletrônico] : Uma análise conceitual e funcional / Bruno Alexandre Scapolan. - 2023.</p> <p>Orientador: Igor Antônio Lourenço da Silva. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.295 Inclui bibliografia.</p> <p>1. Linguística. I. Silva, Igor Antônio Lourenço da, 1983-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 801</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica,
Uberlândia-MG, CEP38400-902



Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br

ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduaçãoem:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado - PPGEL				
Data:	Trinta e um de maio de doismil e vinte e três	Hora de início:	15:00	Hora de encerramento:	16:45
Matrícula do Discente:	12112ELI007				
Nome do Discente:	Bruno Alexandre Scapolan				
Título do Trabalho:	(In)Traduzibilidade das Expressões Idiomáticas entre a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais: Uma análise conceitual e funcional				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Teoria, descrição e análise linguística				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Investigando a hipótese da 'tradução literal' como procedimento padrão para a realização detarefas tradutórias: um estudo do produto e do processo				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Profa. Dra. Eliamar Godoi - UFU; Profa. Dra. Flávia Medeiros Álvaro Machado - UFES; Prof. Dr. Igor Antônio Lourenço da Silva - UFU, orientador do candidato.

Iniciando os trabalhos, o presidente da mesa, Prof. Dr. Igor Antônio Lourenço, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público e concedeu ao discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

Em seguida, o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, às examinadoras, que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. O competente diplomaserá expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislaçãoopertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata, que, após lida eachada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Igor Antonio Lourenço da Silva, Professor(a) doMagistério Superior**, em 31/05/2023, às 16:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliamar Godoi, Professor(a) Substituto(a) doMagistério Superior**, em 31/05/2023, às 16:55, conforme horário oficial de Brasília, comfundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavia Medeiros Alvaro Machado, Usuário Externo**, em 13/06/2023, às 19:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art.6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4532322** e o código CRC **76482E06**.

Aos meus amados avós, em especial Pedro Scapolan e Maria Bordalho Scapolan, que infelizmente não puderam estar presentes para testemunhar este momento especial.

Aos meus pais, padrinhos, tios e demais familiares por terem me ajudado e incentivado na busca pelo conhecimento.

Aos amigos, em especial à amiga/irmã Juliana Prudente Santana do Valle por ser uma grande incentivadora dos meus anseios e projetos e à amiga Letícia de Sousa Leite por sempre me fazer lembrar o bom propósito da pesquisa e não ter me deixado desanimar.

À Ordem dos Frades Menores por ter favorecido parte da minha formação humana, acadêmica e espiritual.

Por fim, à Comunidade Surda, que para mim se tornou família, amizade, missão e profissão.

AGRADECIMENTOS

É com muita alegria que expresso meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram para o sucesso da minha dissertação de mestrado.

Começo agradecendo a Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, pela comunhão de amor e fraternidade que nos sustenta em todos os momentos da vida.

Também expresso minha gratidão à Bem-aventurada Virgem Maria, por sua humildade e por nos ensinar a ouvir a voz da Verdade.

Agradeço ao carisma franciscano, inspirado nos patriarcas Francisco e Clara de Assis, que me ajudou a compreender a importância do desapego, da humildade e da busca pela verdade que ilumina a humanidade.

Quero ainda agradecer à Ordem dos Frades Menores por me proporcionar uma formação humana, acadêmica e espiritual que foi essencial para a realização deste trabalho.

À minha família, em especial aos meus avós e pais, agradeço por terem me incentivado e apoiado nos estudos – mesmo com sua simplicidade, o amor foi sempre a base em tudo.

Aos meus amigos, que foram propulsores, incentivadores, apoiadores e animadores para a realização e bom êxito desta pesquisa, meu muito obrigado!

À comunidade surda, que é minha família, meus amigos, meu incentivo missionário e minha base profissional, é com muito amor que agradeço por despertarem em mim o anseio de aprender cada vez mais sobre sua cultura e identidade, inserindo-me cada vez mais em sua vida e cotidiano.

Quero destacar o meu orientador, o Prof. Dr. Igor Antônio Lourenço da Silva, pela paciência, disponibilidade e pela sua fonte de conhecimento que foi imprescindível para a elaboração da minha pesquisa.

Agradeço também à Professora Dra. Flávia Medeiros Álvaro Machado, que me acompanhou desde o XIX SEPELLA (Seminário de Pesquisa em Linguística e Linguística Aplicada) com suas sugestões e apontamentos fundamentais, e à Professora Dra. Eliamar Godoi, pelo seu grande testemunho de pesquisadora na área da surdez, pela ternura, compreensão e apontamentos enriquecedores para esta pesquisa.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para o bom êxito desta pesquisa, sejam colegas de curso, professores, funcionários, amigos e familiares. A todos, o meu sincero agradecimento!

Que Deus continue abençoando a todos nós em nossas jornadas.

Gratidão!

*A Sabedoria é resplandecente e sempre viçosa.
Ela é facilmente contemplada por aqueles
que a amam, e é encontrada por aqueles
que a procuram. Ela até se antecipa, dando-se
a conhecer aos que a desejam. Quem por ela
madruga não se cansará, pois a encontrará
sentada à sua porta. Meditar sobre ela é
a perfeição da prudência; e quem ficar acordado
por causa dela em breve há
de viver despreocupado. Pois ela mesma
sai à procura dos que a merecem,
cheia de bondade, aparece-lhes nas estradas
e vai ao seu encontro em todos os seus projetos.
(SABEDORIA 6,12-16)*

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo investigar a (in)traduzibilidade das Expressões Idiomáticas (EIs) entre a Língua Portuguesa (LP) e a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a partir da análise de conteúdo de quatro vídeos de canais no YouTube gerenciados por professores e/ou tradutores/intérpretes de Libras e Língua Portuguesa (TILSP). A problematização da pesquisa foca três questões: (i) Como os professores e/ou TILSP conceituam as EIs nos vídeos disponíveis no YouTube?; (ii) De que modo eles definem as equivalências tradutórias das EIs entre as línguas em questão?; e (iii) Na tradução das EIs, o aspecto da idiomaticidade é também encontrado na língua-alvo? A pesquisa é embasada em uma revisão bibliográfica sobre o conceito de EIs, a (in)traduzibilidade e as noções de “correspondência formal” e “equivalência textual” propostas por Catford (1965). A metodologia adotada consiste na seleção e análise de conteúdo dos vídeos e na comparação dos resultados com a literatura da área. Os resultados esclarecem as definições das EIs e as noções de sua (in)traduzibilidade, além de apontarem diferentes estratégias utilizadas pelos professores e/ou TILSP para traduzir as EIs, o que pode afetar ou não a idiomaticidade (*i.e.*, não transparência do significado da expressão a partir dos significados isolados de seus componentes). A presente pesquisa contribui para o aprofundamento e ampliação dos estudos linguísticos e dos estudos tradutórios em relação aos chamados “correspondentes formais” e “equivalentes textuais”, além de fornecer subsídios para a reflexão acerca do ensino/aprendizado e das estratégias tradutórias envolvendo as EIs em Libras e em LP.

Palavras-chave: Literatura; Expressões Idiomáticas; Língua Portuguesa; Língua Brasileira de Sinais.

ABSTRACT

This MA thesis aims to investigate the (un)translatability of Idiomatic Expressions (IEs) between Portuguese Language (PL) and Brazilian Sign Language (Libras) based on a content analysis of four YouTube videos produced by teachers and/or translators/interpreters of Libras and Portuguese Language (TILSP). The research problem revolves around three questions: (1) How do teachers and/or TILSP conceptualize IEs on YouTube videos? (2) How do they define the translational equivalences of IEs between the languages under scrutiny? and (3) Is idiomaticity an aspect also found in the translation of IEs? The research draws on a literature review of the concept of IEs, (un)translatability, and the notions of “formal correspondence” and “textual equivalence” proposed by Catford (1965). The methodology consists of selection and content analysis of YouTube videos and comparison of the findings with the literature in the field. The results sheds light on the definitions of IEs and the notions of their (un)translatability, and also point to the use of different strategies by teachers and/or TILSP to translate IEs, which can affect the levels of idiomaticity (*i.e.*, non-transparency of the expression’s meaning through the individual meanings of its isolate components) in the target language. This MA thesis contributes to deepening and broadening linguistic studies and translation studies on the so-called “formal correspondents” and “textual correspondents”, as well as providing input for a thorough reflection on the teaching/learning and translation of IEs from PL to Libras and vice-versa.

Keywords: Literature; Idiomatic Expressions; Portuguese; Brazilian Sign Language.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
ASL	Língua de Sinais Americana
EI	Expressão Idiomática
LA	Língua-alvo
LF	Língua-fonte
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LM	Língua-meta
LO	Língua-oral
LS	Língua sinalizada
LSC	Língua de Sinais Chinesa
MEC	Ministério da Educação e Cultura
OSV	Objeto-Sujeito-Verbo
Prolibras	Proficiência na Tradução e Interpretação Português-Libras-Português
SVO	Sujeito-Verbo-Objeto
TA	Texto-alvo
TF	Texto-fonte
TILSP	Tradutor/Intérprete de Libras e LP

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Libras e LSC.....	51
Figura 2: Configuração da mão “32”	53
Figura 3: Canal do YouTube “As Meninas da Libras”	68
Figura 4: EIs em Libras e LP	69
Figura 5: Canal do YouTube “Alexandre Elias – Libras”	69
Figura 6: Vídeo 2 “EIs”.....	70
Figura 7: Canal do YouTube “Instituto Phala”	71
Figura 8: Vídeo 3 “EIs”.....	72
Figura 9: Canal do YouTube “Daniele Miki”	72
Figura 10: Vídeo 4 “EIs na LP e na Libras”	73
Figura 11: Procedimento 1	75
Figura 12: Procedimento 2	76
Figura 13: Procedimento 3	77
Figura 14: Procedimento 4	77
Figura 15: Procedimento 5	78
Figura 16: Procedimento 6	78
Figura 17: Procedimento 7	79
Figura 18: “Lavagem de roupa suja”.....	83
Figura 19: “Ah! Vai tomar banho”.....	84
Figura 20: “Profissional de mãos leves”	85
Figura 21: “Surdo tem olho caro”	86
Figura 22: “Pintando o 7”	89
Figura 23: “As paredes têm ouvidos”	91
Figura 24: “Cair a máscara” e “Com a corda no pescoço”	95
Figura 25: “Mão de vaca”	97
Figura 26: “Encher linguiça”.....	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Ciclo de vida das metáforas	19
Quadro 2: Decomposição dos tipos de fixidez.....	26
Quadro 3: Modificações não permitidas nas EIs.....	27
Quadro 4: Metáfora conceitual.....	48
Quadro 5: Esquema figurativo da metáfora conceitual.....	49
Quadro 6: Descrição e conceitos temáticos	80
Quadro 7: Equivalências das EIs entre línguas	82
Quadro 8: EIs da LP e suas equivalências em Libras (vídeo 2).....	88
Quadro 9: EIs da LP e suas equivalências em Libras (vídeo 3).....	92
Quadro 10: EIs da LP e suas equivalências em Libras (vídeo 4).....	93
Quadro 11: EIs que não encontram correspondência formal entre LP e Libras (vídeo 4).....	96

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
1.1. Expressões Idiomáticas (EIs)	18
1.1.1. A definição das EIs	20
1.1.2. Características das EIs.....	23
1.1.3. Classificação das EIs.....	31
1.1.4. Teorias sobre a compreensão das EIs.....	44
1.2. EIs nas LS	50
1.2.1. A iconicidade nas LS	51
1.2.2. As estruturas linguísticas da Libras.....	53
1.3. Questões tradutórias	58
1.3.1. Equivalência e mudança.....	58
1.3.2. Problemas e abordagens na tradução de EIs	61
CAPÍTULO 2 – PERCURSO METODOLÓGICO	67
2.1. Metodologia de coleta de dados	67
2.2. Metodologia de análise dos dados	73
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	80
3.1. Análises e discussões sobre o vídeo 1	81
3.2. Análises e discussões sobre o vídeo 2	87
3.3. Análises e discussões sobre o vídeo 3	90
3.4. Análises e discussões sobre o vídeo 4	92
3.5. Síntese.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	106
APÊNDICE: CONFIGURAÇÕES DE MÃO.....	113

INTRODUÇÃO

As Expressões Idiomáticas (EIs) são um objeto de interesse nos Estudos da Tradução e dos Estudos Linguísticos das línguas de sinais. Esse interesse também se manifesta em relação à Língua Brasileira de Sinais (Libras), que ainda está na efervescência do seu reconhecimento como uma língua autônoma. Todavia, as pesquisas que exploram os conceitos e o uso das EIs em Libras ainda são limitadas em número e profundidade, podendo-se aqui destacar Boyes-Braem (1981), Corazza e Volterra (1988), Russo (2004), Correa (2007) e Almeida (2010).

A investigação das características das EIs em Libras e das (im)possibilidades da tradução de EIs entre Língua Portuguesa (LP) e Libras se justifica em várias dimensões: (i) pela incipiência da atividade acadêmica em torno desta língua; (ii) pela necessidade de se aprofundar o conhecimento acerca do seu sistema linguístico; (iii) pela relevância da tradução e interpretação como atividades que devem garantir a acessibilidade dos surdos; e (iv) em especial, pela característica peculiar das EIs como conjuntos de duas ou mais palavras/sinais cujo significado não é transparente a partir do entendimento isolado de cada de seus componentes. Nesse contexto, buscando aprofundar o entendimento das EIs em Libras, esta dissertação baseia-se em estudos anteriores, nas experiências de indivíduos especializados em seu uso, tradução e interpretação, bem como nas possíveis relações das EIs em Libras com aquelas em Língua Portuguesa. Tal estudo envolvendo ambas as línguas parte do pressuposto de que as EIs são expressões metafóricas típicas da linguagem informal e estão presentes tanto em Línguas Orais (LO) como em Línguas Sinalizadas (LS) (PASIN, 2021, p. 8), contribuindo para a dinamicidade, transformação e enriquecimento linguístico.

Considerando que toda pesquisa também envolve uma motivação pessoal, vale apontar que o autor desta dissertação é um professor e tradutor/intérprete de Libras e LP (TILSP), cuja experiência profissional o levou a se preocupar com os aspectos linguísticos relacionados à definição e ao uso das EIs em Libras e em contextos de contato linguístico (sobretudo tradução). Além disso, percebe-se que há mitos ou ideias equivocadas que associam a Libras a uma dependência linguística da Língua Portuguesa (LP), ignorando sua autonomia como uma língua completa. A partir dessa observação, decidiu-se investigar as EIs em Libras, tendo em vista as inconsistências no uso desse termo decorrentes dessas crenças, o que se reflete em noções de (in)traduzibilidade entre a Libras e a LP. Muitas vezes, tais crenças partem da ideia de que as EIs precisam apenas ser adaptadas ou compreendidas em seu sentido literal para fazerem sentido na língua-alvo (LA).

A definição das EIs é uma tarefa complexa em virtude das diferentes perspectivas teóricas. Nesta dissertação, pauta-se na noção de que as EIs são “expressões semanticamente opacas, cujo significado não depende do sentido de cada um de seus componentes” (BIDERMAN, 2005, p. 751). Isso implica que os significados das EIs não são determinados pelos significados denotativos dos termos que as compõem, mas sim pela conotação que a expressão como um todo transmite. Essa definição problematiza a tradução e interpretação “literal”, “um a um”, dos elementos sintáticos e semânticos que compõem as EIs, visto que esse procedimento ignora o sentido conotativo da EI como uma unidade de significado. Nesse contexto, é possível transmitir o sentido de uma EI por meio da equivalência funcional (aqui denominada de “equivalência textual”), sem a necessidade de uma correspondência formal para cada um de seus componentes.

Ao se considerar a relação entre a LP e a Libras no âmbito das EIs, emergem as seguintes **questões de pesquisa**:

- (i) Como os professores e/ou TILSP costumam conceituar as EIs nos vídeos disponíveis no YouTube?
- (ii) De que modo eles definem as equivalências tradutórias das EIs entre as línguas em questão?
- (iii) Na tradução das EIs, o aspecto da idiomaticidade é também encontrado na língua-alvo?

Para responder a essas perguntas, esta dissertação se propõe a atingir os seguintes **objetivos específicos**:

- (i) realizar uma análise de conteúdo de como as EIs são abordadas, em termos conceituais e tradutórios, em quatro vídeos¹ selecionados a partir de quatro canais do YouTube que constituem o *corpus* desta pesquisa;
- (ii) identificar se a definição de EI presente em cada um desses quatro vídeos tem respaldo na literatura ou se, na verdade, apenas reitera uma concepção da Libras como dependente ou refletora da léxico-gramática do LP; e

¹ Disponíveis em:

<https://www.youtube.com/watch?v=AdQkow2KlIz0>. Acesso em: 28 abr. 2023.

https://www.youtube.com/watch?v=N_QW5KPAUfE&t. Acesso em: 28 abr. 2023.

<https://www.youtube.com/watch?v=PKATW0EQGPY&t=69s>. Acesso em: 28 abr. 2023.

https://www.youtube.com/watch?v=vH_gs50YZxw. Acesso em: 28 abr. 2023.

- (iii) a partir dos exemplos tradutórios apresentados nos vídeos, analisar as equivalências tradutórias das EIs entre as línguas em tela.

O intuito desse percurso é chegar ao **objetivo geral** de

- discutir a definição de EIs em Libras e as equivalências tradutórias entre a LP e a Libras, a partir do contraste entre a literatura e as definições dos professores e TILSP apresentados no *corpus* selecionado. Esses vídeos, além de definirem as EIs, mostram exemplos de EIs que encontram ou não equivalências no momento da tradução entre a LP e a Libras.

Para refletir sobre a definição e caracterização das EIs presente nesses vídeos, esta dissertação adota como fundamentação teórica, considerando principalmente Catford (1965), as noções de “correspondência formal” e “equivalência textual”, as quais, por extensão, permitem refletir sobre as noções de “(in)traduzibilidade” das EIs entre a LP e a Libras.² A “correspondência formal” se refere à relação entre as formas linguísticas (sobretudo léxico-gramática) da LF e da LA, ao passo que a “equivalência textual” se refere à relação entre os elementos de superfície da LF e da LA, ou seja, à correspondência entre porções de texto nas duas línguas, porções essas que não se restringem às palavras, às expressões, às frases ou a unidades maiores como o próprio texto como um todo.

Dado que, como já apontado, as EIs são semanticamente opacas (*i.e.*, não transparentes) e seu significado não depende do sentido denotativo de cada um de seus componentes, mas sim da conotação que a expressão como um todo transmite, o estabelecimento de “correspondência formal” se torna um desafio na tradução das EIs entre a LP e a Libras, que têm sistemas linguísticos distintos. Não obstante, é possível a equivalência textual, visto que, em se tratando de relação tradutória, dada forma (no sentido de porção de texto) da língua-alvo pode ser considerada, em dado contexto, como *funcionalmente* semelhante à forma da língua-fonte.

Portanto, as noções de “equivalência textual” e “correspondência formal” permitem uma análise mais aprofundada das (im)possibilidades de tradução das EIs entre a LP e a

² Cumpre apontar que o próprio Catford (1965) afirma que expressões idiomáticas são exemplos de equivalência textual estabelecida geralmente em ordens superiores, ou seja, sem correspondentes formais na ordem da palavra. No entanto, propõe-se aqui a análise de correspondências formais entre EIs como modo de compreender a noção de (in)traduzibilidade entre Língua Portuguesa e Libras.

Libras. Tal questão já se encontra amplamente discutida em relação às LO, como a LP (*e.g.*, FARIA, 2003; ALBRES, 2006; LEMOS, 2014; SILVA JÚNIOR, 2018; TERRAZAS, 2021), que possuem linearidade em sua produção e/ou registro gráfico definido, o que é distinto da Libras, que permite a simultaneidade (*i.e.*, um único sinal é capaz de expressar várias informações ao mesmo tempo, compondo até mesmo uma única frase) e se baseia, sobremaneira, no princípio da iconicidade, o qual estabelece “certa semelhança entre a forma do enunciado e aquilo que se apresenta” (DELBECQUE, 2008, p. 26). Nesse contexto, esta dissertação busca fomentar uma reflexão teórica acerca da tradução das EIs entre a LP e a Libras, considerando suas especificidades linguísticas.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos, além desta Introdução e das Considerações Finais, seguidas das Referências e um Apêndice. O capítulo 1 se dedica à fundamentação teórica. O capítulo 2 descreve a metodologia utilizada para conduzir o estudo. O capítulo 3 apresenta os resultados obtidos na análise das fontes de dados coletadas, em contraponto com a literatura existente.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta a fundamentação teórica em três subseções. A primeira trata dos conceitos de Expressões Idiomáticas. A segunda se volta para as EIs nas línguas de sinais. A terceira foca a tradução das EIs.

1.1. Expressões Idiomáticas (EIs)

As EIs são parte da tradição e da linguagem cotidiana desde os tempos remotos. Roberts (1994) afirma que a linguagem idiomática talvez seja o modo eficaz de se expressar em uma língua; afinal, metáforas e outros recursos linguísticos similares sempre foram utilizados para explicar conceitos abstratos, principalmente entre as classes menos instruídas. A metáfora (e, em sentido mais amplo, a EI) visa, através de analogias ou modos de falar mais populares, tornar mais acessíveis certos conceitos que são difíceis de entender. Guarino (2013) analisou as motivações que embasaram o surgimento das EIs e identificou, na obra *A interpretação dos sonhos*, de Freud (1900), que a linguagem idiomática é, na verdade, um capricho, uma peculiaridade resultante do desejo de transgredir regras linguísticas.

Blumenberg (2010) afirma que a criação de uma EI tem como base o desejo “inconsciente e infantil” de ignorar a teoria linguística por mera diversão. Freud (1900) identifica o processo idiomático como um processo infantil em que um indivíduo tem uma grande necessidade de encontrar uma conexão entre dois elementos não relacionados. Freud (1900) destaca o mecanismo de “deslocamento” como uma derivação do percurso mental que leva a mudar o significado de uma palavra, manipulando-a para obter outro significado. Na base das EIs, haveria, portanto, um mecanismo inconsciente de busca pelo prazer, mecanismo esse puramente infantil. Na realidade, ao se analisar a criação de uma EI, é possível identificar um verdadeiro ciclo de vida, ou seja, ao se analisar a criação de uma EI, pode-se identificar um processo de desenvolvimento, mudança e eventual obsolescência que é semelhante ao ciclo de vida de outros fenômenos culturais ou linguísticos. Em outras palavras, as EIs surgem, se desenvolvem, se popularizam e eventualmente podem se tornar obsoletas e ser substituídas por outras expressões. Blumenberg (2010) está apontando para o fato de que a criação da EI não é apenas um ato isolado, mas faz parte de um processo mais amplo de desenvolvimento e mudança linguística.

O processo de criação de uma EI é semelhante àquele de uma metáfora³, havendo em ambos a atribuição de um significado figurado a uma palavra ou expressão que inicialmente tinha um significado literal diferente (*e.g.*, “ele é um leão” contém uma metáfora que significa que a pessoa em questão é corajosa e forte, como um leão; “dar com os burros n’água” é uma EI que significa falhar em algo, não havendo significado aparente para as palavras “burros” e “água”).

Hobbs (1979) traça o ciclo de vida das metáforas, identificando quatro fases, como mostra o Quadro 1.

Quadro 1: Ciclo de vida das metáforas

Fase	Característica
1	Uma palavra ou expressão que pertence a determinado domínio conceitual se estende a outro; a interpretação do novo domínio é dada por inferência (diz-se que a metáfora é criativa e viva, porque é possível determinar o caminho da extensão do significado).
2	A extensão para o outro domínio começa a se tornar familiar, e o caminho inverso de determinação da origem começa a se tornar mais complexo (a opacidade metafórica começa a se formar).
3	Diz-se que a metáfora está “cansada”; há uma conexão direta entre os dois domínios.
4	A metáfora é usada repetidamente e se torna parte do uso cotidiano da língua; a sua origem metafórica pode se “perder”; e a palavra ou expressão pode passar a ser vista simplesmente como uma forma de conotar um objeto ou evento. Nesse caso, a metáfora é considerada “morta”, e não é mais possível traçar sua origem ou relação com o sentido literal das palavras. Esse processo de “perda” da origem metafórica da expressão é comum na evolução da língua e pode levar ao surgimento de novas EIs.

Fonte: adaptado de HOBBS, 1979, p. 85-91.

O que se observa nesse processo de criação da metáfora e da EI é um fenômeno de lexicalização ou institucionalização. O falante compara duas imagens, e ocorre uma transferência, uma transação metafórica de sentido.

Conforme apresenta Pasin (2021, p. 11), pode haver diferentes elementos relacionados ao surgimento e desenvolvimento das EIs:

³ Parafrazeando Sardinha (2007, p. 22), a metáfora é uma figura retórica que requer a transferência de significado de um termo próprio para um termo simbólico que assume um significado figurado.

1. podem estar ligados ao uso particular em um contexto para o qual não havia outro modo de especificar uma informação. Exemplo disso é a linguagem vulgar de pessoas não alfabetizadas: a linguagem figurada se torna a forma mais clara e evidente para esclarecer uma dúvida;
2. podem estar ligados a uma herança cultural, ou seja, ao folclore ou a acontecimentos que ficaram famosos de alguma forma, como o discurso “*stay hungry, stay foolish*”⁴ de Steve Jobs;
3. podem estar ligados a uma herança linguística – portanto, uma formação moldada e influenciada por outras línguas. Com o advento da mídia e, atualmente, a globalização da internet, a Língua Inglesa influenciou na inclusão, em LP, de algumas EIs originárias das culturas britânica ou estadunidense. Exemplos seriam: “eu estou me sentindo meio *down*”, em equivalência com “*I’m feeling down*”; e “Preciso de um *up*”, em equivalência “*I need an upgrade*”.

A institucionalização, ou seja, o processo que consolida a atribuição de significado figurado a um grupo de palavras é um processo diacrônico: com o tempo, a metáfora se torna cada vez mais opaca e “perde” sua conexão com o contexto original de uso. Cutler (1982) atribui a esse aspecto diacrônico as impossibilidades de mudanças das EIs: quanto mais “antigas” são, mais cristalizadas são em sua forma. Portanto, quanto mais as EIs vêm de um passado distante, mais difícil é analisar a sua origem e composição. Para as expressões mais recentes, em contrapartida, o caráter de cristalização é mais moderado, permitindo uma maior flexibilidade e uma maior variedade de contextos de uso.

1.1.1. A definição das EIs

A definição das EIs tem sido discutida em diversas pesquisas linguísticas, em parte por causa das dificuldades de se estabelecerem características que sejam comuns a todas elas e em parte devido ao seu caráter heterogêneo. Alguns autores as identificam como uma classificação específica, enquanto outros as classificam como subgrupos de categorias mais amplas de significado figurado. Nesses estudos, elas foram definidas como locuções, colocações, frases fixas, lexemas complexos, fraseologias, expressões idiomáticas, ditados, dentre outros:

⁴ “*Stay hungry, stay foolish*” (algo como “*continue faminto, continue tolo*”) é o *slogan* de encerramento do famoso discurso que Steve Jobs, fundador da empresa Apple, fez aos graduados em 2005 na Universidade de Stanford na América.

1. Katz e Postal (1963) fazem uma definição mais abrangente das EIs como uma construção institucionalizada que consiste em dois ou mais elementos lexicais e tem uma estrutura de sentença ou semissentença que apresenta uma idiosincrasia construtiva;
2. Fraser (1970) especifica as EIs (*idioms*) como um componente ou uma série de componentes para os quais a interpretação semântica não é uma função compositiva dos elementos que as formam;
3. Lewis (1993) as definem como expressões rotineiras que possuem valor idiomático. Elas são consideradas rotineiras porque são usadas com frequência pelos falantes nativos de uma língua e têm um significado que não pode ser deduzido diretamente a partir do significado literal de suas palavras individuais. Em vez disso, o significado das EIs é baseado em convenções culturais e linguísticas que foram estabelecidas ao longo do tempo. Portanto, as EIs têm um valor idiomático porque são expressões que só fazem sentido dentro do contexto em que são usadas, e não podem ser compreendidas apenas pelo significado de suas palavras componentes;
4. Casadei (1995b; 1996) define as EIs como “expressões polimáticas plurilexicais, com um significante fixo, cujo significado não é composicional, ou seja, não é uma função dos significados dos componentes”; isso significa que o “significante fixo” se refere a uma parte da EI que permanece constante e inalterada em diferentes contextos de uso, enquanto outras partes podem variar. Por exemplo, em “meter o pé na jaca”, o significante fixo seria “pé na jaca”, que mantém sempre o significado figurado, independentemente do verbo que o acompanha (meter, botar, colocar etc.);
5. Moon (1998) considera as EIs (definida como ‘*idioms*’ do inglês) como um subgrupo de um conjunto definido como ‘*fixed expressions*’, ou seja, expressões fixas. Dentro da classe se inserem as EIs, as expressões fixas, os provérbios, as expressões rotineiras, os ditados e similares. Na sua definição específica das EIs, trata-se de expressões semitransparentes e opacas, típicas de uma língua, metafóricas e não identificáveis como a mera soma das partes;
6. Langlotz (2006) descreve as EI como construções institucionalizadas que são compostas por múltiplos elementos, que têm estrutura de “*phrase*” e que podem apresentar idiosincrasia construtiva. São unidades convencionais de palavras que são semanticamente opacas, estruturalmente fixas e limitadas nas

colocações⁵. Pertencem à gramática da língua, desempenhando funções discursivas ideativas, e têm significado figurado, ou seja, suas estruturas semânticas não são composicionais;

7. Wulff (2012, p. 291) define as EIs como uma “classe de expressões que apresentam uma série de características em diferentes graus”. Isso significa que as EIs são um grupo de expressões que possuem diferentes características que as definem, mas que nem todas as EIs têm todas essas características em igual grau. Em outras palavras, há uma variação nas características presentes nas EIs, o que torna difícil uma definição precisa e universalmente aplicável a todas elas;
8. Squillante (2014) identifica as EIs, de um modo geral, como expressões formadas por mais de uma palavra que formam unidades e aparecem cristalizadas no uso. A autora destaca a natureza heterogênea da classe, afirmando que os contornos definidores são vagos e imprecisos, e inclui nos fenômenos idiomáticos não apenas as EIs, mas também os provérbios, as colocações e os modismos.

As EIs ainda podem se configurar como construções linguísticas que vão além do significado literal de suas palavras, apresentando um sentido figurado ou metafórico que é peculiar à cultura de origem da língua. Seguem duas definições nesse sentido:

1. De acordo com Lama e Abreu (2001), as EIs apresentam contextos extralinguísticos que carregam consigo o conhecimento de determinada cultura, e sua compreensão exige não apenas o conhecimento da língua em si, mas também a compreensão dos aspectos culturais que permeiam a sua formação. Em outras palavras, o entendimento das EI está intrinsecamente ligado ao contexto cultural em que elas se inserem, e é necessário um conhecimento aprofundado da cultura de origem para que se possa compreender completamente o seu significado;
2. A partir da definição proposta por Xatara (1998), as EIs são entendidas como unidades lexicais complexas, que possuem um segundo sentido que é conotativo

⁵ Quando define as EIs como “fixas e limitadas em suas colocações”, Langlotz (2006) está se referindo ao fato de que essas expressões têm uma estrutura fixa e geralmente são usadas em contextos específicos. Ou seja, não podem ser modificadas ou adaptadas livremente para serem usadas em diferentes contextos, o que as torna limitadas em suas colocações. Por exemplo, a expressão “meter o pé na jaca” não pode ser alterada para “meter o pé na bola” ou “meter a mão na jaca”.

e marcado culturalmente. Dessa forma, as EIs são caracterizadas por sua cristalização em uma língua, sendo construídas e transmitidas pela tradição cultural de um povo. Como resultado, muitas vezes essas expressões são consideradas intraduzíveis para outra língua, visto que seu significado não pode ser deduzido somente a partir da análise de suas partes constituintes.

Conforme as dez fontes analisadas, não há uma definição consensual sobre Expressões Idiomáticas (EI). Embora haja um consenso em relação à sua característica não composicional e opacidade semântica, os aspectos distintivos ainda não estão claramente delimitados. Além disso, a cultura dos grupos linguísticos falantes desempenha um papel importante na formação e compreensão das EIs, o que torna ainda mais difícil uma definição precisa e abrangente desse fenômeno linguístico. Dessa forma, as EIs são entendidas como unidades lexicais complexas e cristalizadas em uma língua, marcadas por um sentido conotativo, o que as torna muitas vezes difíceis de traduzir ou entender para falantes não nativos.

1.1.2. Características das EIs

Esta seção não pretende oferecer uma análise detalhada das diferentes teorias que se desenvolveram historicamente no que tange à classificação e definição das EIs. Busca-se, sim, dispor um resumo com as principais distinções segundo alguns autores (FRASER, 1970; LAKOFF; JOHNSON, 1980; NUNBERG *et al.*, 1994; CASADEI, 1995a; 1996; 1997; MOON, 1998; LANGLOTZ, 2006; CARDONA, 2008; INZERILLO, 2011; WULFF, 2012; SQUILLANTE, 2014). Cada um desses autores apresenta uma perspectiva particular sobre a definição e classificação dessas expressões, e a inclusão de múltiplas fontes visa fornecer uma visão ampla e abrangente do tema. Além disso, a diversidade de abordagens pode ajudar a esclarecer as diferenças conceituais e metodológicas que existem no campo de estudo das EIs.

A literatura contém um “*pot-pourri*” de listas sobre os supostos critérios definidores das EIs, muitos dos quais se sobrepõem. A depender das propriedades que são levadas em consideração, alguns aspectos podem ser mais enfatizados do que outros. Contudo, o problema da definição está no fato de que não há um limite específico; pode-se, inclusive, falar de um *continuum* de características com base nas quais se define a idiomaticidade de uma expressão, como:

- a) **institucionalização** (*institutionalisation*): refere-se ao grau de convencionalidade e de familiaridade no interior de uma comunidade linguística. Langlotz (2006) considera o critério como parte do *status* gramatical das expressões, ou seja, a expressão é institucionalizada porque faz parte da gramática não como um conjunto de palavras isoladas, mas como um todo;
- b) **convencionalidade**: Casadei (1995a) caracteriza as EIs como um aspecto distintivo do discurso idiomático, que se apresenta como uma alternativa ao modo convencional de falar percebido como típico pelos falantes. A identificação das EIs pode ser realizada através da comparação com expressões similares em outras línguas ou pela comparação da EI com sua tradução literal. Por sua vez, Nunberg (1994) define as EIs como convencionais: apesar de o falante conhecer o significado dos elementos que as constituem isoladamente, o significado da expressão como um todo não pode ser previsto, uma vez que se trata de um uso convencional da língua;
- c) **polilexicalidade/complexidade**: Inzerillo (2011) coloca esse elemento entre as características sintáticas das EIs, afirmando que elas devem ser compostas por pelo menos dois ou mais constituintes lexicais. Moon (1998) acrescenta o critério que ela chama de “ortografia”, pelo qual as EIs são compostas por duas ou mais palavras;
- d) **composicionalidade** (*compositness*) ou **grau de congelamento** (*frozensness*): Langlotz (2006) identifica como composicionalidade a fixidez específica em termos de itens lexicais selecionados e como grau de congelamento a impossibilidade de modificação das EIs em termos de restrições em níveis morfossintático e lexical que impedem algumas operações sintáticas e restringem a escolha dos constituintes lexicais. Na verdade, esses dois elementos geralmente são unidos por outros autores, que definem essa característica como fixidez das EIs em termos da escolha dos constituintes que a compõem. Em uma expressão como “quebrar o gelo”, relacionada a uma situação em que se tenta iniciar uma conversa, não é possível substituir o constituinte “gelo” sem afetar o significado figurado da expressão. A complexidade da EI depende da combinação específica de palavras que a compõem⁶ (LANGLOTZ, 2006; INZERILLO, 2011). Cardona

⁶ Por exemplo, a EI “quebrar o gelo” tem um significado figurado que não pode ser deduzido a partir do significado literal das palavras “quebrar” e “gelo”. Essa expressão é composta por dois constituintes lexicais (ou seja, as duas palavras de conteúdo que a compõem), e é essa combinação específica de palavras que torna a EI

(2008) define a fixidez como cristalização, em termos de coesão interna das expressões. Essa definição pode ser um pouco abstrata, mas basicamente o autor está afirmando que a fixidez das EIs é caracterizada pela coesão interna, ou seja, pela relação estável entre as palavras que as compõem. Essa relação estável é como se fosse uma “cristalização” da expressão, que a torna rígida e inflexível em termos de sua forma. Por exemplo, na expressão “dar o braço a torcer”, as palavras “dar”, “braço” e “torcer” estão conectadas de uma maneira fixa e a expressão não pode ser alterada sem “perder” seu sentido idiomático. Moon (1998) descreve uma “fixidez léxico-gramatical” para considerar as realizações lexicais mais comuns na formação de uma EI, ou seja, a tendência de se usarem certas palavras em combinação com outras para formar EIs, sendo a estrutura gramatical dessas combinações relativamente fixa e previsível. Casadei (1995a) identifica diversos tipos de fixidez:

- i. **fixidez na ordem dos constituintes:** uma EI pode ser fixa na distribuição dos constituintes – por exemplo, a expressão “andar às mil maravilhas”, usada para dizer que algo está indo particularmente bem, “perderia” o sentido se os constituintes fossem invertidos, com o adjetivo na posição pós-nominal “andar a maravilhas mil”;
- ii. **fixidez transformacional:** não são possíveis algumas operações nas EIs. Por exemplo, “João esticou as canelas” não pode ser topicalizada como “as canelas foram esticadas por João” (na voz passiva); tampouco é possível a nominalização de “carta branca” como “a brancura da carta” (PEDRO, 2007);
- iii. **fixidez nas categorias gramaticais:** refere-se àquelas EIs nas quais não é possível modificar tempo, número ou pessoa. Por exemplo, a EI comumente usada para se referir a alguém que está de mau humor ou irritado é “acordou com o pé esquerdo”; não faz sentido dizer “acordou com os pés esquerdos” nem “acordará com o pé esquerdo”;
- iv. **fixidez no inventário de componentes:** é dada pela impossibilidade de substituir, inserir ou suprimir elementos em uma EI. Por exemplo, na expressão “ter coragem de sobra” seria impossível substituir a palavra

complexa. Caso se altere um desses constituintes lexicais (e.g., substituindo “gelo” por “iceberg”), o significado figurado da EI pode mudar ou até mesmo se “perder”.

“coragem” por outra, como “audácia” ou “valentia”, sem que a expressão perca o seu sentido original.

- e) **inflexibilidade:** Nunberg (1994) usa esse critério para explicar a presença das EIs somente em algumas construções sintáticas e a impossibilidade de submeter todas elas a modificações como aquelas possíveis no caso das “*phrases*” livres. Um exemplo de inflexibilidade seria a expressão “dar o braço a torcer”, que não pode ser usada na forma passiva “o braço foi dado a torcer” nem no plural “dar os braços a torcer”, mantendo-se inflexível em sua forma original. Estudos mais recentes (SQUILLANTE, 2014) decompõem a fixidez em mais propriedades, como apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2: Decomposição dos tipos de fixidez

DECOMPOSIÇÃO	DEFINIÇÃO	EXEMPLO
Agramaticalidade	Explica as EIs que podem ser malformadas segundo as regras gramaticais de uma língua, mas que são, mesmo assim, aceitas e compreendidas.	“Não tem de quê!”; “Tremia que nem vara verde!” (OLIVEIRA, 2017 p. 19)
Insubstituibilidade	Explica algumas restrições lexicais e o que Casadei (1995a) define como fixidez no inventário de componentes.	“A torto e a direito” não permite acréscimos, como em “a torto e, se preferir, a direito”. (PEDRO, 2007, p. 61)
Não modificabilidade sintática (inalterabilidade)	Assim como Casadei (1995a) explica as restrições morfossintáticas das EIs; portanto, a ordem não modificável, a não decomponibilidade, a não passivação etc.	“João esticou as canelas” não pode ser alterada para “as canelas esticadas por João”. (PEDRO, 2007, p. 61)

Fonte: adaptado de SQUILLANTE, 2014.

O aspecto das restrições morfossintáticas tem sido bastante estudado (NUNBERG, 1994; CASADEI, 1995a; VILELA, 2002; SQUILLANTE, 2014). A partir dos exemplos apontados por Vilela (2002), é possível constatar as modificações não permitidas pelas EIs (cf. QUADRO 3).

Quadro 3: Modificações não permitidas nas EIs

Expressão idiomática	Tipo de modificação	Exemplo
“Perder a cabeça” a partir da frase “João perdeu a cabeça”	Passivização	“a cabeça foi perdida pelo João”
	Topicalização	“a cabeça o João perdeu”
	Relativização	“a cabeça que o João perdeu” “a cabeça que perdeu o João”
	Modificação do determinante	“João perdeu aquela cabeça”
	Interrogação	“quem perdeu a cabeça?”
	Pronominalização da ação	“o João perdeu-a”

Fonte: adaptado de VILELA, 2002.

Qualquer modificação na estrutura semântica e/ou gramatical de uma EI provocaria a “perda” do seu significado idiomático. Casadei (1995a), no entanto, ao analisar um *corpus* de EIs, identifica como algumas expressões aceitam modificações. Por exemplo, a expressão “quebrar o gelo” permite a passivização “o gelo foi quebrado”, apesar de, no segundo caso, se ter um contexto de uso mais formal e típico do registro escrito (e.g., “o gelo foi quebrado pelo presidente, que iniciou...”).

Isso demonstra que as EIs são semanticamente analisáveis e que, embora não se comportem como uma unidade, é possível compreender seu significado figurado a partir da análise de seus componentes. Mesmo que as EIs possuam uma forma fixa e não sigam as regras gramaticais da língua, a identificação dos elementos que a compõem permite entender como eles se combinam para produzir um significado figurado. Essa afirmação não contradiz as restrições sintáticas e de fixidez destacadas pelos autores anteriores. Em outras palavras, a existência de tais restrições não invalida a possibilidade de analisar semanticamente as EIs e compreender seu significado a partir da análise de seus componentes. A esse respeito, Fraser (1970) propõe uma hierarquia das EIs com base nas modificações que podem ser aceitas. Ele distingue sete níveis (de 6 a 0) de possíveis modificações, reconhecendo também que uma EI de determinado nível aceitará automaticamente modificações de níveis inferiores. Segue o modelo de hierarquia de congelamento (*frozenness hierarchy*) oferecido por Fraser (1970):

- **Nível 6 – LIVRES:** expressões que permitem todas as modificações. Não pode haver EIs desse nível porque isso implicaria o uso de operações como a topicalização e a divisão das estruturas sintáticas, que são impossíveis em uma EI;
- **Nível 5 – RECONSTITUIÇÃO:** expressões que permitem a reconstituição ou a transformação estrutural dos constituintes, como a nominalização de ações – por exemplo, a expressão “passar a bola para” (entendida como passar a responsabilidade para outra pessoa) admitiria a transformação em “passada da bola”;
- **Nível 4 – EXTRAÇÃO:** expressões que permitem a extração de um constituinte (e.g., a passivação). É o caso da expressão “João resolveu um pepino”, que pode se transformar na passiva “o pepino foi resolvido por João”, ou ainda, “Joana deu um barraco”, que pode se transformar “o barraco foi dado por Joana”;
- **Nível 3 – PERMUTAÇÃO:** expressões que permitem a permutação de dois constituintes, ou seja, permitem a mudança na ordem das estruturas sintáticas – por exemplo, a expressão “cair a ficha” pode se transformar em “a ficha caiu”;
- **Nível 2 – INSERÇÃO:** EIs que permitem o acréscimo dos constituintes não idiomáticos – por exemplo, a expressão “dar uma mão” (ajudar), inserida em uma frase, pode se tornar “dar uma mão amiga” (ajudar de forma *amigável*) com a inserção de um adjetivo;
- **Nível 1 – ADIÇÃO:** expressões que permitem acrescentar elementos. É o caso do processo de transformação em gerúndio, que requer a adição de alguns sufixos. Por exemplo, a expressão “dar com a língua nos dentes” pode se tornar “dando com a língua nos dentes” com a adição do sufixo “-ndo” ao verbo;
- **Nível 0 – CONGELAMENTO TOTAL:** expressões que não mudam de modo algum – por exemplo, “aos trancos e barrancos” não permite alteração alguma.

O primeiro nível permite todas as mudanças, enquanto o último implica que nenhuma alteração pode ser feita. Pertencem ao nível 0 algumas EIs que são completamente ininterpretáveis, ou seja, que não podem ser compreendidas literalmente e que não têm um significado claro ou óbvio para aqueles que não estão familiarizados com a língua e a cultura em que é usada (e.g., “agora é que são elas”). Não existem EIs que pertençam ao nível 6,

porque ele permite qualquer tipo de modificação e, conseqüentemente, implicaria a produção de uma expressão livre, e não mais uma EI.

Quanto à pouca flexibilidade lexical e sintática, Gibbs (1980) afirma que depende do grau de decomponibilidade de uma EI, ou seja, quanto mais ela pode ser decomposta e analisada em termos semânticos, mais poderá ser modificada e permitir variações de uso. Casadei (1995a) critica essa hipótese porque não identifica uma relação clara entre os dois elementos, mas propõe uma lista de componentes que influenciam o grau de flexibilidade e produtividade de uma EI. Primeiramente, a idade da expressão incide na sua flexibilidade: quanto mais antiga uma expressão for (e, por isso, possivelmente mais convencional e congelada), menos flexível ela será. Até mesmo a frequência e a familiaridade do uso parecem incidir sobre a produtividade e flexibilidade da expressão: se uma EI é muito usada e bem familiar, é mais provável que o falante possa modificá-la para assumir uma variante com significado diferente. Enfim, ainda incidem sobre a produtividade e flexibilidade da EI os fatores pragmáticos ligados ao uso contextual das EIs.

Como se pode constatar nos parágrafos anteriores, as EIs possuem propriedades únicas que as distinguem das expressões linguísticas convencionais. Além dessas propriedades já mencionadas, existem outras que são descritas por Nunberg (1994):

- f) **figuratividade (*figuration*)**: uma EI muitas vezes contém uma metáfora, uma metonímia, uma hipérbole ou qualquer tipo de figuratividade, sendo que os falantes em geral percebem a presença do significado figurado;
- g) **proverbialidade (*proverbiality*), informalidade (*informality*) e afeto (*affect*)**: as três propriedades mostram uma característica relacionada ao contexto do uso e às funções comunicativas desempenhadas por uma EI. A proverbialidade leva em consideração que as EIs quase sempre descrevem uma atividade mais abstrata em relação a outra mais concreta. A informalidade, por sua vez, diz respeito ao contexto de uso de uma EI associada ao discurso coloquial e ao registro típico da cultura oral. Por fim, o aspecto afetivo corresponde ao tipo de situação que as EIs geralmente denotam: seriam usadas principalmente para expressar um julgamento afetivo ou uma posição avaliativa;
- h) **não composicionalidade (*non-compositionality*)**: a idiosincrasia semântica⁷ é considerada por alguns autores o critério mais relevante e definitivo das EIs. Katz

⁷ Idiosincrasia semântica se refere a uma propriedade de expressões linguísticas que não podem ser compreendidas a partir do significado literal de seus componentes. Isso ocorre porque o significado da expressão

e Postal (1963) afirmam que o significado das EIs não é função dos seus constituintes. Segundo Casadei (1997), as EIs fogem ao princípio de composicionalidade pelo qual o significado de uma expressão seria a soma dos significados das partes que a compõem e, por isso, são marcadas como idiossincráticas. O significado figurado das EIs não pode ser inferido a partir de seus elementos individuais, mas deve ser resgatado diretamente da memória. Casadei (1997) considera a não composicionalidade como propriedade distintiva para desambiguar as EIs das metáforas: as expressões teriam uma estrutura metafórica subjacente não perceptível e seriam consideradas ‘metáforas mortas’, enquanto as próprias metáforas teriam uma estrutura figurativa que é compreensível e dedutível pelos falantes.

A não composicionalidade como propriedade não diz respeito exclusivamente às EIs, porque existem outros elementos na linguagem que a comportam, ou seja, existem outras construções na língua que também não têm um significado completamente previsível a partir do significado literal de suas partes constituintes, como, por exemplo, a frase “sair pela tangente”, que significa evadir-se ou evitar responder diretamente a uma pergunta ou situação, mas não há uma relação direta entre as palavras “sair” e “tangente” com o significado da expressão como um todo. No entanto, a questão ainda é controversa, pois não está claro em que medida uma expressão não composicional pode ou não pode fazer parte das EIs.

A analisabilidade de uma EI é o grau em que um falante pode traçar a relação de significado entre o nível literal e o nível idiomático. A não analisabilidade semântica resultante da não composicionalidade tem sido criticada pela possibilidade de algumas expressões serem passíveis de mudanças. Para responder a isso, Nunberg (1994) havia proposto a presença de um *continuum* linguístico entre composicionalidade e não composicionalidade. Nos parágrafos a seguir, discutem-se as teorias propostas em relação a esse aspecto.

Essas condições, identificadas como propriedades distintivas das EIs, abrangem vários parâmetros sob diferentes aspectos: sintáticos, lexicais, morfológicos, semânticos e pragmáticos. Embora todas elas sejam propriedades identificáveis em uma EI, não estão presentes na mesma medida em todas elas.

depende de sua história cultural e contextual e pode variar de acordo com diferentes falantes e situações de uso. As EIs são um exemplo comum de idiossincrasia semântica.

1.1.3. Classificação das EIs

Como apontado nas seções anteriores, os estudos relacionados às EIs levam em conta critérios diferentes na sua caracterização e definição. O mesmo ocorre no que tange à sua classificação. Porém, não se elencam aqui todas as classificações presentes na literatura, porque isso implicaria não apenas repetições e sobreposições, mas também exigiria um espaço significativo. Procede-se, então, a um compêndio resumido das principais classificações propostas.

Lewis (1993) subdivide as EIs e classifica os elementos lexicais usados na linguagem cotidiana, identificando o que ele chama de “partes lexicais” (*lexical chunks*), que devem ser aprendidos e utilizados para fins comunicativos. Dentre eles, identifica:

- **colocações (*collocations*):** segundo Lewis (1993), são pares ou grupos de palavras que tendem a aparecer juntas com frequência na língua falada ou escrita, devido a convenções linguísticas estabelecidas. Um exemplo de colocação seria “pegar um resfriado”. Em outras palavras, são combinações de palavras que parecem “soar” bem juntas, mas não necessariamente têm uma relação lógica ou gramatical óbvia;
- **frases institucionalizadas (*institutionalised utterances*):** expressões usadas para fins pragmáticos que possuem formas idiomáticas, como as expressões corriqueiras e as fórmulas discursivas – por exemplo, “deixa comigo” ou “em que posso ajudar?” em uma interação em ambiente de trabalho;
- **estruturas e núcleos frasais (*sentence frames and heads*):** expressões que são usadas para deixar um texto coeso e que representam um todo, mesmo sendo formadas por mais elementos. A denominação se refere ao fato de que essas expressões são molduras ou estruturas que fornecem um formato para construir uma frase ou uma parte da frase. Elas consistem em uma “estrutura” básica que é preenchida com outras palavras para criar uma frase completa ou uma parte dela. O termo “*heads*” refere-se ao elemento principal ou núcleo da estrutura, que pode ser uma palavra ou uma expressão. Por exemplo: “em primeiro lugar”, é o núcleo (*head*) da estrutura frasal, e as outras palavras que seguem preenchem o quadro que ela estabelece.

Makkai (1972) concentra-se na composicionalidade semântica das expressões, separando as EIs das não EIs (expressões não idiomáticas) e dividindo aquelas em:

- **EIs de codificação (*idioms of encoding*):** são expressões com uma relação relativamente transparente entre o significado literal e o idiomático; portanto, teriam sentido de acordo com os significados das palavras, mas é necessário um conhecimento pragmático para utilizá-las adequadamente. Em Português, poderíamos definir uma codificação, por exemplo, em “atender a porta”: o significado literal da expressão é claro, mas o seu significado idiomático é diferente e depende do contexto em que é utilizada. É necessário ter conhecimentos pragmáticos para usar essa expressão de forma apropriada, como entender quando é apropriado usá-la para significar receber visitas ou para significar responder a uma chamada de interfone;
- **EIs de decodificação (*idioms of decoding*):** são expressões que não têm um significado perceptível mesmo se as palavras e a gramática da língua forem claras. Um exemplo de uma EI de decodificação é “abrir a caixa de Pandora”. Seu significado não pode ser deduzido a partir dos significados literais das palavras que a compõem: não há uma relação semântica clara entre as palavras “abrir”, “caixa”, “Pandora” e o significado idiomático da expressão. Para compreender o seu significado, é necessário conhecer a história mitológica da caixa de Pandora e a simbologia associada a ela, o que exige conhecimento cultural e contextual.

Moon (1998) coloca as EIs na categoria de expressões fixas (*fixed expressions*). Dividindo as EIs com base em uma abordagem lexicográfica, pragmática e semântica, identifica as seguintes categorias:

- **colocações anômalas:** são expressões não composicionais que não seguem as regras sintáticas e gramaticais da língua. São problemáticas do ponto de vista léxico-gramatical. Estão subdivididas da seguinte forma:
 - a) **colocações malformadas (*ill-formed collocations*):** são convenções que não seguem as regras da língua. Um exemplo seria “*comer um arroz*” em vez de “comer arroz”. “Comer um arroz” é uma expressão malformada, pois “arroz” é uma substância incontável;

- b) **colocações fossilizadas (*cranberry collocations*):** colocações que possuem elementos que estão presentes apenas em uma expressão e não em outras. Um exemplo seria “bife a cavalo”, pois a combinação das palavras “bife” e “cavalo” é específica dessa expressão e não é encontrada em outras colocações ou expressões comuns;
- c) **colocações defeituosas (*defective collocations*):** são expressões que não podem ser decodificadas composicionalmente porque têm um elemento que possui um significado que não se encontra em outros contextos/colocações ou porque um dos componentes está semanticamente vazio. A expressão “fazer vista grossa” é considerada uma colocação defeituosa porque o termo “vista grossa” não tem um significado literal que possa ser deduzido a partir dos significados individuais de “vista” e “grossa”. Em outras palavras, “vista grossa” é um elemento lexical que só faz sentido dentro do contexto da expressão, e não tem uma relação clara e direta com os significados das palavras individuais. Além disso, o termo “grossa” não tem significado semântico específico dentro da expressão, o que o torna semanticamente vazio;
- d) **colocações fraseológicas (*phraseological collocations*):** são expressões que apresentam paradigmas com estruturas não completamente produtivas, ou seja, as palavras que as compõem têm uma relação semântica específica que não pode ser facilmente deduzida apenas pela combinação das palavras individualmente. Em contraste, as colocações defeituosas são expressões que não podem ser decodificadas composicionalmente porque possuem um elemento que possui um significado que não se encontra em outros contextos/colocações ou porque um dos componentes está semanticamente vazio. O exemplo de EI “de cor e salteado” é considerado uma colocação fraseológica, pois apresenta uma estrutura que não é completamente produtiva e é geralmente usada como um conjunto fixo de palavras com um significado específico. Em outras palavras, a relação semântica específica entre as palavras “de cor” e “salteado” não pode ser facilmente deduzida apenas pela combinação dos seus significados individuais. Em contraste, as colocações defeituosas, como “fazer vista grossa”, possuem elementos que não possuem significado em outros contextos e/ou possuem

componentes semanticamente vazios, tornando-os difíceis de serem decodificados composicionalmente.

- **fórmulas (*formulae*):** são expressões consideradas problemáticas do ponto de vista pragmático porque seu uso não é sempre apropriado em todas as situações de comunicação. Embora tenham um significado semântico compreensível, o uso de algumas fórmulas pode ser inadequado ou até mesmo inapropriado em certos contextos comunicativos, o que pode gerar mal-entendidos ou falhas na comunicação. Além disso, algumas formulações podem ser interpretadas de maneiras distintas, dependendo do contexto em que são usadas. São composicionais do ponto de vista semântico, ainda que alguns provérbios e analogias possam ser opacos. Quando dizemos que uma expressão é composicional do ponto de vista semântico, estamos querendo dizer que seu significado pode ser deduzido a partir do significado de seus componentes. Por exemplo, o significado de “nem tudo o que reluz é ouro” pode ser deduzido a partir do significado das palavras. No entanto, nem todas as fórmulas seguem essa regra, e algumas delas podem ser opacas, ou seja, seu significado não é imediatamente aparente. Por exemplo, o provérbio “mentira tem perna curta” não pode ser completamente entendido apenas olhando para o significado de cada palavra individualmente. Ele só faz sentido em um contexto cultural e histórico específico. Os subgrupos são:
 - a) **ditados (*sayings*)**, que também incluem as citações, frases de efeito e truísmos (por exemplo, “olho por olho”);
 - b) **provérbios (*proverbs*)**, sejam metafóricos ou não metafóricos (por exemplo, “se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé”);
 - c) **símiles (*similes*)**, que consistem em estabelecer uma comparação entre dois elementos, geralmente usando a palavra “como” ou “tal como”. Em alguns casos, essas comparações são tão comuns e frequentes que se tornam “paralelismos institucionalizados”, ou seja, tornam-se parte da linguagem coloquial e cultural de uma comunidade de falantes (e.g., “branco como a neve”).
- **metáforas (*metaphors*):** são expressões que utilizam um termo em um sentido figurado, que não pode ser compreendido a partir do sentido literal de suas palavras. De acordo com Moon (1998), existem as “*pure idioms*”, que são expressões puramente idiomáticas e completamente não composicionais, ou seja,

o seu significado não pode ser deduzido a partir do significado de suas partes individuais. Diferentemente das fórmulas, as metáforas não seguem uma regra ou estrutura fixa, e seu significado pode ser altamente subjetivo e contextual. Os subgrupos das metáforas são divididos por graus de transparência, que se referem à facilidade ou dificuldade de compreender o significado figurado da expressão a partir do seu contexto ou do conhecimento prévio do falante:

- a) **metáforas transparentes:** são metáforas cuja imagem é perceptível na decodificação dos falantes. A relação entre o significado literal e o idiomático é clara e compreensível – por exemplo, a expressão “seu coração é uma pedra”, que é uma metáfora pois usa uma comparação implícita entre o coração de alguém e uma pedra para transmitir um significado figurativo. Nesse caso, a metáfora sugere que a pessoa é insensível, fria e incapaz de amar, assim como uma pedra é dura e não tem sentimentos. O significado não é literal, mas sim figurativo. A imagem é facilmente compreensível, e a relação entre o significado literal e o idiomático é clara;
- b) **metáforas semitransparentes:** são metáforas para as quais é necessária alguma familiaridade com o idioma para decodificar a transferência de sentido – por exemplo, “seu relacionamento é um campo de batalha”, embora a relação entre “relacionamento” e “campo de batalha” não seja uma comparação direta e óbvia, a imagem evocada pela metáfora é facilmente compreensível e reconhecida na cultura popular. Além disso, a relação entre as duas partes da metáfora é baseada em uma associação comum entre os conceitos de relacionamento e batalha, onde ambos podem ser caracterizados por conflitos e lutas. A imagem da metáfora é clara para a maioria dos falantes, mas ainda assim é necessário um conhecimento prévio do contexto de guerra para entender completamente o seu significado figurado;
- c) **metáforas opacas:** são completamente não composicionais e sua interpretação literal é impossível sem uma compreensão clara de como o sentido é transferido. Por exemplo, a expressão “uma montanha de problemas” onde o significado da expressão não pode ser deduzido apenas pelo significado de suas partes individuais. A imagem da montanha não tem uma conexão direta com a ideia de problemas, mas é utilizada como

uma comparação para representar a dificuldade ou complexidade da situação.

Moon (1998) destaca que mesmo essa classificação por ela proposta não é satisfatória porque geralmente as expressões se colocam em mais de uma categoria, causando uma série de sobreposições.

Casadei (1994) propõe diversas classificações, a primeira delas fundamentada nas características de fixidez, não calculabilidade semântica e convencionalidade. Ele identifica:

- **estereotípicas:** expressões que, de algum modo, transmitem informações relativas à cultura da comunidade linguística e podem ser “semanticamente esvaziadas por excessivas repetições”. Dentre elas, encontram-se:
 - a) **clichês:** expressões comuns e banais, muito recorrentes, mas não muito restritivas em sua aplicação – por exemplo, “desaparecimento trágico”.
 - b) **corpus de expressões típicas compartilhadas:** reúne provérbios, ditados, citações, máximas, aforismos e referências de citação compartilhadas e representa precisamente o conjunto típico de expressões de determinada comunidade – por exemplo, “Deus ajuda quem cedo madruga”.
- **não estereotípicas:** não estão ligadas a aspectos culturais e/ou folclóricos. Dentre elas, encontram-se:
 - a) **institucionalizadas:** modos convencionais de definir objetos e/ou elementos. Elas são amplamente utilizadas em contextos institucionais, como ambientes profissionais, políticos ou jurídicos, e podem ser facilmente reconhecidas e compreendidas pelos membros da comunidade que as utiliza. Alguns exemplos seriam “bater o martelo” (tomar uma decisão final), “dar o parecer” (emitir uma opinião técnica) ou “vender o peixe” (fazer propaganda de algo);
 - b) **fórmulas linguísticas:** expressões recorrentes em situações discursivo-comunicativas já cristalizadas – por exemplo, “com os melhores cumprimentos”, “atenciosamente”, “cordialmente”.

Do ponto de vista da não composicionalidade, Casadei (1994) divide as expressões em analisáveis e não analisáveis, inserindo entre as analisáveis aquelas que ele chama de diagramáticas e holísticas. As diagramáticas referem-se as todas expressões em que existe

uma relação entre o plano semântico e o plano morfossintático (ou seja, em um *continuum*, é possível perceber a conexão entre os constituintes de uma EI e o significado idiomático), mas ainda é preciso ter conhecimentos extras não ligados à composicionalidade. Já as holísticas são as expressões nas quais a referida relação não é diretamente perceptível e, portanto, é necessária uma reinterpretação do significado com base em outros princípios (ligados ao contexto ou a formas de uso etc.). Com base nisso, Casadei (1994) divide as expressões institucionalizadas com base no grau de idiomaticidade da seguinte forma:

Para as EIs, têm-se:

- **grau 1 (holístico + muito idiomático):** expressões metafóricas e metonímicas de todos os tipos (substantivos, verbos, bi- e trinômios, adjetivos ou advérbios) em que não há relação entre os constituintes e o significado idiomático – por exemplo, “ir de vento em popa”;
- **grau 2 (holístico + idiomático):** expressões metafóricas e metonímicas cujo termo principal designa a classe à qual a expressão pertence – por exemplo, “mulher canhão” (identifica uma mulher);
- **grau 3 (holístico + pouco idiomático):** locuções fixas que não podem ser classificadas como diagramáticas porque não têm uma relação perceptível, mas são pouco idiomáticas, porque apenas um dos constituintes não tem autonomia semântica. Por exemplo, em “levar a melhor”, a composição semântica pode ser compreendida em função dos significados de cada um de seus elementos (“levar” e “melhor”), mas não se trata de uma relação semântica direta e evidente entre eles. Além disso, a expressão é pouco idiomática porque o elemento “melhor” é facilmente compreensível em relação a outros contextos em que é utilizado (e.g., “melhor escolha” e “melhor opção”), mesmo que o seu uso nessa expressão específica seja convencional;
- **grau 4 (holístico + pouco idiomático):** compreende outras locuções gramaticais fixas que são consideradas parcialmente holísticas porque não é possível atribuir um significado a todas as partes que as compõem. Por exemplo, “pelo menos”, embora seja uma locução fixa e comum em LP, não pode ser analisada de forma composicional, e nem todas as suas partes têm um significado claro e independente. Além disso, a expressão não é completamente opaca, já que o seu

significado pode ser inferido a partir do contexto em que é usada. Por isso, é classificada como parcialmente holística.

Dentre as expressões não idiomáticas, estão todas as que não têm um significado previsível, mas são relativamente transparentes:

- locuções verbais com limites apenas distribucionais, como “estar à beira do desespero”. Essas expressões podem ser compreendidas com base na combinação dos significados dos seus componentes individuais, mas a combinação não resulta em um significado idiomático específico. No caso da locução “estar à beira do desespero”, a combinação das palavras “estar”, “beira” e “desespero” resulta em uma expressão que indica que alguém está muito próximo de sentir desespero. O significado é compreendido com base no sentido literal das palavras, mas não há uma interpretação idiomática específica que seja comumente reconhecida;
- locuções verbais técnicas, como “fazer um balanço”. Referem-se a um jargão específico ou linguagem técnica de uma área do conhecimento ou profissão. No caso, “fazer um balanço” é uma expressão comumente utilizada na área contábil e financeira em referência à elaboração de um balanço patrimonial, documento que apresenta a situação financeira de uma empresa em determinado período. Nesse sentido, a expressão é técnica porque se refere a um procedimento específico dentro de um campo de conhecimento, e não tem um significado idiomático ou metafórico que seja diferente daquele que está diretamente relacionado à área de atuação;
- locuções verbais que têm outra leitura do verbo, mas são diagramáticas em termos de leitura figurada, como “tomar sol”. São aquelas que têm uma conexão semântica direta entre o significado literal das palavras e o significado figurado da expressão. Ou seja, mesmo que a leitura literal da expressão seja diferente do significado idiomático, é possível perceber uma relação entre as palavras e o sentido figurado da expressão. No caso de “tomar sol”, por exemplo, a leitura literal é a de que alguém está pegando um objeto chamado “sol”. No entanto, o sentido figurado da expressão é o de que alguém está se bronzeando, se expondo à luz solar.

Ao término dessa análise, Casadei (1994) propõe uma definição do que ela considera ser uma EI “prototípica”, ou seja, as expressões holísticas institucionalizadas e de grau 1 sem outras características - porque as características que as definem não são holísticas, mas outras características linguísticas como fórmulas, clichês, estereótipos. Ela identifica como menos prototípicas aquelas que são caracterizadas tanto por um traço holístico quanto por outras características (como os provérbios) e, por fim, como não idiomáticas aquelas que têm somente outras características (fórmulas, clichês, estereótipos), mas não são holísticas. Apesar da análise detalhada, Casadei (1994) reconhece que sua pesquisa é apenas o começo para uma definição e categorização das EIs.

Squillante (2014) considera os vínculos entre as expressões e propõe uma distinção de expressões com várias palavras em duas grandes classes, que ele considera os polos opostos de um *continuum*:

- **expressões idiomáticas:** são expressões que apresentam as irregularidades comumente descritas como propriedades típicas das EIs – não composicionalidade, fixidez, não modificabilidade morfossintática, não substitutibilidade e agramaticalidade. As EIs devem ter todos os constituintes para transmitir esse tipo de significado, ou seja, não podem ser entendidas através da combinação dos significados literais de seus constituintes. Isso significa que, para transmitir o seu significado não literal, todas as partes da expressão são necessárias. Se faltar um dos constituintes, a expressão pode “perder” o seu significado ou ter o seu significado alterado;
- **colocações:** são expressões (às vezes consideradas parte das EIs, mas aqui consideradas como o polo oposto das EIs) parcialmente cristalizadas na forma, pelo uso e costume ou por outros aspectos linguísticos; são anômalas porque não são substituíveis, mas têm um significado composicional. Um exemplo é: “cabelos castanhos” em vez de “cabelos marrons”.

Squillante (2014) aponta que, enquanto as EIs são resultado de uma fossilização semântica e lexical, as colocações são meramente expressões combinadas de acordo com as regras gramaticais normais, mas têm ligações particulares entre os constituintes.

Nunberg (1994) propõe uma classificação com base na relação entre o literal e o significado idiomático. Ele afirma que existem diferentes graus de decomponibilidade:

- **EIs normalmente decomponíveis (*normally decomposable*):** têm uma relação direta com o significado literal. “Dar um passeio” pode ser considerado um exemplo de EI normalmente decomponível, pois cada palavra da expressão tem um significado literal que pode ser entendido separadamente, e a combinação das palavras forma uma expressão que ainda mantém seu significado literal;
- **EIs anormalmente decomponíveis (*abnormally decomposable*):** têm uma relação entre os planos metafórico e não literal. Exemplos de EIs anormalmente decomponíveis incluem “bater as botas” (para morrer) e “puxar a carroça” (para trabalhar muito). Ambas as expressões possuem um significado figurativo que não pode ser facilmente deduzido a partir de seu significado literal;
- **EIs não decomponíveis (*non decomposable*):** não podem ser parafraseadas e, conseqüentemente, são fixas. Alguns exemplos de EIs não decomponíveis em LP são “pôr a mão na massa” e “custar os olhos da cara”. Em ambos os casos, as expressões têm um significado figurado que não pode ser deduzido a partir do significado literal de suas palavras componentes.

Cacciari e Glucksberg (1991) também subdividem as EIs com base na analisabilidade e categorizaram as expressões com base em sua opacidade:

- **analisáveis opacas:** nelas, a relação entre os significados dos constituintes da expressão e o significado da expressão é opaca, mas os significados individuais das palavras constituintes limitam sua interpretação e uso – por exemplo, “bater as botas”, em que a relação entre o ato de bater e as botas não é clara, mas o significado literal das palavras “bater” e “botas” limitam a interpretação da expressão como significando “morrer”;
- **analisáveis transparentes:** nelas, a relação entre os significados dos constituintes das EIs e o significado figurado é clara porque existem correspondências entre os constituintes e o significado da EI. Por exemplo, em “quebrar o gelo”, “quebrar” pode ser entendido como uma ação que causa uma mudança ou rompimento no estado anterior, enquanto “gelo” pode ser entendido como uma metáfora para uma atmosfera social fria ou tensa. Ou seja, a ideia por trás da expressão é acabar com um clima frio ou tenso e criar um ambiente mais descontraído e acolhedor. Cacciari e Glucksberg (1991) incluem nessa categoria

as EIs que Nunberg (1994) define como normalmente decomponíveis e anormalmente decomponíveis;

- **quase metafóricas:** nelas, os constituintes literais têm um significado metafórico atribuído. Inclui expressões metonímicas. Em geral, são expressões que se referem a conceitos idealísticos ou caracterizam eventos, pessoas e objetos como exemplos de um conceito expresso pela EI. A expressão “não abandonar o barco” é um exemplo de expressão quase metafórica. Ela apresenta uma relação metafórica entre o significado literal das palavras “barco” e “abandonar” e o significado não literal da expressão, que pode ser interpretada como “não desistir” ou “não abandonar uma situação difícil”. A expressão também pode ser considerada uma metonímia, já que o termo “barco” é usado para se referir a uma situação geral ou a um projeto, que deve ser mantido e não abandonado;
- **não analisáveis:** nelas, não é possível qualquer análise do ponto de vista semântico e sintático porque seus constituintes não conferem o significado idiomático de modo algum – por exemplo, “dar à luz”, que significa “ter um filho” e não pode ser compreendida a partir da análise dos significados de suas partes constituintes (dar + a + luz). O sentido da expressão é idiomático e não pode ser deduzido a partir da combinação de seus elementos.

Como é possível ver nesses exemplos, as propostas de classificação são heterogêneas, o que se deve a vários aspectos. Em primeiro lugar, tem-se o fato de não haver critérios precisos e acordados por todos para a definição das EIs – os autores tendem a realizar a sua própria categorização excluindo as expressões que, por uma razão ou outra, não se encaixam nas regras preestabelecidas. Em segundo lugar, tem-se a consideração de diferentes critérios de classificação: as diferentes categorizações analisam diferentes aspectos das línguas, sejam eles semânticos, sintáticos, pragmáticos, morfológicos ou lexicais. No entanto, a classificação mais detalhada e atual parece ser aquela ligada ao modelo de Casadei (1996), que toma a teoria da metáfora (no escopo da Linguística Cognitiva) como ponto de partida para identificar as regularidades das EIs. Casadei (1996) analisa um *corpus* de três mil EIs verbais considerando a natureza idiomática das expressões com base na identificação das propriedades, a sua delimitação e as suas variantes léxico-sintáticas. O autor identifica EIs:

- **icônicas:** representam gestos ou ações que têm um significado simbólico em nível cultural. Descrevem o gesto/ação que tem um significado simbólico convencional – por exemplo: “pôr a mão no fogo (por alguém)”⁸. Subdividem-se em:
 - a) **descritivas:** descrevem de maneira precisa o gesto ou ação que está sendo realizado e que tem um significado simbólico convencional associado a ele. Por exemplo, a expressão “torcer o nariz” descreve o gesto físico de virar o nariz para cima e é usada para transmitir desaprovação ou aversão a algo;
 - b) **evocativas:** descrevem tanto o gesto realizado com um significado simbólico convencional quanto um gesto não realizado fisicamente, mas evocado mentalmente como uma previsão. Por exemplo, a expressão “bater na madeira” é usada como uma superstição para afastar a má sorte, mas que geralmente não envolve bater realmente na madeira, apenas tocar ou fazer um gesto simbólico;
 - c) **metafóricas:** descrevem somente e exclusivamente um estado simbólico/metafórico de um gesto/ação. Por exemplo, “baixar a crista” é uma EI icônico-metafórica porque que tem um significado simbólico ou metafórico. A expressão se refere a alguém que está se exibindo demais, mostrando arrogância ou presunção, e precisa ser rebaixado ou ter seu ego diminuído. O termo “crista” se refere à crista de um galo, que é um sinal de orgulho e agressividade na cultura popular. Portanto, a expressão significa literalmente abaixar a crista do galo, mas metaforicamente significa que alguém precisa ser humilde e menos arrogante.
- **exemplos paradigmáticos:** descrevem uma ação que está ligada ao fazer algo de inútil ou impossível, ou todas as EIs que se referem ao esquema “levar algo para um lugar X onde há em abundância”. Por exemplo, a expressão “falar ao vento” significa falar sem ser ouvido, porque o vento não pode ouvir ou responder. É uma ação inútil. Outro exemplo seria “enxugar gelo”, ou seja, fazer algo que é desnecessário ou redundante, porque o gelo continuará molhado.

⁸ “A expressão vem de uma tortura praticada na época da Inquisição. Uma pessoa acusada de heresia tinha sua mão envolvida em uma estopa e era obrigada a andar alguns metros segurando uma barra de ferro aquecida. Três dias depois, a estopa era retirada e a mão do suposto herege era checada: se estivesse queimada, o destino era a forca; se estivesse ilesa, era provada sua inocência. Daí, botar a mão no fogo virou sinônimo de atestar confiança quase cega em alguém.” (Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/nao-marque-touca-a-origem-de-35-expressoes-populares/>. Acesso em: 28 abr. 2023.)

Essas expressões são consideradas “ideais” porque descrevem uma ação que não tem propósito prático ou que é irrealizável, idealizada apenas em um sentido figurado.

- **metonímias puras:** incluem:
 - a) EIs que descrevem um estado fisiológico ou psicofisiológico descrevendo um estado fisiológico associado, como “fazer nas calças” (nesse caso, as calças como um item de roupa que indica a ação fisiológica de defecar) ou “bater os dentes” (uma expressão que descreve o tremor involuntário dos dentes causado pelo frio, mas que, metonimicamente, representa todo o corpo tremendo de frio);
 - b) EIs que descrevem uma ação por meio de outra que lhe seja parte, causa ou efeito. Um exemplo seria “encher a cara”, que descreve o ato de beber em excesso, utilizando a parte do corpo (a cara) para indicar o efeito da ação;
 - c) EIs que tratam uma ação descrevendo outra associada no nível cultural ou simbólico, como “levantar a bandeira”, que significa expressar publicamente apoio a uma causa ou ideia. A bandeira é utilizada como um símbolo que representa a causa ou ideia em questão, e a expressão se torna uma forma figurativa de mostrar apoio.

Casadei (1996) também identifica uma série de regularidades no nível da metáfora conceitual e as reúne em quatro categorias principais:

- **metáforas sobre o espaço:** incluem expressões que existem em que há uma referência inicial ao espaço. Englobam dois subgrupos: metáforas relacionadas ao modelo de espaço que é metaforizado como um lugar, um local onde as pessoas se posicionam e se movem; e aquelas ligadas à orientação, que se referem ao movimento espacial – por exemplo, “alcançar o pico”;
- **metáforas de eventos:** expressões nas quais o acontecimento é apresentado figurativamente com base em espaço, movimento e forças – por exemplo, “estar na corda bamba”, que utiliza a metáfora do equilíbrio em cima de uma corda para descrever uma situação de incerteza ou dificuldade em que é preciso agir com cuidado para evitar problemas;

- **metáforas de corpo:** expressões que partem do corpo, das atividades e funcionalidades – por exemplo, “ter sangue frio”, que se refere a alguém que consegue manter a calma em situações estressantes. Nesse caso, a temperatura do sangue é usada como uma metáfora para indicar a capacidade de controle emocional;
- **metáforas sobre domínios culturais:** expressões que dizem respeito aos aspectos culturais e às relações sociais humanas, como atividades físicas ou habilidades perceptivas – por exemplo, “colocar as cartas na mesa”.

Cada tipo de grupo metafórico conceitual requer uma série de correspondências baseadas no domínio de origem e no domínio de chegada. Cada metáfora resulta em uma série de EIs que têm como denominador comum a metáfora conceitual de origem. Isso certamente é um ponto de partida para uma classificação que inclua o maior número de EIs presentes numa língua, ou seja, identificar e categorizar as metáforas conceituais subjacentes às EIs é apenas o começo para criar uma classificação completa de todas as EIs presentes em uma língua. Uma vez que se compreende a metáfora conceitual de base, é possível identificar outras EIs que compartilham a mesma metáfora.

Essa classificação de Casadei (1994), embora seja precisa e leve em consideração vários aspectos das EIs, ainda deixa espaço para outras análises adicionais que se façam necessárias devido às mudanças diacrônicas na língua oral. As EIs, na verdade, são típicas da LO, ainda que sejam encontradas em abundância na escrita formal, como no jornalismo. No entanto, enquanto na escrita formal, as EIs tendem a permanecer conservadas e cristalizadas e, dificilmente, são usadas com variações, na fala geralmente se tende a modificar a expressão original, criando-se novas EIs, também com base na linguagem jovem, conforme apresenta Casadei (1994). Por exemplo, a expressão “estar com a corda toda”, cujo sentido original é “estar cheio de energia, disposição, entusiasmo para fazer algo”, é hoje usada pelos jovens como “estar com tudo”. Essa modificação mostra como a expressão original, que já é uma EI, pode ser alterada ou adaptada ao longo do tempo e de acordo com as mudanças na linguagem e na cultura.

1.1.4. Teorias sobre a compreensão das EIs

Vale indagar quais seriam a origem da linguagem figurada e a representação mental das diversas formas idiomáticas, principalmente para explicar a relação entre o nível do

significado literal e o nível do significado semântico. Katz e Postal (1963) distinguem esses dois níveis da seguinte forma:

- significado do enunciado (*utterance meaning*): a soma dos significados das partes que compõem as EIs;
- significado da sentença (*sentence meaning*): se refere ao significado estendido e lexicalizado de uma EI, que vai além da simples combinação dos significados de suas partes constituintes. Esse significado estendido é fixo e é adquirido culturalmente pelos falantes de uma língua, sendo parte do seu léxico.

Quanto maior a distância entre os dois níveis, mais opaca será uma EI. Por exemplo, uma EI como “ficar de boca aberta” é considerada transparente porque o significado é facilmente dedutível, sendo a expressão uma manifestação da emoção que descreve. Uma EI considerada parcialmente transparente é “jogar a toalha”, para a qual é mais complicado entender e deduzir a origem, mas, com o conhecimento da língua e da cultura, é possível inferir a analogia. Por fim, um exemplo de EI opaca seria “estar quebrado”, para a qual é impossível explicitar a relação entre o significado idiomático e o literal.

Apresentam-se, a seguir, as principais teorias propostas para a representação mental das EIs:

- 1) **hipótese da lista de EIs (*idiom list hypothesis*):** Bobrow e Bell (1973) propõem que haja uma lista mental separada para as EIs e outra para todas as outras palavras com significado literal. A hipótese sustenta que haja um processamento mental diferente para as expressões figuradas em comparação com as literais. Ao ler ou ouvir uma EI, o falante tentaria primeiro processá-la literalmente e, em caso de impossibilidade, procuraria na lista idiomática. Essa proposta pressupõe, no entanto, que o processamento literal seja mais rápido que o processamento idiomático. Todavia, outros estudos mostram o contrário. Cacciari e Levorato (1993), por exemplo, mostraram que as EIs familiares eram entendidas mais rapidamente do que as de significado literal. Cardona (2008) sugere que essa diferença pode ser devida ao fato de haver um processamento diferente para as formas mais familiares em comparação com as de baixa frequência;
- 2) **hipótese da lexicalização (*lexicalization hypothesis*):** pressupõe que as EIs sejam armazenadas como “palavras longas” na mesma lista mental em que se

encontram as palavras com significado literal (SWINNEY; CUTLER, 1979). Quando uma pessoa encontra uma EI familiar, inicia-se o processo linguístico de compreensão. No léxico mental do falante, haverá tanto a expressão completa (como uma única palavra) quanto os seus componentes. A compreensão primeira do significado literal ou do idiomático depende da velocidade do processamento linguístico e da familiaridade da expressão. Geralmente, as EIs familiares são compreendidas mais rapidamente que suas equivalentes literais, porque não exigem a análise lexical, sintática e semântica que ocorre normalmente no processamento linguístico;

- 3) **hipótese do acesso direto (*direct access hypothesis*):** Gibbs (1984) sugere que as pessoas são capazes de contornar completamente o significado literal quando há uma EI com um alto grau de convencionalidade e familiaridade. Isso indica que uma EI é processada mais rapidamente que uma palavra literal, ao mesmo tempo que pressupõe que haja um mecanismo identificatório que sugere aos falantes que procurem diretamente o significado idiomático e ignorem o literal. Porém, esse modelo também se mostra falho. O teste de Stroop⁹ demonstra claramente que não é possível ignorar a leitura literal; portanto, é muito provável que, no momento em que o falante se depara com uma EI, ambas as leituras sejam ativadas. Cacciari e Tabossi (1988) demonstram em seus testes como a leitura literal não pode ser inibida, sendo tanto a literal quanto a idiomáticas ativadas desde o início.

Esses três modelos fazem parte de um modelo maior chamado “*direct look-up model*” (modelo de busca direta), o qual pressupõe que as EIs sejam totalmente não composicionais e, portanto, não possam ser compreendidas com base em constituintes individuais, mas devem, de alguma forma, ser armazenadas como uma unidade no léxico mental. No entanto, um outro modelo, que é o comumente aceito hoje em dia, pressupõe que haja um grau de composicionalidade dentro das EIs e que, portanto, elas sejam parcialmente decomponíveis e analisáveis, permitindo que os falantes tenham intuições sobre o seu significado idiomático. Esse modelo é o seguinte:

⁹ O teste de Stroop é um estudo de psicologia cognitiva no qual os participantes têm que pronunciar a cor na qual uma palavra é mostrada, mas que é diferente do significado semântico da palavra (e.g., palavra verde pintada de vermelho). Os resultados mostram que é impossível para os participantes inibir a leitura das palavras, resultando em tempos de reação mais longos e erros em casos incongruentes.

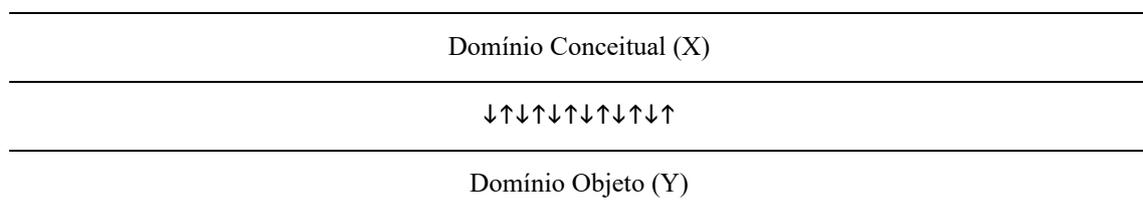
- 4) **hipótese composicional (*compositional hypothesis*)**: baseia-se no fato de que a não composicionalidade ou a composicionalidade de uma EI não seja fixa, mas disposta num *continuum*, conforme a proposta de Nunberg (1994). A hipótese é que o processamento linguístico aconteça paralelamente à busca direta (*direct look-up*) proposta pelas teorias anteriores. Cacciari e Tabossi (1988) demonstraram a efetiva aplicação do modelo, com alguns testes desenvolvidos com falantes. Os resultados mostraram que os dois processos realmente ocorrem simultaneamente, mesmo que o reconhecimento da EI não ocorra até que o falante a distinga como uma configuração, como uma unidade. Essa simultaneidade se remete à hipótese da configuração (*configuration hypothesis*) (CACCIARI; TABOSSI, 1988), segundo a qual a leitura do significado idiomático não acontece até o momento da leitura da “chave idiomática” (*idiomatic key*), ou seja, o constituinte que caracteriza a EI e ativa a leitura idiomática. Segundo essa hipótese, o falante reconheceria a EI como unidade no momento da leitura desse constituinte característico e, portanto, a velocidade de compreensão dependeria do posicionamento dessa chave idiomática no início ou no fim da EI. Essa proposta da chave idiomática foi depois criticada porque, em alguns casos, EIs muito familiares e convencionais podem ser compreendidas, com base no contexto, desde a primeira palavra, sem que necessariamente seja aquela caracterizante.

Conforme Pasin (2021) a hipótese composicional é aquela que melhor se adequa atualmente aos conhecimentos e estudos realizados sobre as EIs. Foi demonstrado que não é possível inibir a leitura literal dos constituintes que formam uma EI e, portanto, todos os modelos que postulam uma supressão (*by-pass*) da leitura não podem ser verdadeiros. Ao mesmo tempo, deve ser levado em conta que a linguagem é por si só composicional e, do mesmo modo, o são as EIs, embora existam diferentes graus de composicionalidade e, portanto, de analisabilidade.

Alguns estudiosos têm realizado análises para entender se os falantes percebem o significado idiomático de uma expressão, qual é a motivação por trás da EI que permitiria uma compreensão mais rápida e qual é a produtividade de uma EI. Lakoff (1987) e Gibbs (1987) são os primeiros a elaborarem uma teoria da metáfora que pressupõe a presença de uma estrutura subjacente às EIs, chamada metáfora conceitual. Essa teoria surgiu para responder à possibilidade da presença de um mecanismo de transferência de sentido que levasse em

consideração a passagem do significado literal para o idiomático sobre dois domínios diferentes. Essa teoria é apoiada por estudiosos da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987; 1991), segundo os quais as EIs são, de fato, representações linguísticas dessas estruturas mentais metafóricas chamadas metáforas conceituais. A metáfora conceitual parte de um domínio de origem (X) e chega a um domínio-alvo (Y); entre eles se cria uma série de correspondências que dão origem às várias EIs (cf. Quadro 4).

Quadro 4: Metáfora conceitual



Fonte: adaptado de CASADEI 1994, p. 67.

O objetivo dessa proposta é encontrar regularidades nas EIs que sejam capazes de explicar uma regra de criação e as intuições dos falantes. Casadei (1994) propõe que o objetivo dessas metáforas conceituais seja, como proposto pela propriedade de proverbialidade, explicar algo de abstrato e complicado de entender em relação a algo concreto, especialmente ligado a aspectos físicos e experienciais e, conseqüentemente, facilmente acessíveis. Além disso, a teoria presume que exista uma “motivação experiencial” por trás das correspondências entre domínios, ou seja, que a transferência de significado não seja arbitrária, mas sim ligada a experiências físico-perceptivas.

Deduz-se que existe uma razão por trás do significado convencional das EIs, razão essa que se refere a uma estrutura maior que as governa. Isso também explicaria a semelhança de algumas EIs com uma imagem comum. Essa estrutura seria uma metáfora conceitual, que é uma maneira de entender como as pessoas usam a linguagem para expressar ideias complexas por meio de imagens ou analogias. A hipótese é que, por trás do significado literal das palavras usadas nas EIs, há uma imagem ou analogia que as pessoas usam para entender o significado convencional. É claro que essa teoria não consegue prever todos os significados idiomáticos ou ligar todas as expressões a uma metáfora conceitual comum, uma vez que, como em todas as regras, existem exceções; da mesma forma acontece com algumas EIs que não são reduzíveis a metáforas conceituais.

A proposta introduzida por Lakoff e Johnson (1980) e depois desenvolvida por Casadei (1994) propõe utilizar como fórmula ‘o domínio X e o domínio Y’ para explicar os dois polos de conexão para as correspondências. Um exemplo seria a metáfora conceitual básica de que as ações e/ou os acontecimentos são percursos. A base experiencial da metáfora está na visão das ações, como o movimento de um lugar para outro (um percurso de fato), com a ideia de que se deve fazer algo para obter algo mais. Casadei (1994) propõe um esquema de imagem que surge dessa metáfora e que se resume da forma exibida no Quadro 5.

Quadro 5: Esquema figurativo da metáfora conceitual

Ponto de partida X
Ponto de chegada Y
Distância entre X e Y e pontos intermediários
Sujeito que se move
Direção do movimento
Meios de mudança
Modos para ir de X a Y

Fonte: adaptado de CASADEI, 1994, p. 67.

A partir desse esquema surge uma série de correspondências relacionadas à ação, ao movimento, ao progresso em direção a um objetivo etc. Daí várias EIs que se referem a essa estrutura conceitual: “estar na linha de partida”, “ter sinal verde”, “começar com o pé direito”, “às vezes é preciso dar um passo atrás para poder dar dois à frente”, “voltar ao ponto de partida” e assim por diante. Para todas essas expressões, é possível fazer uma viagem de volta e encontrar a metáfora conceitual inicialmente proposta como um nó comum. Essa proposta pode ser útil ao categorizar ou classificar uma EI, tentando agrupar logicamente as várias expressões.

Por fim, a abordagem da teoria relacionada às EIs nas línguas orais também ecoa na compreensão das EIs nas LS. A partir da compreensão da definição, das características e das classificações das EIs, é possível estabelecer um ponto de partida para a análise das EIs presentes nas LS. Dessa forma, essa abordagem teórica se apresenta como um alicerce para a

compreensão das EIs nas LS e, mais especificamente, da Libras e para a análise de como essas expressões são formadas e interpretadas nesse contexto particular.

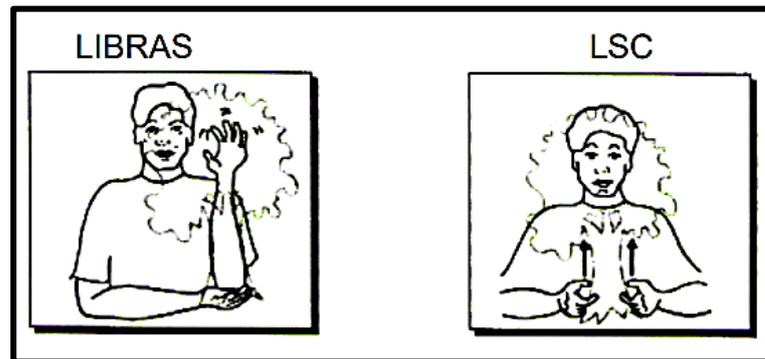
1.2. EIs nas LS

Na primeira seção, foram discutidos os diversos aspectos relacionados às EIs. Agora, apresenta-se como as EIs são usadas nas LS, que são línguas naturais viso-espaciais usadas pela comunidade surda em todo o mundo. Além disso, aborda-se a questão da iconicidade presente nas LS, a qual se refere à capacidade das LS de representar conceitos e ideias de forma visual e gestual. Por fim, descreve-se a estrutura linguística das LS e como isso se relaciona com o uso de EIs nesse contexto.

As línguas naturais estão disponíveis em duas modalidades: orais ou sinalizadas. Ambas se desenvolvem naturalmente nas comunidades e ambas possuem uma estrutura linguística interna complexa (CORREA, 2007). Assim como nas LO, nas LS também existem EIs, as quais têm um significado não composicional, ou seja, não ligado ao significado de seus componentes (ALMEIDA, 2010). Em Libras, essas EIs são expressas por meio de sinais e movimentos que incorporam a iconicidade da língua, tornando-a rica e significativa para a comunidade surda. Os processos de formação de sinais frequentemente seguem um processo de mapeamento icônico que se baseia nas características físicas do evento, ação ou objeto descrito. Como afirma Russo (2004, p. 78), “quem tenta aprender uma língua de sinais talvez experimente a curiosa sensação de compreender a matriz icônica das figuras gestuais que se desenham diante dos olhos, no discurso sinalizado [...]”. Esse aspecto de iconicidade das LS tem sido amplamente estudado na literatura, com destaque para como ele ajuda na compreensão de LS estrangeiras (CORAZZA; VOLTERRA, 1988).

Como apresenta Costa (2012), nas LS, o aspecto icônico é intrínseco à criação de alguns termos. Muitos sinais na verdade são motivados por uma ação ou pelas características de um objeto. Um exemplo é o sinal de árvore em Libras e em Língua de Sinais Chinesa (LSC). A Libras destaca o aspecto do tronco e do caule da árvore, enquanto a LSC seleciona apenas o aspecto do tronco (STROBEL; FERNANDES, 1998).

Figura 1: Libras e LSC



Fonte: adaptada de STROBEL; FERNANDES, 1998, p. 5.

Conforme Strobel e Fernandes (1998), as diferentes LS escolhem um aspecto icônico específico que é transferido para o sinal e o torna representativo. Isso acontece porque as diferentes LS escolhem aspectos diferentes da iconografia. A seleção dos aspectos icônicos considerados relevantes nas diferentes línguas é completamente arbitrária; portanto, cada LS pode escolher um aspecto relevante diferente. A presença do icônico nas LS também abrange o uso de diferentes figuras de linguagem.

Os aspectos específicos das LS são abordados a seguir, com enfoque na iconicidade (seção 1.2.1) e na estrutura linguística (seção 1.2.2).

1.2.1. A iconicidade nas LS

Quadros destaca que as LS são arbitrárias porque “as palavras e sinais apresentam uma conexão arbitrária entre forma e significado, o que significa que, dada a forma, não é possível prever o significado, e dado o significado, não é possível prever a forma” (QUADROS, 2004, p. 26). No entanto, a questão aparentemente paradoxal da iconicidade chama a atenção dos linguistas, que oferecem diferentes explicações para a sua presença nas LS. De acordo com Friedman (1977 *apud* WILCOX, 2000, p. 38), a iconicidade e os mecanismos fonológicos e gramaticais icônicos em Língua de Sinais Americana (ASL) e em outras línguas de sinais são altamente convencionalizados. Na LS, a iconicidade não indica falta de convencionalismo; pelo contrário, a modalidade visual/gestual se aproveita dos estímulos visuais que a linguagem no modo visual oferece, diferentemente das LO.

As LS utilizam o espaço e dimensões para transmitir seus mecanismos linguísticos e semânticos, sendo percebidas visualmente devido à sua codificação espacial-visual. Isso faz com que apresentem frequentemente formas icônicas que tentam reproduzir visualmente o

referente. De acordo com Ferreira Brito (1998), a iconicidade é mais evidente nas LS do que nas LO devido à concretude e tangibilidade do espaço. As LS se aproveitam das oportunidades icônicas disponíveis, que não estão presentes nas LO, utilizando a articulação espacial para veicular significados através das dimensões espaciais.

Nesse aspecto da iconicidade, Boyes-Braem (1981), em um estudo sobre a metáfora conceitual na ASL, investigou os parâmetros formacionais da ASL, identificando que havia uma metáfora visual na base de alguns parâmetros, como configuração e localização, que evocava uma série de características icônicas. Transpondo o raciocínio para a Libras, a configuração “S”, por exemplo, é frequentemente usada para sinais que se referem a um objeto que se segura, como MALA, CARRO ou VASSOURA. Da mesma forma, parece que a maioria dos sinais feitos na testa está relacionada a aspectos mentais ou a ações ligadas à mente e ao pensamento, enquanto sinais realizados no peito estão ligados a sensações e emoções. Um traço característico da ação ou objeto é escolhido para representar iconicamente o referente, ou seja, em LS se usa um sinal icônico que se assemelha visualmente ao objeto ou ação em questão. Por exemplo, o sinal para “andar de bicicleta” em Libras pode ser formado por um movimento das mãos que imita os pedais da bicicleta. O estudo de Boyes-Braem (1981) identifica um uso pervasivo da metáfora nas LS que nos ajuda a compreender o processo de criação de uma EI desde o nascimento do sinal a partir de uma característica icônica até a cristalização no vocabulário.

Outro aspecto relacionado à iconicidade nas LS são os classificadores, ou seja, os “componentes dos sinais que, através da forma da configuração, denotam uma categoria de coisas: objetos ou seres animados” (RUSSO, 2004, p. 96) e fazem parte integrante do discurso sinalizado. Eles também são definidos como estruturas altamente icônicas (CUXAC; SALLANDRE, 2007) por sua capacidade de se referirem iconicamente ao objeto em questão. Eles não são parte do dicionário, pois não têm uma forma fonológica predefinida, mas fazem parte do cotidiano da comunidade surda. Por exemplo, o classificador 32 apresentado na Figura 2 (conforme Anexo 1) pode ser usado para denotar PESSOA-ESCORREGANDO, PESSOA-DEITADA ou PESSOA-PARADA.

Figura 2: Configuração da mão “32”



Fonte: adaptado de FELIPE, 2006, p. 28.

Além dos classificadores, o processo de personificação típico das LS denota uma forte iconicidade, pois exige que o sinalizador assuma um papel, ou seja, ao fazer a personificação, o sinalizador deve se colocar no lugar de um referente animado ou inanimado, assumir o papel daquele referente e agir como se fosse ele. Essa técnica é utilizada nos sinais do dia a dia, como estratégia linguístico-comunicativa em alguns gêneros (como o poético-narrativo) ou como forma de esclarecer detalhes de uma situação específica (*e.g.*, para relatar um incidente). Através da personificação, a pessoa se coloca no lugar de terceiro e imita suas ações (SILVA; BRAVIM, 2019).

A iconicidade na gramática das LS e de modo particular, em Libras, é muito importante e está presente em vários aspectos da língua. Por exemplo, as relações de concordância gramatical, como gênero, número e pessoa, são indicadas através de movimentos e configurações de mão que representam as características dos referentes envolvidos. Além disso, a ordem das palavras nas frases também pode ser influenciada pela iconicidade, com a posição dos sinais refletindo a relação espacial ou temporal entre os elementos da mensagem. Outro exemplo é a marcação verbal de tempo, aspecto e modo, que são expressos por meio de sinais específicos que incluem gestos e movimentos que refletem a natureza da ação ou evento em questão.

1.2.2. As estruturas linguísticas da Libras

A Libras, como toda LS, é uma língua gestual-visual, pois utiliza como meio de comunicação movimentos corporais e expressões faciais, percebidos pelo olhar (FERNANDES, 2003; SOUSA, 2010). Isso a diferencia da LP, que é uma língua oral-auditiva e utiliza sons articulados que chegam aos ouvidos. Focando os estudos brasileiros sobre LS,

destacam-se Ferreira-Brito (1997, 2010), Felipe (1997, 2006), Quadros e Karnopp (2004), Faria-Nascimento (2009) e Nascimento (2010).

As estruturas gramaticais dessas línguas também são distintas (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2005). Enquanto a LP possui uma estrutura gramatical linear, baseada na ordem dos termos na frase, a Libras utiliza a espaço-visualidade e a configuração de sinais para indicar diferentes funções gramaticais, como sujeito, objeto e verbo (FERREIRA, 2010). Além disso, a Libras não possui conjugação verbal, mas sim marcas que indicam o tempo e a continuidade da ação.

Há uma similaridade entre todas as línguas na estruturação a partir de pequenas unidades que formam combinações mais complexas. Em outras palavras, todas as línguas possuem os seguintes níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Conforme Felipe (1997), no nível fonológico, as línguas são compostas por fonemas, os quais não possuem significado próprio, mas, através de regras linguísticas, são combinados para formar morfemas e, posteriormente, palavras. Por exemplo, em LP, os fonemas {M} {N} {E} {I} {A} {S} podem se unir para formar a palavra “meninas”. No nível morfológico, a palavra “meninas” é composta pelos morfemas {MENIN} {A} {S}, cada qual com um significado distinto. O morfema {MENIN} é o radical da palavra e significa “criança”, enquanto o morfema {A} indica o gênero feminino e o morfema {S} indica o plural. No nível sintático, uma palavra pode ser combinada com outras para formar frases, que precisam ter coerência e significado dentro de um contexto. Isso se relaciona aos níveis semântico (significado) e pragmático (sentido no contexto).

O estudo das línguas é fundamental para compreender a comunicação humana em suas diversas formas. Nesse sentido, tanto as LO quanto as LS possuem aspectos comuns que evidenciam a natureza linguística inerente à nossa espécie. Almeida (2013) identifica esses aspectos que unem as LO e as LS, tais como a presença de elementos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos que permitem a expressão de ideias e a construção de significados em ambas as formas de comunicação:

- **arbitrariedade:** o significado da palavra não pode ser determinado apenas pelo seu aspecto. Nas LS, há uma presença maior de iconicidade, mas a arbitrariedade ainda é predominante. Embora alguns sinais apresentem uma iconografia facilmente reconhecível, muitos outros não possuem uma aparência que permita uma dedução imediata de seu significado;

- **comunidade:** trata-se de um elemento importante para o desenvolvimento da língua. Na maioria dos casos, as crianças surdas aprendem a LS com membros da família ou outros membros da comunidade surda. Além disso, a escola é um local importante para o aprendizado da Libras e da cultura surda. Existem também associações e organizações de surdos que promovem a LS e a cultura surda. A Libras apresenta variações linguísticas que podem ocorrer por diversas razões, como por região geográfica, idade e nível de escolaridade. Essas variações podem ser observadas em diferentes aspectos da língua, como na gramática, no vocabulário e na entonação. A compreensão dessas variações é importante para a comunicação efetiva entre os falantes da LS;
- **sistema linguístico:** há regras para a formação de palavras, frases e expressões nas LS. Por exemplo, em Libras, a ordem dos sinais na frase segue uma estrutura sintática que é diferente daquela da LP. Além disso, há regras específicas para a formação de sinais, como a combinação de configurações de mão e movimentos para produzir diferentes significados;
- **produtividade:** as línguas possuem um sistema de regras que permite a combinação de palavras e estrutura sintática para criar novas frases e expressões, tornando a comunicação mais flexível e adaptável às necessidades dos falantes. Em Libras, essa produtividade é possível por meio da combinação de sinais básicos, classificadores, expressões faciais e outros elementos gramaticais que permitem a criação de novos enunciados;
- **aspectos contrastivos:** as unidades fonológicas são estabelecidas através de oposições contrastivas. Em outras palavras, a mudança de uma unidade fonológica (fonema) afeta o significado da palavra;
- **evolução e renovação:** as línguas estão sempre mudando, com algumas palavras caindo em desuso e outras sendo adicionadas para ampliar o vocabulário. Além disso, as palavras podem ganhar novos significados;
- **aquisição:** o processo de adquirir qualquer língua é natural, desde que haja um ambiente favorável desde o nascimento;
- **funções de linguagem:** as línguas podem ser analisadas segundo as funções referencial, emotiva, conotativa, fática, metalinguística e poética;
- **processamento:** apesar de serem produzidas e percebidas de formas diferentes, as LO e as LS são processadas na mesma região cerebral.

Os falantes de qualquer língua têm a capacidade de se expressar de formas diferentes, adaptando o seu modo de fala ao contexto em questão, ou seja, ao registro. Todas as línguas têm diferenças em seu uso em relação ao local, grupo social, idade e gênero (PRETI, 1994; STROBEL; FERNANDES, 1998).

Nas LS, as unidades básicas de significado são chamadas de sinais, os quais não possuem significado isolado, mas sim em contexto. Como explica Almeida (2013), o que é chamado de palavra ou item lexical nas LO é chamado de sinal nas LS. Alguns linguistas, como Ferreira-Brito (1998; 2010), Felipe (1997; 2006), Quadros e Karnopp (2004), Faria-Nascimento (2009) e Nascimento (2010), identificam características distintas em Libras que estão presentes em todas as LS, como a utilização de sinais simultâneos, o uso do espaço e a ordem resultante. Ao contrário das LO, onde a ordem das palavras é crucial para a compreensão do significado da frase, nas LS a colocação das palavras pode variar, desde que o significado da frase seja mantido. Em geral, em Libras, é possível alterar a ordem das palavras em uma sentença sem que isso afete significativamente o sentido geral da mensagem transmitida. No entanto, é importante destacar que essa flexibilidade não é absoluta e existem casos em que a mudança na ordem das palavras pode influenciar o significado da mensagem.

As LS têm ordem e estrutura frásica diferentes das LO, e o importante não é seguir uma sequência fixa de sinais, como acontece nas LO (palavra por palavra). Por exemplo, em LP, a ordem padrão é sujeito-verbo-objeto (SVO), como em “Eu como pão”. Em Libras, a ordem das partes da frase pode variar com mais facilidade e não seguir necessariamente a ordem SVO, podendo ser modulada para enfatizar ou destacar determinadas informações. Em LP, também é possível utilizar a ordem de objeto-sujeito-verbo (OSV), como em “Pão, eu como”, e outras variações de ordem de palavras que ainda mantêm o sentido da mensagem; essas variações são mais comuns em situações literárias, poéticas ou em contextos informais de conversação. No entanto, a ordem padrão de sujeito-verbo-objeto (SVO) é a mais comumente utilizada na comunicação cotidiana e formal em LP. Ademais, a Libras também possui variação semântica. Alguns sinais podem ter significados sinônimos, enquanto outros podem ser homônimos (STROBEL; FERNANDES, 1998).

Os sinais são os elementos lexicais da língua. Em Libras, os sinais são formados pela combinação de unidades mínimas chamadas parâmetros, que se juntam para formar unidades mais complexas. De acordo com Felipe (1997, p. 84), a Libras possui cinco parâmetros que podem ser comparados aos fonemas e, às vezes, aos morfemas das LO:

- **configuração de mãos (CM):** a formação dos sinais depende da combinação de movimentos das mãos com determinadas configurações, as quais podem ser feitas com uma ou ambas as mãos e podem incluir formas do alfabeto manual (datilologia) ou outras formas criadas pelo sinalizador (cf. Apêndice);
- **ponto de articulação (PA):** é o local onde ocorre a configuração da mão, podendo ser uma parte do corpo ou um espaço imaginário à frente dele. Por exemplo, os sinais TRABALHAR e BRINCAR são realizados no espaço neutro, que é um espaço imaginário em frente ao sinalizador que não está associado a nenhuma parte específica do corpo. Já os sinais APRENDER e PENSAR são produzidos na testa, que é um exemplo de ponto de articulação que representa o local onde ocorre o processo cognitivo.;
- **movimento (M):** alguns sinais podem ser feitos com movimento, enquanto outros, não. Por exemplo, os sinais TRABALHAR e BRINCAR são feitos com movimento, enquanto o sinal PENSAR não possui movimento. O movimento ou a ausência de movimento pode afetar o significado dos sinais e a sua interpretação pelos destinatários;
- **orientação (O):** os sinais podem ter uma direção específica, e mudar essa direção pode significar uma ideia de oposição, contrariedade ou concordância de número e pessoa;
- **expressão facial e corporal:** muitos sinais têm uma configuração que inclui expressões faciais e corporais distintas, tornando-os únicos e diferenciáveis. Por exemplo, os sinais TRISTE e CANSADO possuem uma expressão facial e corporal específica que reforçam sua significação. As expressões faciais são divididas na Libras em duas categorias: as **expressões faciais afetivas**, que são aquelas relacionadas a emoções e sentimentos, como felicidade, tristeza, raiva, medo etc.; e as **expressões faciais gramaticais**, que são aquelas que ajudam a identificar o tipo de discurso (afirmativo, negativo, interrogativo etc.), o tempo verbal (*i.e.*, presente, passado, futuro) e a modalidade (obrigação, possibilidade, permissão etc.). As expressões faciais gramaticais se subdividem em lexicais e sentenciais. As expressões faciais gramaticais são usadas para modificar ou enriquecer a informação dos sinais, sejam eles lexicais (que representam uma palavra) ou sentenciais (que formam uma frase). Elas podem ser usadas para indicar pergunta, afirmação e negação, dentre outros aspectos gramaticais.

Portanto, a Libras é a combinação de diferentes parâmetros, tais como configuração das mãos, ponto de articulação, movimento, orientação, expressão facial e expressão corporal, que formam as palavras e as frases dentro de um contexto específico.

A significativa diferença na estrutura gramatical entre a LP e a Libras evidencia a complexidade na realização da tradução das EIs e na compreensão da iconicidade presente na Libras. A tradução de tais elementos pode representar um desafio adicional para o TILSP, que deve ter em consideração as particularidades linguísticas e culturais. Diante dessa perspectiva, o próximo título objetiva apresentar estratégias tradutórias e possíveis problemas que podem ser enfrentados na tradução das EIs, com foco no tema da (in)traduzibilidade das EIs entre a LP e a Libras.

1.3. Questões tradutórias

Esta seção se subdivide em duas. Na primeira, trata-se de tradução em geral, com enfoque em noções de equivalência textual e correspondência formal. Na segunda, trata-se dos problemas e abordagens envolvidos na tradução de EIs.

1.3.1. Equivalência e mudança

A tradução permite a comunicação entre diferentes línguas e culturas, possibilitando a troca de conhecimentos e ideias (BRISLIN, 1976). No entanto, pode ser um desafio quando se trata da tradução das EIs. No caso da Libras, a estrutura gramatical e a iconicidade podem tornar desafiadora a tradução dessas expressões.

O tradutor/intérprete assume a posição de agente responsável pela comunicação de mensagens entre as línguas, considerando as ideias e valores culturais e discursivos subjacentes (AKBARI, 2013). Para realizar essa tarefa, existem estratégias que podem auxiliar o tradutor/intérprete. As estratégias de tradução consistem em planos conscientes elaborados pelo tradutor/intérprete para resolver problemas específicos durante a realização de uma tarefa. Essas estratégias em geral implicam uma busca por equivalência entre as línguas, considerando a mensagem, o efeito e/ou a intenção do texto-fonte (TF).

A questão da equivalência é amplamente debatida nos Estudos da Tradução, abrangendo tanto a sua definição quanto os métodos para estabelecer a equivalência entre TF e suas traduções correspondentes (MUNDAY, 2008). Nos Estudos da Tradução, diversos trabalhos (*e.g.*, DA SILVA, 2012; DA SILVA; PAGANO, 2017) se apoiam em Catford

(1965), para quem “definir a natureza e as condições da equivalência de tradução” (CATFORD, 1980, p. 23) é uma tarefa central numa teoria linguística da tradução.

Catford (1980, p. 22) define tradução como “a substituição de material textual numa língua [...] por material textual equivalente noutra língua”. O autor estabelece uma distinção entre equivalência textual e correspondência formal: “um equivalente textual é “qualquer texto ou parte de texto da LM (Língua Meta) que, em uma ocasião específica, pode ser observado como o equivalente de determinado texto ou parte de texto da LF” (CATFORD, 1980, p. 29); e “um correspondente formal é qualquer categoria da LM (unidade, classe, estrutura, elemento de estrutura, etc.) que ocupa, tanto quanto possível, na ‘economia’ da LM, o mesmo lugar que uma determinada categoria da LF ocupa na LF”. Sendo assim, estabelecer correspondência formal entre um TF e sua tradução é um processo frequentemente difícil, dadas as diferenças inerentes aos sistemas linguísticos envolvidos; no entanto, sempre é possível estabelecer equivalências entre os textos do ponto de vista funcional, uma vez que, mesmo que não exista correspondência formal em determinado nível, a equivalência textual pode ser encontrada em um nível superior (CATFORD, 1965, 1980). Em outras palavras, estabelecer equivalências entre textos é uma tarefa viável, enquanto a correspondência formal é uma operação complexa e aproximada (CATFORD, 1965, 1980).

Catford (1965, 1980) destaca que a relação entre equivalência textual e correspondência formal tem relevância por dois motivos distintos. O primeiro deles diz respeito ao fato de que “o grau de diferença entre a equivalência textual e a correspondência formal pode ser usado como medida de diferença tipológica entre línguas” (CATFORD, 1980, p. 36). Já o segundo motivo está relacionado às mudanças (*shifts*) que se observam quando se comparam TF e TA.

O autor propõe três tipos amplos ou categorias de tradução que se configuram em eixos de tensão distintos.

O primeiro tipo está relacionado ao volume ou extensão do que é traduzido, podendo haver tradução plena e tradução parcial. Na tradução plena, todo o material textual na LF é substituído por seu equivalente na LA. Já na tradução parcial, algumas partes do TF são incorporadas ao texto traduzido, enquanto outras não são traduzidas. Catford (1965) justifica a utilização desse procedimento com base em um objetivo estilístico de conferir, no TA, a autenticidade cultural do TF. Essa técnica pode ser aplicada quando um item lexical é considerado intraduzível ou difícil de ser traduzido, ou, ainda, quando sua substituição poderia alterar o sentido original do texto.

O segundo tipo está relacionado ao nível da tradução, que pode ser total ou restrita. A tradução total visa substituir a gramática e o léxico da LF por equivalentes na LA, com consequente substituição de fonologia/grafologia. Em contrapartida, a tradução restrita é um tipo de tradução que se concentra em apenas um nível (o léxico, a gramática, a fonologia ou a grafologia).

O terceiro tipo está relacionado à ordem (ou plano) de tradução, que pode ser não limitada à ordem ou limitada à ordem. Na tradução não limitada, “as equivalências se deslocam para cima e para baixo na escala de ordem” (CATFORD, 1980, p. 27). Na tradução limitada à ordem, faz-se sempre uma tentativa de escolher equivalentes da LM na mesma ordem” (CATFORD, 1980, p. 27). No caso, a ordem se refere, por exemplo, à palavra, ao grupo (ou sintagma) ou à oração. Catford (1965, 1980) aponta que a tradução de EIs é um caso de tradução não limitada.

Nos casos em que não é possível identificar correspondência formal TF e TA, ocorre o que Catford (1965, p. 73-82) chama de “mudanças” (*shifts*). As mudanças surgem quando é possível encontrar equivalentes textuais, mas não correspondentes formais entre os TF e TA (CATFORD, 1965, 1980). São dois os tipos de mudança:

1. mudança de nível: ocorre no âmbito do contínuo léxico-gramatical e implica que algum significado gramatical da LF é expresso no léxico da língua-alvo, ou vice-versa (*e.g.*, o português tem formas verbais para o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito, mas no inglês não há formas que distingam o perfeito e o imperfeito no pretérito, o que se no nível lexical ou de forma implícita pelo contexto);
2. mudança de categoria: ocorre quando as equivalências se deslocam entre categorias gramaticais. Essas mudanças podem ser motivadas por diferenças entre as línguas, como a falta de correspondência de uma palavra em determinada categoria gramatical ou pela necessidade de expressar uma ideia de maneira diferente em cada língua. Subdivide-se em:
 - i. mudança de estrutura (*structure*): é um dos tipos mais comuns de mudança e pode ocorrer em todas as ordens linguísticas, desde a frase até o morfema. Essa mudança envolve alteração na posição dos elementos no TF e no TA durante o processo de tradução. Por exemplo, uma mudança na posição de um adjetivo em relação ao substantivo que modifica pode ser considerada uma mudança de estrutura (*structure*) em nível de palavra;

- ii. mudança de classe: ocorre “quando o equivalente de tradução de um item da LF é membro de uma classe diferente do item original” (CATFORD, 1980, p. 88). Por exemplo, um verbo na LF pode ser traduzido como um substantivo na LA, ou vice-versa. Essa mudança pode ocorrer por uma variedade de razões, incluindo diferenças tipológicas entre as línguas ou diferenças na maneira como conceitos são expressos em cada língua;
- iii. mudança de unidade: ocorre quando as equivalências se deslocam para cima e para baixo na escala de ordem (*e.g.*, morfema, palavra, grupo, oração). Por exemplo, uma frase em inglês com um sujeito e um verbo pode ser traduzida para outra língua sem um sujeito explícito, o qual poderia estar marcado no morfema do verbo (como em Português). Outro exemplo seria “*medical student*” (em inglês), em que “*medical*” é um pré-modificador, sendo traduzido para o Português como “estudante de medicina”, em que “de medicina” é um pós-modificador;
- iv. mudança intrassistema: ocorre quando um sistema da LA é similar ao da LF em determinado aspecto, mas o tradutor/intérprete faz uma seleção distinta dentro do mesmo sistema. Por exemplo, tanto o inglês quanto o português têm o sistema de número singular e plural para substantivos, mas é comum a tradução de “*information*” (singular) como “informações” (plural).

Embora haja categorias de mudanças, há sobreposições entre elas no fazer tradutório, o que torna a análise da tradução um processo complexo e multifacetado. Em se considerando as mudanças, vários autores têm explorado as dificuldades específicas que surgem ao se traduzirem as EIs (*e.g.*, NEWMARK, 1988; DAVIES, 2004; BAKER, 1992; MOLLANAZAR, 2004; NOLAN, 2005; STRAKSIENE, 2009). A próxima seção examina mais detalhadamente as principais questões envolvidas na tradução das EIs.

1.3.2. Problemas e abordagens na tradução de EIs

De acordo com Newmark (1988), a tradução de uma EI é uma tarefa complexa que envolve equivalências de significado e de frequência. Equivalência de significado refere-se à capacidade de transmitir na LA o sentido e mensagem da EI na LF. Equivalência de frequência diz respeito à frequência de uso da EI na LF em relação à opção disponível na LA,

considerando-se que a baixa frequência de uso pode resultar em um TA incoerente ou difícil de entender. Portanto, os desafios mais relevantes para o tradutor/intérprete não seriam de natureza gramatical, mas sim relacionados a aspectos lexicais, como palavras, colocações e expressões fixas ou idiomáticas.

Davies (2004, p. 193) menciona diversos problemas que tradutores/intérpretes iniciantes enfrentam ao traduzir EIs:

- reconhecimento;
- ausência de EI equivalente na LA;
- existência de EI equivalente na LA, mas empregada em contextos diferentes;
- existência EI no TF que são usadas tanto em seu sentido literal quanto em seu sentido idiomático;
- diferença entre a convenção, contexto e frequência de uso nas LF e LA.

Baker (1992) aborda os desafios que os tradutores/intérpretes enfrentam ao lidarem com EIs e expressões fixas durante o processo de tradução. A autora destaca que esses desafios estão relacionados principalmente à necessidade de reconhecer e interpretar o sentido desses elementos linguísticos e às dificuldades de transmitir para a LA os diversos aspectos de significado que eles podem conter. Em linha semelhante, Mollanazar (2004) aponta que a tradução das EIs é um processo complexo que requer, como primeiro passo, o reconhecimento, ou seja, a identificação de que determinada expressão é uma EI e não uma expressão comum. No entanto, um dos principais equívocos que os tradutores/intérpretes cometem é a tentativa de traduzir as EIs de forma literal, palavra por palavra, o que tende a resultar em traduções sem sentido ou, na melhor das hipóteses, cômicas.

Como sublinham Baker (1992) e Nohan (2005), há duas situações em que a tradução de uma EI apresenta desafios: (i) quando o sentido literal da expressão também é coerente com o contexto; e (ii) quando a LA possui uma EI com forma similar, mas que se refere a um significado distinto. Ademais, enquanto algumas línguas podem recorrer a uma única palavra para expressar determinado significado, outras utilizam as EIs opacas ou fixas e transparentes para tal propósito (BAKER, 1992), muitas vezes contendo elementos culturais específicos (STRAKSIENE, 2009).

É possível abordar as diferentes propostas para se lidar com esses desafios. Autores como Roos (1981), Larson (1984), Newmark (1988), Ingo (1991), Wright (1999), Baker

(1992), Trim (2003), Mollanazar (2004), Nida e Taber (2003), Vinay e Darbelnet (2000) e Jensen (2008) propõem diferentes metodologias e critérios para a seleção de equivalentes e a interpretação do sentido das EIs, levando em conta aspectos culturais, linguísticos e contextuais.

Uma EI pode ser considerada uma unidade de tradução. Como tal, sua tradução precisa ser tal que confira “naturalidade” ao TA, levando em conta a gramática, a idiomática e o vocabulário comuns ao contexto de situação específico, bem como o autor, o tema e o público-alvo (NEWMARK, 1988).

Newmark (1988) distingue entre a tradução de EIs e a tradução idiomática. Enquanto a primeira busca encontrar equivalências para as unidades idiomáticas presentes no TF, a segunda tende a preferir o uso de coloquialismos e EIs, mesmo onde elas não existem no TF, o que pode levar a distorções de nuances de significado. O referido autor sugere que é necessário um equilíbrio entre a “fidelidade” à mensagem do TF e a “naturalidade” do texto traduzido.

Nida e Taber (2003 *apud* MUSTONEN, 2010, p. 44) afirmam que a tradução nunca é perfeita, pois há sempre uma “perda” inevitável de alguns aspectos linguísticos no processo. No entanto, eles sugerem que a tradução pode trazer ganhos, como o aumento do conhecimento de EIs. Mustonen (2010) acrescenta que a melhor estratégia de tradução para as EIs é encontrar uma expressão na LA que transmita o significado da expressão na LF, a fim de que a tradução seja “natural” e compreensível para o público da LA.

Larson (1984) aponta que a tradução literal palavra por palavra de EIs em não é uma solução efetiva, pois o significado de uma EI não pode ser deduzido a partir do significado literal de suas palavras componentes. Assim, o tradutor/intérprete deve buscar encontrar a palavra ou frase na LA que transmita significado equivalente à EI no TF. Esse processo pode ser particularmente difícil quando as EIs contêm figuras de linguagem, como metáforas, que requerem uma interpretação mais ampla do significado e do contexto.

Segundo Baker (1992), os tradutores/intérpretes precisam considerar vários fatores ao traduzirem as EIs, como: a existência de uma EI semelhante na LA; a importância dos elementos específicos que compõem as EIs, isto é, se eles são utilizados em outro lugar na LF; e a adequação ou inadequação do uso de linguagem idiomática em determinado registro e estilo da LA. Além disso, a autora argumenta que a habilidade de utilizar as EIs em uma segunda língua não é equiparável à de um falante nativo e que, mesmo que um tradutor/intérprete tenha um bom conhecimento dos pares linguísticos, ele pode não ser capaz

de compreender completamente o contexto cultural em que as EIs são utilizadas, o que pode levar a erros de tradução.

Baker (1992) apresenta quatro abordagens que podem ser utilizadas para traduzir EIs:

1. tradução aproximada: consiste em utilizar uma EI na LA que transmita aproximadamente o significado da EI na LF e que, além disso, possua itens lexicais equivalentes. Contudo, isso só pode ser alcançado ocasionalmente, dado que as expressões são frequentemente formadas com base na história, cultura e tradição de uma língua específica, tornando-as únicas e de difícil tradução;
2. tradução por equivalência de significado: consiste em encontrar uma EI na LA que transmita aproximadamente o significado da EI na LF, mas que seja composta por itens lexicais não equivalentes. Embora essa estratégia possa ser frequentemente utilizada, a escolha da expressão adequada pode ser desafiadora, especialmente em casos em que há nuances culturais ou contextuais envolvidas;
3. tradução por paráfrase: consiste em reescrever a expressão em termos não idiomáticos, mas que remetam ao significado do TF. Essa estratégia é comum quando não é possível encontrar uma correspondência na LA ou quando o uso de uma EI parece inadequado no TA devido a diferenças nas preferências estilísticas entre a LF e a LA;
4. tradução com omissão: consiste em apagar o significado da EI quando não há uma correspondência adequada na LA, quando a paráfrase não é uma opção viável e/ou quando houver motivos estilísticos. Em alguns casos, a eliminação de uma EI pode não afetar significativamente a compreensão geral da tradução, mas deve-se ter cuidado com o impacto em nuances e informações importantes.

Roos (1981 *apud* GOTTLIEB, 1997 p. 319) propõe uma tipologia para a tradução de EIs que se baseia na análise contrastiva, a qual se concentra em comparar as diferenças e semelhanças entre duas línguas. Roos (1981) apresenta a seguinte tipologia para a tradução das EIs:

1. correspondência direta: ocorre quando há (i) identidade lexical entre as expressões (*i.e.*, convergência) ou (ii) diferença lexical entre as expressões, mas ambas têm significados similares (*i.e.*, equivalência);

2. correspondência indireta: ocorre quando as EIs da LF correspondem a outras unidades lexicais na LA. Essa categoria é dividida em três subcategorias: (i) correspondência de uma única palavra; (ii) fórmula (*i.e.*, correspondência de várias palavras não metafóricas); e (iii) sentido enciclopédico (*i.e.*, correspondência de significados mais gerais).

Ingo (1991 *apud* HELLEKLEV, 2006, p. 27) propõe quatro abordagens para lidar com as EIs em uma obra literária:

1. a tradução de uma EI por uma outra EI equivalente;
2. a tradução palavra por palavra, sem considerar as particularidades idiomáticas;
3. a tradução por meio de uma expressão ou frase explicativa, ou seja, uma explicação mais clara e simples da EI;
4. a tradução de uma expressão por meio de uma EI que transmita significado geral similar.

Trim (2003) sugere que o tradutor/intérprete precisa tomar uma decisão sobre como lidar com as EIs na tradução, considerando o critério mais desafiador da equivalência de efeito. Nessa decisão, o tradutor/intérprete pode optar por traduzir uma EI como outra EI na LA, encontrar um equivalente na LA ou até mesmo abandonar a EI e expressar a ideia em linguagem simples. No entanto, cada solução apresenta benefícios, desvantagens e riscos, e cabe ao tradutor/intérprete avaliar cuidadosamente cada opção.

Jensen (2008) propõe outra solução para traduzir as EIs, que consiste basicamente em aplicar a estratégia de decodificação-representação-codificação. Essa estratégia implica decodificar a EI para compreender o seu verdadeiro significado e representação semântica. Em seguida, é preciso codificar esse significado no texto receptor, ou seja, no texto que será traduzido. Finalmente, deve-se encontrar uma expressão na LA que tenha significado equivalente. Caso não seja possível encontrar tal EI, é necessário usar uma expressão comum e universal.

Newmark (1988), por sua vez, argumenta que, para traduzir as EIs, é possível adotar a estratégia de considerá-las como metáforas padrão estendidas, que podem ser universais ou culturais. O autor propõe três maneiras de traduzir essas expressões: (i) encontrar outra metáfora que tenha um significado semelhante na LA; (ii) reduzir a expressão ao seu

significado literal, “perdendo” assim a sua força emotiva; ou (iii) em casos raros, traduzir a expressão de forma literal.

Mollanazar (2004) sugere duas abordagens para a tradução de EIs. A primeira consiste em encontrar uma EI equivalente na LA; a segunda, em casos em que não há uma EI apropriada na LA, é utilizar o significado literal da expressão-fonte.

Belloc (1959 *apud* BASSNETT, 2002, p. 120) sugere que a tradução das EIs requer a substituição da forma na LF por outra forma na LA, pois os elementos de uma EI têm uma natureza que exige uma tradução diferente da literal. Em outras palavras, para transmitir o significado de uma EI em outra língua, o tradutor/intérprete deve encontrar uma expressão ou construção que, embora diferente da original, capture a ideia transmitida pela EI. Isso significa que o tradutor/intérprete precisa encontrar uma forma equivalente que faça sentido na LA, o que pode envolver mudanças lexicais, sintáticas etc.

Outra estratégia de tradução de EIs é a adaptação, que consiste em uma forma “livre” de tradução. Quando não há na cultura ou na LA uma correspondência para costumes, objetos culturais ou institucionais e/ou expressões, é necessária uma tradução “natural”, o que força a utilização da adaptação (NEWMARK 1988 *apud* CHE SUE, 2005, p. 117).

De acordo com Wright (1999), a tradução de EIs palavra por palavra não é aconselhável. Ele defende que é necessário traduzir a expressão como um todo e, em certos casos, pode ser possível encontrar uma EI equivalente na LA. No entanto, caso não haja tal equivalente, o tradutor/intérprete deve explicar o significado da expressão de forma clara e concisa.

Vinay e Dalbernet (2000 *apud* MUNDAY, 2001) propõem sete estratégias para a tradução, incluindo empréstimo, calque, tradução literal, transposição, modulação, equivalência e adaptação, mas defendem que a equivalência (a qual busca encontrar uma solução que seja equivalente à expressão original em termos de significado e cultura) é a melhor estratégia para a tradução de EIs e provérbios. Eles argumentam que essas expressões descrevem diferentes situações usando estilos e estruturas diferentes e que, portanto, a transmissão do sentido, e não da imagem, é o objetivo principal da tradução.

Tendo fornecido o arcabouço teórico desta dissertação, procede-se, no próximo capítulo, à descrição dos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa.

CAPÍTULO 2 – PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa de natureza descritiva (GODOY, 1995, p. 62). O presente capítulo tem por objetivo apresentar os procedimentos metodológicos desta pesquisa sobre a (in)traduzibilidade das EIs entre a LP e a Libras. Para tanto, descreve como foi definida a amostra e quais critérios, ferramentas e procedimentos foram utilizados na obtenção e análise de dados.

2.1. Metodologia de coleta de dados

Foi construído um *corpus* de vídeos do YouTube que apresentam conceitos e definições sobre as EIs. A escolha dos vídeos levou em consideração critérios específicos, como o objetivo geral da pesquisa, a pertinência temática, o potencial didático e o engajamento dos produtores dos vídeos com a Libras e com a cultura e identidade surda.

Todos os vídeos selecionados foram sinalizados em Libras, com o objetivo de tornar o conteúdo acessível e inclusivo para pessoas surdas. O primeiro vídeo apresenta uma tradução oral para a LP, a fim de atender também àqueles que não possuem fluência em Libras. Já o segundo vídeo conta com legendas em LP para auxiliar na compreensão do conteúdo. Por sua vez, o terceiro e o quarto vídeo foram sinalizados, contando com a legenda apenas nos exemplos das EIs apresentados, proporcionando uma imersão maior na Língua de Sinais.

Os vídeos foram encontrados por meio de buscas na internet por canais que abordassem o tema das EIs. A seleção dos vídeos foi realizada com o objetivo de incluir aqueles que apresentassem uma impossibilidade de tradução (literal) de uma língua para outra ou que admitissem a possibilidade de tradução, ainda que apenas para algumas situações ou circunstâncias. Tal critério foi estabelecido previamente como forma de garantir a representatividade dos vídeos, possibilitar uma análise mais abrangente das EIs e sua (in)traduzibilidade entre a LP e a Libras, bem como analisar as diferentes estratégias utilizadas pelos TILSP na tentativa de interpretar e traduzir as EIs. Com vistas a uma análise mais ampla e completa do fenômeno em questão, também se buscou que os vídeos pudessem, de alguma forma, ser inter-relacionados, ao mesmo tempo que discorressem sobre diferentes tipos de EIs, de diferentes contextos comunicativos e produzidos por diferentes autores.

A representatividade dos vídeos visou a uma análise que fosse mais abrangente e capaz de capturar as diferentes nuances e particularidades das EIs na relação entre a LP e a Libras. Vale esclarecer que os vídeos analisados correspondem ao uso da Libras de várias regiões do

Brasil e não apenas de uma região ou de um grupo específico, sendo que o processo de coleta de dados foi feito na rede mundial de computadores (internet) no período de março a junho de 2022. Foram encontrados outros vídeos relacionados com a temática das EIs, mas deu-se preferência àqueles contendo informações mais específicas sobre o objeto deste estudo.

O primeiro vídeo escolhido foi produzido pelo canal “As Meninas da Libras” (cf. Figura 3). O objetivo do canal é promover a difusão da Libras, bem como destacar o sujeito Surdo e compartilhar traduções/interpretações, vídeos sinalizados e outros conteúdos relacionados à educação de surdos e à cultura surda. O nome do canal surgiu devido à expressão “as meninas da Libras” utilizada pelas pessoas para se referirem a elas após suas interpretações em palestras, *shows* e outros eventos.

Figura 3: Canal do YouTube “As Meninas da Libras”



Fonte: YouTube.¹⁰

No vídeo de apresentação do canal, as moderadoras Rafaele e Izabel são identificadas. Rafaele é TILSP, iniciou seu contato com a língua em 2005, no contexto religioso; na época da publicação do vídeo, ela trabalhava como TILSP de Libras em sala de aula, com experiência em disciplinas de Libras e Atendimento Educacional Especializado (AEE) para pessoas com surdez. Já Izabel também é TILSP e tem experiência com a língua desde 2002, no contexto religioso.

O vídeo do canal “As Meninas da Libras”, intitulado “Expressões idiomáticas em Libras e em Português”, foi publicado em 22 de janeiro de 2021 e, até 30 de agosto de 2022 já havia acumulado mais de 3 mil visualizações (cf. Figura 4).

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCC7Izz8wQxmc3eUVOFnXJFg>. Acesso em: 28 abr. 2023.

Figura 4: EIs em Libras e LP



Fonte: do YouTube.¹¹

O vídeo começa com uma explicação do conceito de EIs e, em seguida, apresenta exemplos de traduções tanto da LP para a Libras quanto da Libras para a LP. A escolha desse material se deve não só à experiência das moderadoras do canal “As Meninas da Libras” junto à comunidade surda, mas também à conceituação das EIs abordada no vídeo.

O segundo vídeo escolhido para análise foi obtido no canal “Alexandre Elias – Libras” (cf. Figura 5).

Figura 5: Canal do YouTube “Alexandre Elias – Libras”



Fonte: do YouTube.¹²

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AdQkow2K1z0>. Acesso em: 28 abr. 2023.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/c/AlexandreEliasLibras>. Acesso em: 28 abr. 2023.

O canal recebeu esse nome em referência ao próprio moderador, o professor Alexandre Elias, que é mestre em Comunicação e Cultura, além de especialista em Educação Especial. Ele também atua como TILSP de Libras na cidade de Sorocaba, em São Paulo. Na descrição do canal, o professor Elias explica que vê a Libras como uma necessidade social, cujo conhecimento deveria estar presente em todos os ambientes, e que o objetivo do canal é estreitar as barreiras de comunicação entre surdos e ouvintes, tornando o País mais acessível.

O vídeo intitulado “Alexandre Elias – Libras (Expressões Idiomáticas)” foi publicado em 27 de julho de 2013 e, até 04 de setembro de 2022 já havia acumulado mais de 100 mil acessos (cf. Figura 6). A escolha desse vídeo como parte do *corpus* se deu pelo seu conteúdo e pela experiência e currículo do seu apresentador.

Figura 6: Vídeo 2 “EIs”



Fonte: do YouTube.¹³

O autor apresenta a EI “entrou pelo cano” e comenta que, por ser uma EI específica da LP, instantaneamente é possível compreender que significa “cometeu um erro, se enganou, perdeu algo”. Porém, afirma que, se usarmos uma EI específica de uma língua em outra, pode ser que o sujeito compreenda a frase no seu sentido denotativo. Ao todo, o professor Alexandre apresenta 50 EIs da LP em imagens, acompanhadas de sua tradução para a Libras.

O terceiro vídeo foi selecionado do canal do Instituto Phala (cf. Figura 7).

¹³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N_QW5KPAUfE&t=61s . Acesso em: 28 abr. 2023.

Figura 7: Canal do YouTube “Instituto Phala”



Fonte: do YouTube.¹⁴

Conforme a definição do sítio eletrônico oficial, o Instituto Phala – Centro de Desenvolvimento para Surdos, localizado na cidade de Itatiba/SP, foi fundado em 1999 por pais, familiares e profissionais na área da surdez. A instituição sem fins lucrativos tem como objetivo oferecer um melhor atendimento à saúde, educação, trabalho, assistência social e promoção dos direitos e interesses das pessoas surdas da região. Ao longo dos anos, o Instituto Phala consolidou-se no serviço prestado à comunidade surda, desenvolvendo diversos projetos relacionados ao atendimento educacional-pedagógico, psicológico e fonoaudiológico, à assistência social e à profissionalização.

O terceiro vídeo selecionado é intitulado “Expressões Idiomáticas”. É apresentado por Henrique Perez Feliciano (cf. Figura 8), que tem certificação pelo Ministério da Educação e Cultura/Proficiência na tradução e interpretação Português-Libras-Português (MEC/Prolibras) para o ensino da Libras e atua como instrutor surdo, bem como em parceria como professor bilíngue no Instituto Phala. Além disso, ele ministra cursos de Libras para a comunidade e para profissionais da educação, atua junto a crianças surdas em sala de aula e trabalha no apoio aos professores do ensino regular em relação às estratégias de ensino e na orientação aos TILSP do Instituto Phala.

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PKATW0EQGPY&t=69s>. Acessível em: 28 abr. 2023.

Figura 8: Vídeo 3 “EIs”



Fonte: do YouTube.¹⁵

O vídeo selecionado para análise foi publicado em 18 de agosto de 2015 e, até 04 de setembro de 2022, já havia acumulado mais de 14 mil visualizações. O vídeo em questão apresenta oito exemplos de traduções de EIs da LP para a Libras, utilizando imagens e apresentando a grafia em LP e sua equivalência em Libras. A escolha desse vídeo se justifica pela relevância do conteúdo apresentado e pela expertise do autor na área de tradução/interpretação da Libras e pela relevância do conteúdo apresentado para a formação de tradutores/intérpretes capacitados na tradução de EIs da LP para a Libras. Através da apresentação de diferentes estratégias, o vídeo contribui para ampliar o repertório dos profissionais que atuam nessa área e para fomentar a reflexão sobre as particularidades linguísticas da Libras e da LP.

Por fim, o quarto vídeo selecionado é do canal “Daniele Miki” (cf. Figura 9). Foi escolhido devido ao seu conteúdo em conjunto com a formação acadêmica e a experiência da apresentadora na área de Linguística.

Figura 9: Canal do YouTube “Daniele Miki”



Fonte: do Youtube.¹⁶

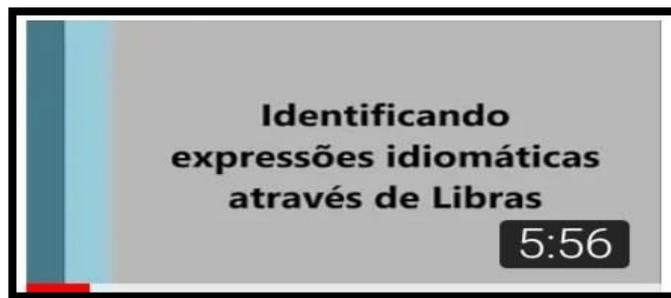
¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PKATW0EQGPY&t=69s>. Acesso em: 28 abr. 2023.

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/DanieleMiki>. Acesso em: 28 abr. 2023.

Daniele Miki Fujikawa Bózoli é uma pesquisadora surda com formação em Licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010) e em Tecnologia em *Design* de Interiores pelo Centro Universitário Cesumar (2007). Possui mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (2015) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2021). Atualmente, é professora na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, no *Campus* de Apucarana. Seus principais interesses de pesquisa são a Linguística das LS, a Tradução e Interpretação de Libras/LP, bem como a escrita de LS (*SignWriting*).

O vídeo selecionado é intitulado “Expressões Idiomáticas no Português e na Libras (cf. Figura 10).

Figura 10: Vídeo 4 “EIs na LP e na Libras”



Fonte: do YouTube.¹⁷

O vídeo em questão foi disponibilizado em 27 de outubro de 2017 e, até 04 de setembro de 2022, já havia acumulado quase 4 mil acessos. Nele, a pesquisadora Daniele Miki Fujikawa Bózoli expõe diversos exemplos das EIs que apresentam equivalências totais, bem como outras que requerem adaptações para que se encontrem equivalentes na LA.

A próxima seção descreve como esses vídeos foram analisados.

2.2. Metodologia de análise dos dados

A escolha pela abordagem qualitativa descritiva foi acompanhada da utilização da técnica de análise de conteúdo a fim de obter uma compreensão aprofundada do fenômeno

¹⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vH_gs50YZxw&t=2s. Acesso em: 28 abr. 2023.

investigado mediante análise mais detalhada e interpretativa dos dados obtidos. Conforme afirmam Silva e Fossa (2015, p. 3):

A análise de conteúdo, atualmente, pode ser definida como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdos (verbais ou não verbais). Quanto à interpretação, a análise de conteúdo transita entre dois polos: o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade. É uma técnica refinada, que exige do pesquisador, disciplina, dedicação, paciência e tempo. Faz-se necessário também, certo grau de intuição, imaginação e criatividade, sobretudo na definição das categorias de análise. Jamais esquecendo [*sic*] do rigor e da ética, que são fatores essenciais.

Nesse sentido, a descrição do fenômeno em análise foi realizada de maneira minuciosa e cuidadosa, a fim de captar as informações e emoções transmitidas pelos informantes sobre o tema investigado (CHIZZOTTI, 1991). Tal abordagem permitiu que os dados fossem interpretados e analisados com profundidade e rigor metodológico.

Considerando o objetivo geral de discutir a definição de EIs em Libras e as equivalências tradutórias entre a LP e a Libras, à luz da literatura e das explanações de professores e TILSP, a pesquisa foi conduzida seguindo as três fases distintas da análise de conteúdo propostas por Bardin (1977). Na pré-análise, foram selecionados quatro vídeos do YouTube que constituíram o *corpus* da pesquisa. Em seguida, na exploração do material, foi realizada a leitura flutuante dos vídeos, identificando as unidades de registro que envolvem a temática das EIs e registrando as primeiras impressões a respeito. Por fim, na fase de tratamento dos resultados, foi realizada a categorização das unidades de registro, de acordo com as categorias previamente definidas na pré-análise, e a análise dos dados coletados, com base nos objetivos específicos.

Nesse processo, foi verificado se as definições de EIs apresentadas nos vídeos tinham respaldo na literatura e se as equivalências tradutórias entre a LP e a Libras foram bem-sucedidas ou não, também se valendo da literatura como referência. A análise foi conduzida de forma sistemática, utilizando-se as técnicas e procedimentos da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977).

A partir da análise desses materiais, foi possível identificar exemplos de EIs específicas da LP e sua equivalência tradutória com a Libras, bem como algumas EIs originárias da Libras. Essa análise contribuiu para o esclarecimento dos conceitos apresentados pelos autores dos vídeos e para a compreensão das EIs e da noção de (in)traduzibilidade dessas expressões entre as duas línguas em questão.

Para tanto, procedeu-se à sistematização dos vídeos coletados, enfatizando-se a temática das EIs e sua (in)traduzibilidade, a qual foi analisada a partir dos próprios conceitos

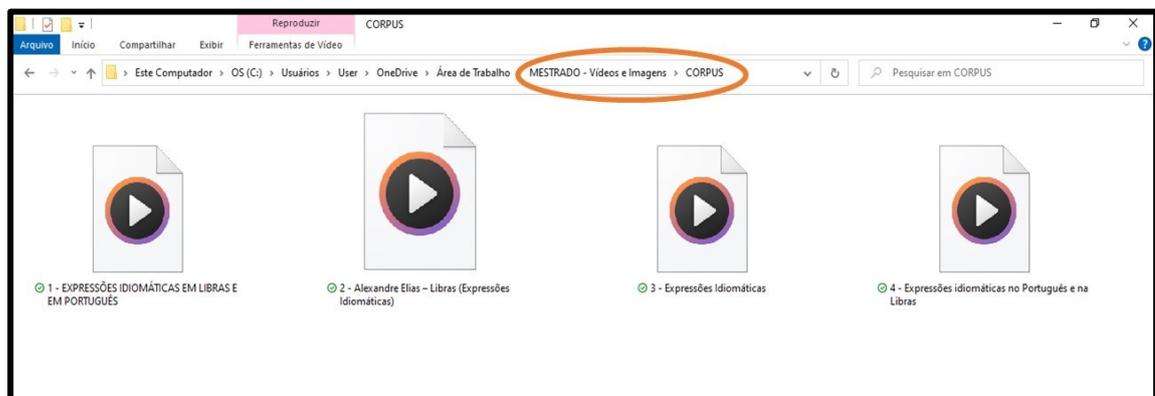
encontrados nos vídeos, em contraponto com as definições das EIs propostas por alguns autores. Destaca-se, ainda, que a abordagem adotada permitiu a análise não apenas dos aspectos linguísticos envolvidos nas EIs, mas também dos aspectos culturais, sociais e históricos que permeiam sua utilização. Além disso, a análise realizada confrontou os resultados obtidos com os aspectos de tradução apresentados por Catford (1965, 1980)¹⁸ e outros autores, a fim de avaliar as possibilidades de equivalências e mudanças (*shifts*) entre as EIs nas línguas em questão.

Dessa forma, a análise de conteúdo, como técnica de interpretação de dados, foi aplicada aos vídeos selecionados para identificar padrões e tendências em relação ao fenômeno investigado, no caso, as EIs e sua (in)traduzibilidade entre a LP e a Libras. Portanto, a seleção dos vídeos para a análise é uma etapa anterior à aplicação da técnica de análise de conteúdo, que deve ser descrita de forma separada e clara no texto.

Para a apresentação dos resultados, recorreu-se à ilustração. A utilização de imagens como exemplos ou ilustrações durante o desenvolvimento da pesquisa é uma prática comum e pode contribuir para a compreensão e clareza do texto. Neste caso, foram criadas imagens a partir dos vídeos analisados. Descreve-se a seguir como foram criadas essas imagens.

Primeiramente, os quatro vídeos foram baixados do YouTube e salvos em uma subpasta denominada “CORPUS”, guardada na pasta geral chamada “MESTRADO – Vídeos e Imagens” (cf. Figura 11).

Figura 11: Procedimento 1



Fonte: o autor.

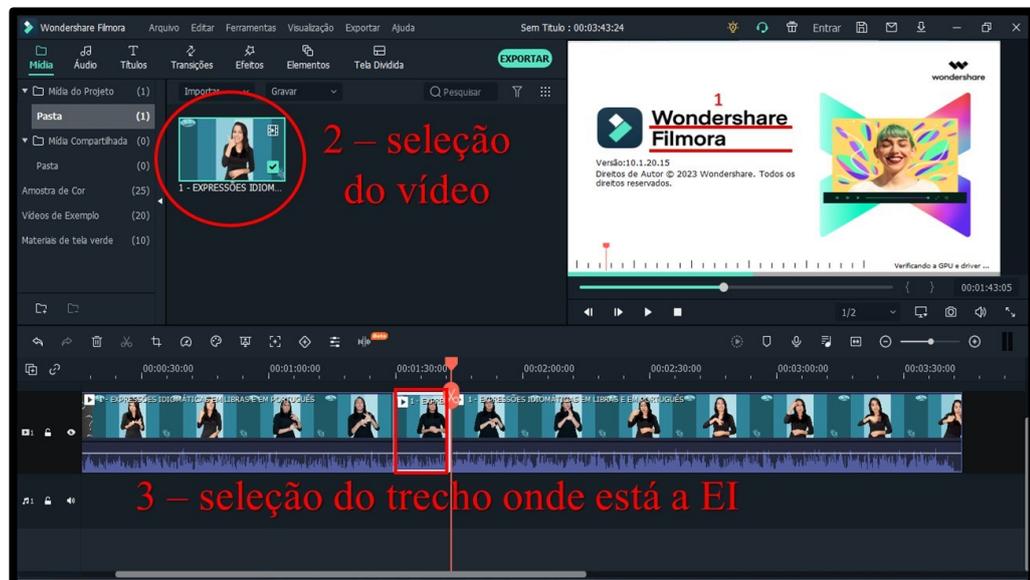
¹⁸ Cumpre apontar que o próprio Catford (1965, 1980) afirma que expressões idiomáticas são exemplos de equivalência textual estabelecida geralmente em ordens superiores, ou seja, sem correspondentes formais na ordem da palavra. No entanto, propõe-se aqui a análise de correspondências formais entre EIs como modo de compreender a noção de (in)traduzibilidade entre Língua Portuguesa e Libras.

A segunda fase do processo de elaboração das imagens envolveu o uso do *software* Wondershare Filmora. Nessa etapa, selecionou-se cada um dos quatro vídeos previamente escolhidos e delimitou-se, para cada um, o trecho que continha exemplos de EIs relevantes para a análise (cf. Figura 12).

Depois de delimitar cada trecho que continha exemplos de EIs, utilizou-se *software* Wondershare Filmora para capturar um trecho do vídeo (cf. Figura 13). Em seguida, salvou-se o arquivo correspondente em uma subpasta específica, denominada “FRAMES”, que fora criada dentro da pasta principal. Todos os trechos de vídeo selecionados para a elaboração das imagens foram colocados nessa pasta em formato MP4.

Na terceira fase do processo de elaboração das imagens, utilizou-se um conversor *online* chamado Online-Convert¹⁹ (cf. Figura 13). Para acessar o conversor, acessou-se o sítio eletrônico correspondente e selecionou-se, para cada trecho do vídeo, o formato do arquivo original (MP4) e o formato para conversão (JPG). Em seguida, para cada trecho, selecionou-se o arquivo que se desejava converter clicando no botão “escolher arquivo”.

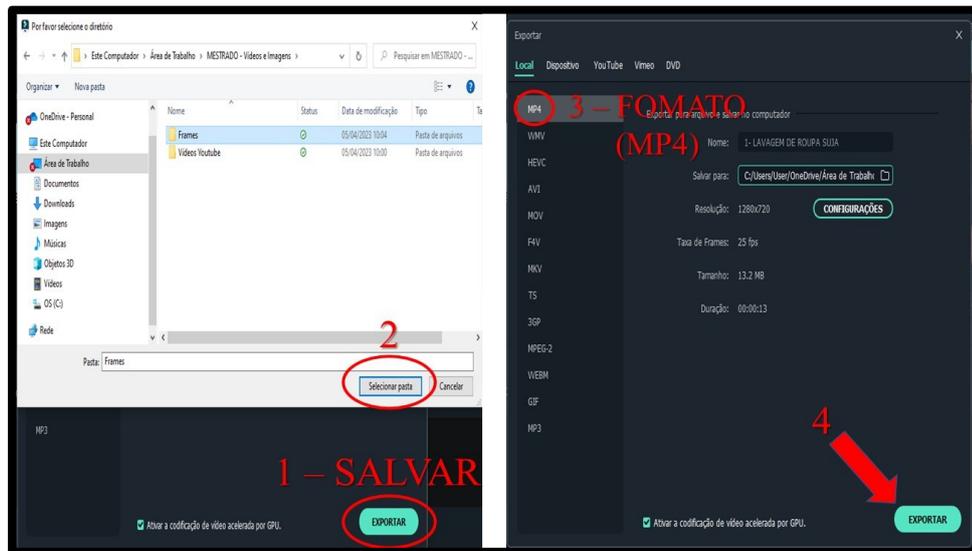
Figura 12: Procedimento 2



Fonte: o autor.

¹⁹ Disponível em: <https://imagem.online-convert.com/pt/converter/mp4-para-jpg>. Acesso em: 28 abr. 2023.

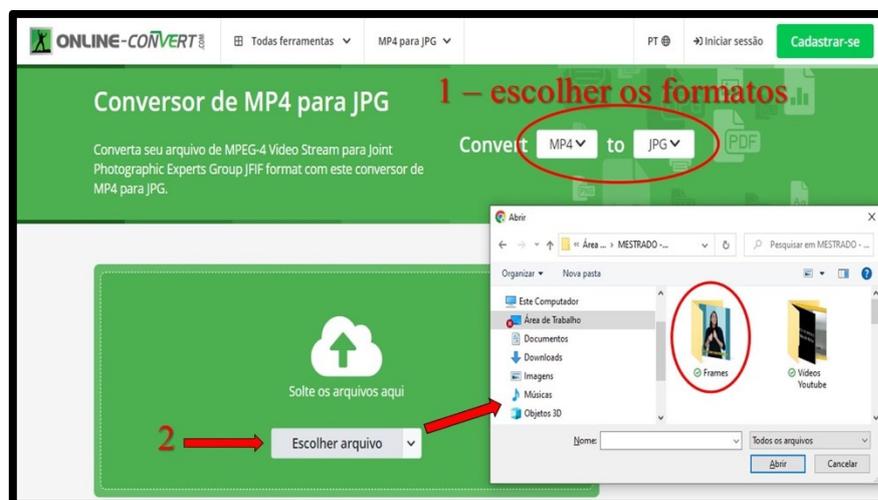
Figura 13: Procedimento 3



Fonte: o autor.

Na terceira fase do processo de elaboração das imagens, utilizou-se um conversor *online* chamado Online-Convert²⁰ (cf. Figura 14). Para acessar o conversor, acessou-se o sítio eletrônico correspondente e selecionou-se, para cada trecho do vídeo, o formato do arquivo original (MP4) e o formato para conversão (JPG). Em seguida, para cada trecho, selecionou-se o arquivo que se desejava converter clicando no botão “escolher arquivo”.

Figura 14: Procedimento 4



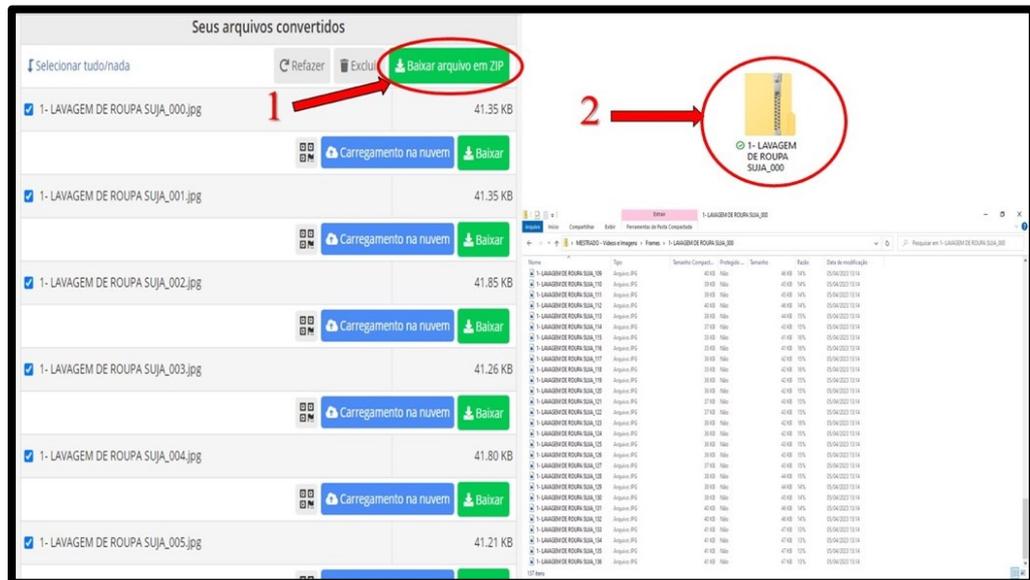
Fonte: o autor.

²⁰ Disponível em: <https://imagem.online-convert.com/pt/converter/mp4-para-jpg>. Acesso em: 28 abr. 2023.

Para cada arquivo selecionado, escolheram-se as opções de conversão desejadas e iniciou-se o processo de conversão clicando no botão “converter”. O arquivo resultante, em formato JPG, foi salvo em uma pasta específica, denominada “IMAGENS”, criada dentro da pasta principal do projeto (cf. Figura 15). Assim, o conseguiu-se obter as imagens ilustrativas dos exemplos das EIs presentes nos vídeos, as quais foram utilizadas para complementar a análise dos dados.

Na edição das sequências dos sinais das EIs em Libras no MS PowerPoint, foram utilizados recursos como linhas e setas para indicar a direção e o tipo de movimento das mãos na realização dos sinais (cf. Figura 16).

Figura 15: Procedimento 5



Fonte: o autor.

Figura 16: Procedimento 6

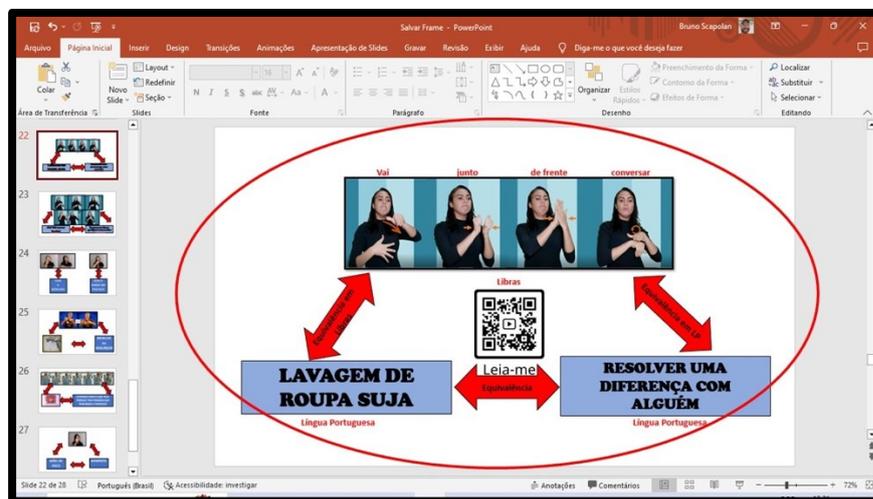


Fonte: o autor.

As imagens foram organizadas em *slides* de forma a manter a ordem das EIs apresentadas nos vídeos originais e a facilitar a compreensão do público-alvo. O resultado foram figuras que ilustram as EIs em Libras e suas correspondências em LP, com recursos visuais que auxiliam na compreensão e na aplicação das estratégias interpretativas apresentadas nos vídeos analisados.

Finalmente, utilizando-se do *software* MS PowerPoint, foram elaboradas as figuras explicativas ou exemplificativas, as quais foram salvas no formato JPG na pasta geral e adicionadas a esta dissertação no capítulo 3, destinado à análise dos dados e discussão dos resultados. Adicionalmente, foi anexado em cada figura um QR code, o qual direciona o leitor para o vídeo correspondente à respectiva EI sinalizada em Libras, hospedado em uma conta pessoal do YouTube pertencente ao autor deste trabalho (cf. Figura 17). O objetivo dessa iniciativa é permitir que o leitor possa não só compreender a representação figurativa da EI, mas também visualizá-la na sua sequência original através do vídeo. Cabe salientar que, em conformidade com a política de propriedade intelectual dos conteúdos, os trechos contendo as EIs só podem ser acessados pelos leitores através dos respectivos QR codes.

Figura 17: Procedimento 7



Fonte: o autor.

Uma vez descritos os procedimentos metodológicos, o próximo capítulo se dedica à apresentação dos resultados desta pesquisa.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados obtidos a partir da aplicação da análise de conteúdo em quatro vídeos selecionados, com o objetivo de analisar os conceitos das EIs em LP e Libras, bem como discutir a (in)traduzibilidade dessas expressões na relação entre essas línguas. Para isso, foram realizadas análises dos vídeos selecionados, levando em consideração as características específicas das EIs presentes em cada um deles e as particularidades das línguas envolvidas.

O Quadro 6 apresenta, de forma resumida, a descrição de cada um dos vídeos analisados e os eixos temáticos tratados em cada um deles. As categorias de análise foram elaboradas com base nos vídeos analisados e nos objetivos traçados no estudo.

Quadro 6: Descrição e conceitos temáticos

Descrição	Conceitos temáticos
Vídeo 1 – As Meninas da Libras Conceito de EIs e exemplos em LP e Libras	São traços culturais específicos de cada língua e estão enraizados em grupos e regiões.
Vídeo 2 – Professor Alexandre Elias – Libras Conceito de EIs com exemplos de tradução de LP para Libras	São particularidades linguísticas de cada país com estruturas próprias que não permitem uma tradução literal.
Vídeo 3 – Instituto Phala Conceito de EIs com exemplos de tradução de LP para Libras	São algumas expressões muito utilizadas em LP e que nem sempre fazem sentido se forem interpretadas literalmente para a Libras.
Vídeo 4 – Daniele Miki Conceito de EIs e exemplos de equivalência entre LP e Libras	São palavras que possuem outro significado, tanto em LP como em Libras. E nem sempre encontrarão equivalência precisa.

Fonte: o autor.

A partir das análises dos vídeos descritos no Quadro 6, buscou-se compreender as diferenças e semelhanças entre as EIs em LP e Libras, assim como as possíveis dificuldades de tradução que podem surgir na relação entre essas línguas. Nesse sentido, este capítulo oferece uma reflexão sobre as EIs e sobre as estratégias de tradução nesse par linguístico. O

capítulo está dividido em cinco partes, sendo as quatro primeiras referentes a cada um dos vídeos selecionados na amostragem e a última referente a uma síntese.

3.1. Análises e discussões sobre o vídeo 1

O vídeo 1 apresenta dois pontos importantes que se inserem nas indagações que os objetivos desta pesquisa procuram esclarecer. O primeiro ponto questiona sobre a existência de EIs em Libras, enquanto o segundo está relacionado às (in)traduzibilidade das EIs da LP para a Libras ou vice-versa. Aos 0m44ss–1m17ss do vídeo, as moderadoras Rafaele e Izabel explicam que as EIs são traços culturais específicos de cada língua e estão enraizadas em grupos e regiões. Elas afirmam que uma EI em LP não pode ser traduzida para Libras seguindo palavra-sinal, ou seja, palavra por palavra, pois isso levaria a uma “perda” de significado em Libras. O mesmo acontece com as EIs em Libras quando traduzidas para a LP. As moderadoras enfatizam que é necessário conhecer o sinal em seu contexto para entender seu significado.

O conceito de EI apresentado pelas moderadoras no vídeo 1 encontra respaldo em Pasin (2021), para quem as EIs são reflexo da cultura e da história de uma sociedade. Para a referida autora, muitas expressões têm sua origem em tradições, costumes e crenças específicas de determinados grupos sociais ou regiões geográficas. Além disso, a herança linguística também exerce grande influência na formação das EIs, que muitas vezes são preservadas ao longo do tempo como parte do patrimônio linguístico de uma comunidade. Nesse sentido, também se aplicam as definições de Lama e Abreu (2001), que entendem as EIs como estruturas que carregam consigo o conhecimento cultural, e de Xatara (1998), que as concebe como lexias complexas e cristalizadas pela tradição cultural.

Além do fator cultural que encontram diferenças nos grupos sociais e nas regiões geográficas, outros fatores, como a complexidade semântica das EIs, podem gerar problemas na tradução, como observado pelas autoras do vídeo, que afirmam que uma EI da LP não pode ser traduzida seguindo palavra-sinal, assim como as EIs em Libras também podem apresentar dificuldades na tradução para a LP. Esse argumento vem ao encontro do posicionamento de Mollanazar (2004), segundo o qual a EI não é um sintagma ou frase comum e tentar traduzi-las palavra por palavra resultaria em traduções sem sentido ou até mesmo cômicas. Além dele, outros autores, como Vinay e Darbelnet (1958), Catford (1965) e Newmark (1988) defendem que a tradução deve levar em consideração não apenas as palavras, mas também as estruturas sintáticas, a gramática, as convenções culturais e as nuances linguísticas da LO e da LA.

Tanto os argumentos dos autores supracitados como os de Rafaele e Izabel convergem para a necessidade de uma abordagem cuidadosa e contextualizada na tradução das EIs. Em ambos os casos, é necessário ter um entendimento do significado figurado da expressão, o que muitas vezes exige um conhecimento profundo da cultura e língua de origem. Portanto, a tradução das EIs não pode ser realizada palavra por palavra, seja na tradução para a Libras, seja na tradução para a LP. Nos termos de Catford (1965, 1980), a tradução de EIs deve ser entendida como uma tradução não limitada, ou seja, não restrita à ordem, o que pode implicar mudanças de categoria (seja de estrutura, de classe, de unidade ou intrassistema).

Apresentam-se, a seguir, os posicionamentos das moradoras no que diz respeito à (in)traduzibilidade das EIs – primeiramente, da LP para a Libras e, posteriormente, da Libras para a LP. O vídeo discute duas expressões idiomáticas para cada direção tradutória. O Quadro 7 apresenta as EIs e as respectivas traduções mencionadas no vídeo. Esses exemplos ajudam a ilustrar a complexidade da tradução das EIs entre essas duas línguas, destacando a importância de uma análise do contexto cultural e linguístico.

Quadro 7: Equivalências das EIs entre línguas

EI apresentada	Tradução sugerida
Língua Portuguesa	Língua de Sinais
Lavagem de roupa suja	CHAMAR JUNTO DE FRENTE CONVERSAR
Ah! Vai tomar banho!	POR QUE VOCÊ OUTRA COISA PROCURAR FAZER?
Língua de Sinais	Língua Portuguesa
PROFISSIONAL MÃOS LEVES	Comunica-se com fluência.
SURDO TER OLHO CARO	Visibilidade acurada

Fonte: o autor.

A primeira EI em LP apresentada é “lavagem de roupa suja”, que teria como tradução em Libras “resolver uma diferença com alguém” (1m29ss-1m43ss). A segunda expressão idiomática é “ah, vai tomar banho”, que teria como tradução em Libras “ir procurar fazer qualquer outra coisa” (1m48ss – 2m03ss).

No primeiro exemplo, “lavagem de roupa suja”, traduzido no vídeo como “resolver uma diferença com alguém”, acontece o que se pode chamar de “tríade”. Num dos vértices do triângulo, tem-se que, em LP, a EI possui um valor semântico em seu conjunto (SQUILLANTE, 2014), pois, se uma palavra é tirada, a expressão perde o sentido (*i.e.*, cada palavra possui seu valor semântico, mas o significado se dá apenas no conjunto da EI). No

outro vértice, tem-se que a formulação em Libras (“CHAMAR”, “JUNTO”, “DE FRENTE”, “CONVERSAR”), em que não se encontram correspondências formais para os componentes da EI e em que está explícita a ideia de “resolver uma diferença com alguém”. No terceiro vértice, tem-se o resultado da relação tradutória entre ambas as expressões: há equivalência tradutória, mas a expressão em Libras não traz a idiomaticidade da EI em LP (visto que é transparente o significado da expressão em Libras a partir do entendimento de cada um de seus componentes) e configura uma mudança de unidade, nos termos de Catford (1965, 1980). Essa mudança acomoda não só o deslocamento de uma expressão idiomática da ordem do grupo nominal em LP para uma expressão da ordem da oração em Libras, mas também a utilização dos recursos léxico-gramaticais próprios da Libras, o que inclui a topicalização do verbo. Dessa forma, a tradução em Libras não pode ser considerada uma EI.

A Figura 18 mostra um modelo ilustrativo da referida “tríade”.

Figura 18: “Lavagem de roupa suja”²¹



Fonte: o autor.

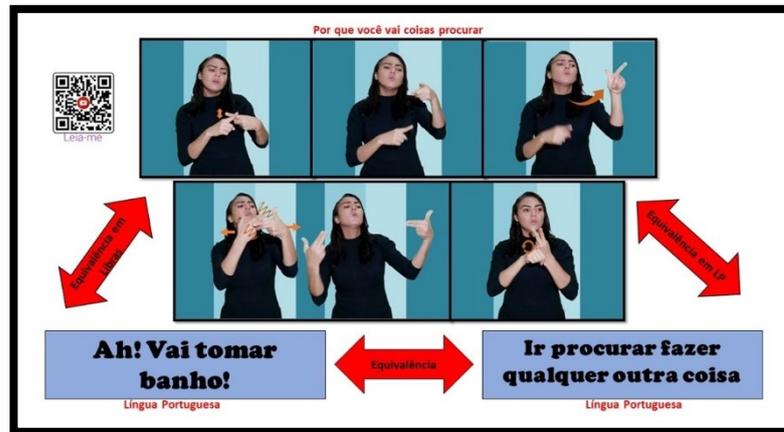
Vale apontar que, em LP, a expressão já está cristalizada culturalmente e tem um sentido metafórico. Na tradução para a Libras, caso se proceda a uma tradução restrita à ordem que procure correspondentes lexicais formais para “lavagem”, “roupa” e “suja”, obtêm-se os sinais “LAVAR”, “ROUPA” e “SUJA”, cuja combinação, em Libras, não têm o sentido figurado desejado.

²¹ Disponível em: <https://youtu.be/vPuPPPwMYX0>. Acesso em: 28 Abr. 2023.

O mesmo acontece no segundo exemplo, referente à EI em LP “Ah! Vai tomar banho!”, traduzida em Libras como uma oração interrogativa “POR QUE”, “VOCÊ”, “OUTRA”, “COISA”, “PROCURAR”, remetendo à ideia de “ir procurar fazer qualquer outra coisa”.

A Figura 19 identifica a tríade referente a esse exemplo.

Figura 19: “Ah! Vai tomar banho”²²



Fonte: o autor.

Novamente, num dos vértices do triângulo, tem-se que, em LP, a EI possui um valor semântico em seu conjunto (SQUILLANTE, 2014). No outro vértice, a formulação em Libras não apresenta correspondências formais para os componentes da EI, mas funcionalmente explicita a ideia de “ir procurar fazer qualquer outra coisa”. No terceiro vértice, tem-se o resultado da relação tradutória entre ambas as expressões: há equivalência tradutória, mas a expressão em Libras não traz a idiomática da EI e configura uma mudança intrassistema (CATFORD, 1965, 1980). Essa mudança acomoda o deslocamento de uma expressão idiomática constituída por uma oração imperativa em LP para uma oração interrogativa em Libras, sendo que a Libras apresenta o modo declarativo como um dos modos da oração. Considerando que não há opacidade na língua-alvo, a tradução em Libras não se constitui como uma EI.

No caso dessas expressões em LP e sua equivalência em Libras, observa-se que a tradução é possível, mas não limitada à ordem; no entanto, compete sublinhar que a

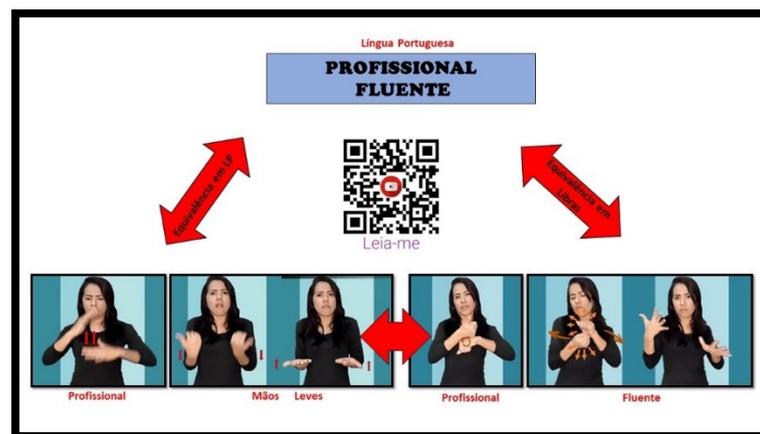
²² Disponível em: https://youtu.be/ovi1j_ZCpM4. Acesso em: 28 Abr. 2023.

equivalência textual obtida não necessariamente contempla aspectos estilísticos e afetivos/emotivos das expressões idiomáticas. Sobretudo, no caso de “Ah! vai tomar banho”, tem-se uma manifestação de irritação evidente pelo uso de um comando (*i.e.*, o modo imperativo), enquanto a tradução sugerida, ao empregar o modo interrogativo, pode suscitar a ideia de uma sugestão, estando dependente das expressões faciais para a sinalização da irritação. Nesse sentido, a adequação comunicativa, que se refere à adequação do uso da língua às necessidades dos falantes e do contexto comunicativo, pode ser afetada na tradução das EIs. No caso do vídeo 1, as traduções apresentadas foram adequadas para o contexto da conversa, mas podem não o ser em outros contextos ou para outros falantes.

Em se tratando da tradução da Libras para a LP, é interessante observar que as duas EIs originais em Libras apresentadas pelas autoras trazem como um de seus componentes uma parte do corpo humano (mãos e olhos, respectivamente) como metáfora do cotidiano de quem não escuta e faz uso de uma língua de sinais.

Tem-se como primeiro exemplo a EI em Libras “MÃOS” “LEVES”, isto é, “(profissional de) mãos leves” (2m21ss-2m44ss), traduzida no vídeo como “profissional fluente”. Essa expressão em Libras encontrou equivalência em LP valendo-se de palavras que não são correspondentes formais dos constituintes da EI da LF e que, em conjunto, não constituem uma EI.

Figura 20: “Profissional de mãos leves”²³



Fonte: o autor.

²³ Disponível em: <https://youtu.be/mCpO-XWFLIc>. Acesso em: 28 Abr. 2023.

Nesse caso, a EI em Libras guarda forte relação com a cultura da língua, uma vez que, em sendo uma língua de sinais, de fato há associação entre as mãos e a fluência ou proficiência linguística. Já no caso da LP, a EI constituída por correspondentes formais para cada um dos componentes da EI em Libras não remete à fluência ou proficiência linguística de alguém, mas sim à sua capacidade de furtar sem ser notado. Nesse sentido, a simples substituição de uma expressão por outra dificilmente se configuraria como equivalente tradutório, haja vista as suas aplicações a diferentes contextos.

Tem-se, então, uma tríade de expressões, na qual a EI “profissional mãos leves” em Libras é equivalente a “profissional fluente” em Libras e ambas são equivalentes a “profissional fluente” em LP. A correspondência formal ocorre somente no sentido denotativo, isto é, no significado literal das palavras utilizadas, mas não no sentido conotativo, que se refere às associações culturais e emocionais que as palavras evocam. Assim, a EI em Libras não possui correspondência formal na língua-alvo no sentido conotativo. Entretanto, a equivalência para o contexto em questão se aplica mediante recurso a uma mudança de ordem (CATFORD, 1965, 1980), com o significado de um grupo nominal em Libras sendo expresso por um adjetivo em português.

A segunda expressão em Libras apresentada no vídeo corresponde a “OLHO” “CARO”, isto é, “surdo tem olho caro” (Libras), traduzida pelas moderadoras “o surdo tem visibilidade acurada”, a qual traz de forma transparente o significado denotativo de que o “surdo tem percepção visual acurada” e, portanto, não se configura como uma EI em LP (cf. Figura 21).

Figura 21: “Surdo tem olho caro”²⁴



Fonte: o autor.

²⁴ Disponível em: <https://youtu.be/Rpic3Wy201E>. Acesso em: 28 abr. 2023.

Nesse caso, a equivalência textual tampouco envolve correspondência formal, embora seja possível apontar que visibilidade ou percepção são ideias abstratas metaforicamente associadas aos olhos também em LP.

O que chama a atenção nesse exemplo é como ele traz implicações para se pensar em mudanças (*shifts*) conforme Catford (1965, 1980), uma vez que não há exatamente mudança de estrutura, de classe, de unidade ou intrassistema se pensarmos componencialmente. Em outras palavras, temos um grupo nominal traduzido por outro grupo nominal, ambos constituídos por substantivo no singular seguido de adjetivo no singular. A mudança, portanto, não perpassa categorias claras da léxico-gramática, a menos que se considere a expressão idiomática como uma unidade lexical que está em ordem distinta do grupo (caso esse em que haveria uma mudança de ordem). Para Catford (1980, p. 27), essa questão se resume a pensar a tradução de questões idiomáticas como tradução livre, isto é, não limitada (*unbounded*), ou seja, “as equivalências sobem e descem na escala de ordem, mas em geral estão nas ordens mais altas, às vezes entre unidades maiores que as frases”.

Uma vez concluída a análise do primeiro vídeo, procede-se, na próxima seção, à análise do vídeo 2.

3.2. Análises e discussões sobre o vídeo 2

No segundo vídeo, aos 00m51ss-01m17ss, o professor Alexandre Elias conceitua as EIs da seguinte forma:

Em todo o planeta, temos diferentes línguas, como Português, Inglês, Italiano, Francês, Alemão e várias outras. Nas línguas de sinais, também encontramos suas diferenças. Em cada país do mundo, encontramos línguas próprias com frases e estruturas particulares de seu país. Se traduzimos acompanhando palavra por palavra, pode ocorrer uma tradução equivocada.

É então que o professor se utiliza do exemplo da EIs “pintando o sete” (cf. Figura 22). Ele traduz “literalmente” essa expressão da LP para a Libras e afirma que seu sentido na LA fica estranho. Então, afirma que, por conta das diferenças linguísticas, no momento da tradução é preciso fazer uma adaptação para que o sentido dessa EI fique claro para o público surdo (no caso, ele sugere como tradução a remissão a “brincar” ou “bagunçar”, ou seja, “fazendo muita bagunça” ou “comportando-se de maneira excessiva e/ou desordeira”). É necessário, segundo ele, que o tradutor/intérprete conheça bem as línguas envolvidas e as culturas em que elas estão inseridas, a fim de encontrar a equivalência adequada e garantir que na LA se possa compreender a mensagem da EI da língua-fonte.

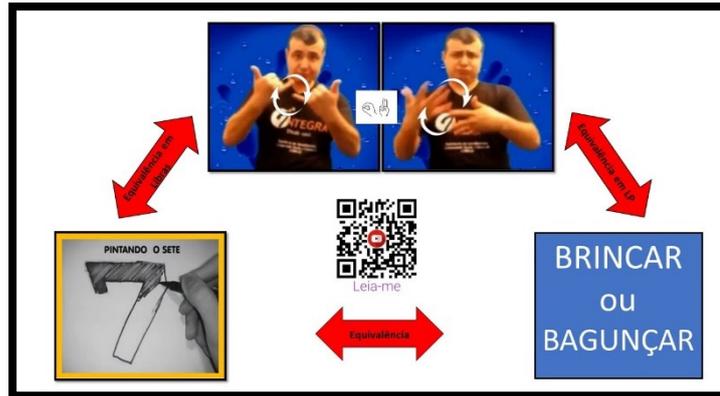
Quadro 8: Els da LP e equivalência em Libras (vídeo 2)

Tempo	Língua Portuguesa	Equivalência em Libras
2m18ss – 2m23ss	Pintando o Sete	<i>Brincar ou bagunçar</i>
2m24ss – 2m29ss	Descascar a banana	<i>Masturbação masculina</i>
2m30ss – 2m35ss	Dor de cotovelo	<i>Ciúmes ou inveja</i>
2m36ss – 2m40ss	Dar uma mãozinha	<i>Ajudar</i>
2m41ss – 2m46ss	Tirar o chapéu	<i>Parabéns, muito bom, aplausos.</i>
2m47ss – 2m52ss	A gota d'água	<i>Difícil suportar</i>
2m53ss – 3m03ss	Trocar os pés pelas mãos	<i>Errado, bagunça, confusão ou azar.</i>
3m04ss – 3m10ss	Entrar pelo cano	<i>Engano (azar)</i>
3m11ss – 3m17ss	Engolir o sapo	<i>Aceitando calado (suportar)</i>
3m18ss – 3m26ss	Encher linguíça	<i>Pessoa fala demais (tagarela)</i>
3m27ss – 3m33ss	Chorar pelo leite derramado	<i>Arrepende</i>
3m34ss – 3m46ss	Pendurar as chuteiras	<i>Aposentar</i>
3m47ss – 3m56ss	Chá de cadeira	<i>Pessoa esperar muito, suportar, impaciência, demorar.</i>
3m57ss – 4m01ss	Quebrar o galho	<i>Ajudar</i>
4m02ss – 4m05ss	Quebrar o pau	<i>Brigar (físico ou verbal)</i>
4m06ss – 4m12ss	João sem braço	<i>Pessoa esperta</i>
4m13ss – 4m18ss	Molhar o biscoito	<i>Relação sexual (sexo)</i>
4m19ss – 4m26ss	Queimar a rosca	<i>Sexo anal</i>
4m27ss – 4m46ss	Segurar vela	<i>Contexto: duas pessoas andando juntas como namorados, daí vem uma outra pessoa e fica ali curiosa, admirando o casal.</i>
4m47ss – 4m57ss	Chutar o balde	<i>Pessoa nevosa, brava e estressada.</i>
4m58ss – 5m04ss	Procurar pelo em ovo	<i>Pessoa teimosa querendo problemas.</i>
5m05ss – 5m12ss	Pagando o pato	<i>Aceitar culpa pessoa outra</i>
5m13ss – 5m20ss	Mão na roda	<i>Pessoa boa, amiga, unida, ajuda sempre!</i>
5m21ss – 5m28ss	Com o pé atrás	<i>Pessoa desconfiada</i>
5m29ss – 5m35ss	Marcar touca	<i>Perdeu, já foi!</i>
5m36ss – 5m43ss	Tirar água do joelho	<i>Apertado (suportar) vontade de ir ao banheiro.</i>
5m44ss – 5m50ss	Com a faca e o queijo na mão	<i>Pessoa sorte ter.</i>
5m51ss – 5m57ss	Pedra no sapato	<i>Pessoa chata muito, verdade!</i>
5m58ss – 6m07ss	Sem pé nem cabeça	<i>Estranho, não-entender nada. Confuso!</i>
6m08ss – 6m13ss	Bater as botas	<i>Pessoa morrer.</i>
6m14ss – 6m20ss	Trocando as bolas	<i>Pessoa errada, confusa.</i>
6m21ss – 6m27ss	Andar na linha	<i>Pessoa seguir-caminho (vida) certo.</i>
6m28ss – 6m32ss	Tempestade em copo d'água	<i>Pessoa exagerada, (estressada).</i>
6m33ss – 6m39ss	Colocar as barbas de molho	<i>Cuidado!</i>
6m40ss – 6m46ss	Descascar o abacaxi	<i>Resolver problemas.</i>
6m47ss – 6m53ss	Com minhoca na cabeça	<i>Pessoa pensar bobagem.</i>
6m54ss – 7m03ss	Lavar as mãos	<i>Eu estou-fora, neutro. Problema meu não.</i>
7m04ss – 7m08ss	Uma mão lava a outra	<i>Compartilhar bom!</i>
7m09ss – 7m19ss	Com a corda no pescoço	<i>Dívida ou ter este sinal dinheiro enforcado.</i>
7m18ss – 7m25ss	Pau na máquina	<i>Depressa, rápido.</i>
7m26ss – 7m32ss	Agasalhar o croquete	<i>Relação sexual (sexo).</i>
7m33ss – 7m40ss	Testa de ferro	<i>Pessoa substituta ou representante.</i>
7m41ss – 7m46ss	Acertar na mosca	<i>Correto, consegui ou parabéns.</i>
7m47ss – 7m55ss	Carta fora do baralho	<i>Pessoa excluída, desprezada ou rejeitada.</i>
7m56ss – 8m03ss	Mala sem alça	<i>Pessoa chata verdade!</i>
8m04ss – 8m09ss	Soltar a franga	<i>Nossa, pessoa alegre, muito!</i>
8m10ss – 8m16ss	Quebrar o gelo	<i>Num lugar, pessoas várias caladas, uma pessoa começa a conversar.</i>
8m17ss – 8m21ss	Abrir o jogo	<i>Falar a verdade.</i>
8m22ss – 8m29ss	Se lixando	<i>Estou-nem-aí (ombro), problema seu, meu não. Estou-fora.</i>
8m30ss – 8m37ss	Pisando em ovos	<i>Cuidado, problema ter.</i>
8m38ss – 8m42ss	Pisar na bola	<i>Mancada!</i>
8m43ss – 8m50ss	Enfiar o pé na jaca	<i>Aproveitar muito... aproveitar verdade!</i>

Fonte: o autor.

O moderador apresenta uma lista de EIs próprias da LP através de imagens com o texto e a tradução para a Libras (cf. Quadro 8). Os exemplos apresentados não encontram correspondência formal entre as línguas.

Figura 22: “Pintando o 7”²⁵



Fonte: o autor.

Retomando a expressão “pintando o sete”, cabe sublinhar que a tradução em Libras para “fazendo muita bagunça” pode ser feita por meio de um único sinal, como “brincar” ou “bagunçar”. Isso porque o sinal em Libras pode incorporar vários aspectos da informação, como o verbo, o substantivo e o advérbio de intensidade “muito”, através da expressão facial e da configuração das mãos. Por exemplo, no caso de “brincar”, tem-se a configuração das mãos em “Y” num movimento circular, no espaço neutro em frente ao tronco com a expressão facial indicando movimento e intensidade (*i.e.*, fazendo muito). Já “bagunçar” possui a configuração das mãos abertas num movimento circular em frente ao tronco e a expressão facial mostrando intensidade que significa o “muito”. O verbo “fazendo” e o substantivo “bagunça” estão presentes no sinal “bagunçar” em Libras.

Em outras palavras, a Libras é marcada pela simultaneidade, ou seja, a informação é transmitida de forma não linear e não sequencial. Isso significa que um único sinal pode conter informações que, em LP, seriam transmitidas linear e sequencialmente por meio de diversas palavras, algumas de conteúdo e outras gramaticais.

Como se pode perceber, o moderador do vídeo 2 não define especificamente o que são as EIs, mas afirma que são frases e estruturas particulares presentes nas diferenças línguas e

²⁵ Disponível em: <https://youtu.be/kxbY0xiTZBc>. Acesso em: 28 abr. 2023.

enraizadas na tradição cultural. Identificando as diferentes línguas com diferentes culturas, é possível associar esse apontamento àquele de Lama e Abreu (2001, p. 64): “as expressões idiomáticas são estruturas que apresentam contextos extralinguísticos que levam consigo o conhecimento de determinada cultura que deve ser apreendida pelo leitor de um texto”. Aliás, essa associação das EIs à cultura é encontrada em diversos outros autores referenciados no capítulo 1 (PASIN, 2021; LEWIES, 1993; FRASER 1970; MAKKAI, 1972; CASADEI, 1994, 1996; KATZ; POSTAL, 1963).

O autor do vídeo afirma que, numa tradução palavra por palavra, corre-se o risco de cometer equívocos. Isso implica, portanto, que a equivalência textual se torna distante da correspondência formal (CATFORD, 1965, 1980). Além disso, em muitos casos, as expressões ou frases resultantes da tradução das EIs da LP para a Libras não são EIs na LA (Libras), visto que as EIs contêm, no mínimo, dois componentes (MOON, 1998), os quais geralmente estabelecem, em conjunto, significados metafóricos ou opacos e os quais, em tradução, podem contemplar, em conjunto, apenas sentido denotativo na LA (MOLLANAZAR, 2004).

Uma vez concluída a análise do segundo vídeo, procede-se, na próxima seção, à análise do vídeo 3.

3.3. Análises e discussões sobre o vídeo 3

O vídeo, em sua descrição, traz uma breve definição das EIs e elementos de sua tradução: “Algumas expressões muito utilizadas na Língua Portuguesa (as chamadas ‘Expressões Idiomáticas’) nem sempre fazem sentido se forem interpretadas literalmente para Libras”. Tal qual no segundo vídeo, observa-se que, no vídeo 3, o conceito é superficial e a exemplificação tem mais destaque.

O vídeo apresenta uma descrição das EIs mais utilizadas em LP, as quais nem sempre são traduzidas palavra por palavra para a Libras. É interessante observar que, no primeiro e no segundo vídeo, os autores são categóricos em afirmar que não existe tradução literal das EIs. O que diferencia esse terceiro vídeo dos demais é que, neste, o autor apenas sugere que “nem sempre” será possível encontrar uma tradução literal das EIs nas duas línguas. Entretanto, em todos os seus exemplos, não foi possível encontrar alguma EI que pudesse ser traduzida seguindo palavra-sinal de modo literal.

A Figura 23 exemplifica uma equivalência apresentada no vídeo 3. O exemplo da EI “as paredes têm ouvidos” ilustra como pode ser difícil encontrar uma correspondência formal

entre as palavras-sinais em Libras e as palavras em LP. Por isso, o autor do vídeo opta por uma tradução mais explicativa, utilizando palavras-sinais que transmitem a ideia de “CUIDADO”, “FALAR”, “PORQUE”, “TEM”, “PESSOA”, “PERCEBER” e “FOFOCAR”. Nesse caso, tem-se uma mudança de estrutura, principalmente pelo uso do sinal referente a cuidado, o qual, no modo imperativo, textualiza explicitamente que se trata de uma sugestão ou algo a ser seguido, sendo que, na EI em LP, não há essa propriedade.

Figura 23: “As paredes têm ouvidos”²⁶



Fonte: o autor.

Esse e os demais exemplos do *corpus* coadunam com a ideia de que “tradução total” é, segundo Catford (1965, 1980), ilusória, uma vez que é quase impossível substituir todas as palavras, estruturas e significados de uma língua por correspondentes formais em outra língua. Mesmo em casos em que há correspondências formais, ainda serão encontradas possíveis diferenças nos níveis lexical, gramatical e semântico, dadas as diferenças tipológicas entre as línguas e a aspectos situacionais e culturais que influenciam o uso e a significação das EIs. Ademais, pensando no que Newmark (1988) denomina de equivalência de frequência, uma não está em jogo apenas o significado da EI, mas também sua frequência de uso na língua. Em outras palavras, uma EI que é comum em uma língua pode não o ser em outra.

O Quadro 9 mostra os exemplos de EI da LP para a Libras encontrados no vídeo 3, todos os quais convergem para uma demonstração da impossibilidade de tradução total.

²⁶ Disponível em: <https://youtu.be/-V7xTfKr1C8>. Acesso em: 28 abr. 2023.

Quadro 9: EIs da LP e suas equivalências em Libras (vídeo 3)

Tempo	Língua Portuguesa	Equivalência em Libras
0m27ss – 1m05ss	As paredes têm ouvidos	<i>Cuidado com o que fala porque tem pessoas que percebem e fofocam</i>
1m06ss – 1m36ss	Boca de siri	<i>Pessoa guarda segredo e não fala</i>
1m37ss – 1m59ss	Minhoca na cabeça	<i>Não pensar besteiras</i>
2m00ss – 2m21ss	Pintar o sete	<i>Fazer muita bagunça</i>
2m23ss – 2m52ss	Pisar em ovos	<i>Precisa fazer ou conversar com calma, cuidado, atenção</i>
2m53ss – 3m32ss	Quebrar o gelo	<i>Duas pessoas que se encontram e começam um diálogo timidamente até irem se soltando</i>
3m33ss – 4m00ss	Tiro no pé	<i>Programar, organizar e depois dar errado</i>
4m01ss – 4m21ss	Dormir com as galinhas	<i>Dormir adiantado</i>

Fonte: o autor.

Enfim, o terceiro vídeo apresenta uma abordagem mais flexível (ou sutil) em relação à impossibilidade de tradução literal das EIs. Esse vídeo destaca que é importante entender a mensagem geral da EI e transmiti-lo na tradução, mesmo que isso signifique usar na LA palavras ou estruturas que não constituem correspondentes formais da LF. Além disso, o vídeo enfatiza a importância do contexto cultural na compreensão e tradução das EIs, destacando que muitas vezes essas expressões estão enraizadas em tradições e costumes específicos de uma cultura.

Uma vez concluída a análise do terceiro vídeo, procede-se, na próxima seção, à análise do quarto e último vídeo.

3.4. Análises e discussões sobre o vídeo 4

No quarto vídeo, a professora Daniele Miki Fujikawa Bózoli, utilizando-se da Libras dos 00m12ss aos 00m46ss, diz que os surdos se comunicam em sinais e usam palavras que não têm sentido, assim como os ouvintes na oralização usam as EIs:

Os surdos utilizam na Língua de Sinais alguns termos bem específicos. Da mesma forma que as pessoas ouvintes usuárias das Língua Orais, as Línguas de Sinais possuem as conhecidas Expressões Idiomáticas. Esse termo possui um sinal específico em Libras. Na sociedade em geral que utiliza a LP, são identificáveis várias dessas EIs, mas quando elas precisam ser traduzidas para outra Língua, ocorrem alguns entraves, causando certa estranheza. Nas Línguas de Sinais também identificamos situações como essas. Algumas EIs são traduzidas de forma mais literal, enquanto outras não possuem um termo equivalente, sendo possível uma tradução do sentido de forma aproximada.

Depois, a autora segue com alguns exemplos de EIs contextualizadas em algumas frases (cf. Quadro 10). O que se destaca aqui é que esse é o único vídeo que apresenta contexto, algo relevante para as escolhas tradutórias, sobretudo quando se pensa na competência estratégia (cf. DA SILVA; ALVES, 2020).

Quadro 10: EIs da LP e suas equivalências em Libras (vídeo 4)

Tempo	EIs em LP	Equivalência em Libras	Contextualização em Libras
01m18ss – 01m30ss	Bater papo	Conversar informalmente	<i>Ontem, em grupo de amigos, sinalizamos batendo papo até de madrugada.</i>
01m3ss – 01m43ss	Cair a máscara	Aparecer a verdade	<i>Caiu a máscara dos políticos corruptos. A polícia está caçando-os</i>
01m44ss – 01m53ss	Cara de pau	Pessoa cínica, sem vergonha	<i>Você é cara de pau!</i>
01m54ss – 02m05ss	Com a corda no pescoço	Estar cheio de dívidas	<i>Depois das festas de Natal e Ano Novo fiquei com a corda no pescoço (economizando).</i>
02m06ss – 02m18ss	Custar os olhos da cara	Ter um preço muito alto	<i>Aquele carro pequenino e bonitinho custa os olhos da cara.</i>
02m41ss – 02m52ss	De tirar o chapéu	Pessoa admirável	<i>Aquela professora (está de parabéns) é de tirar o chapéu!</i>
03m19ss – 03m30ss	Engolir a seco	Saber algo surpreendente e não conseguir dizer nada	<i>Eu notei um ladrão me seguindo e engoli seco e continuei.</i>
03m42ss – 03m53ss	Ficar de olho	Vigiar	<i>Há estranhos por aqui. Fique de olho na sua bolsa.</i>
03m54ss – 04m06ss	Ficar de queixo caído	Ficar muito admirado	<i>Fiquei de queixo caído com a magnífica apresentação de teatro.</i>
04m15ss – 04m26ss	Lavar as mãos	Não se responsabilizar	<i>Problema particular seu, eu lavo minhas mãos</i>
05m03ss – 05m12ss	Puxar o saco	Bajular, ser capacho de alguém	<i>Você está puxando o saco do chefe.</i>
05m28ss – 05m41ss	Segurar vela	Acompanhar um casal em algum lugar e ficar sobrando.	<i>Eu encontrei um casal de amigos na balada, mas fiquei segurando vela.</i>

Fonte: o autor.

As EIs do Quadro 10 são expressões que, via de regra, fazem parte do vocabulário do brasileiro. Por isso, a compreensão das EIs tanto na LO quanto na LS requer um conhecimento prévio da cultura, do contexto e dos elementos linguísticos que as compõem. Esses elementos incluem a semântica global, que envolve a análise do significado das palavras em relação ao

contexto em que são utilizadas, bem como a compreensão das convenções linguísticas e a familiaridade do indivíduo com a expressão. Além disso, como as EIs são construções culturais, elas podem variar de acordo com a idade e o local em que são utilizadas.

A comparação entre as EIs da LP e as da Libras feita pela autora do vídeo indica que algumas delas são traduzidas de forma mais literal, quando seus termos têm equivalentes em ambas as línguas (conforme os exemplos a serem apresentados na Figura 24). Portanto, essas EIs podem ser consideradas empréstimos linguísticos da LP para a Libras. A influência da maioria ouvinte e da cultura predominante no Brasil é um fator importante que explica a presença de EIs da LP em Libras, assunto também tratado unicamente no vídeo 4 dentre todos os do *corpus*.

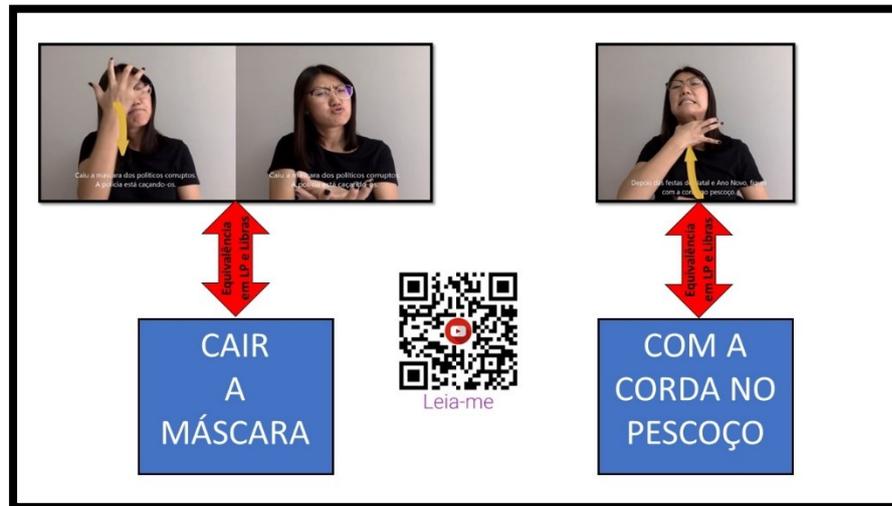
De acordo com Silva (2015, p. 32), a LS se utiliza de uma caracterização viso-espacial para a expressão de sensações, apelos e emoções que são moldados pela cultura de cada lugar e grupo. A Libras, enquanto língua com um sistema linguístico próprio, pode absorver aspectos culturais da língua majoritária, a LP, e incorporá-los ao seu sistema. Nesse sentido, os surdos, frequentemente expostos à LP e à cultura ouvinte, podem fazer uso de EIs da LP e transportá-las para a Libras. Essa transferência é mais frequente entre os surdos que são bilíngues ou que conhecem bem a LP, já que eles têm mais facilidade em identificar as EIs da LP e estabelecer equivalentes em Libras (PERLIN, 1998).

A Figura 24 mostra exemplo de duas das expressões encontradas no Quadro 10.

Com relação às EIs “cair a máscara” e “com a corda no pescoço”, pode-se observar o seguinte:

- “Cair a máscara” é uma EI utilizada para se referir a situações em que a verdadeira natureza de alguém é revelada, geralmente trazendo à tona algo que essa pessoa escondeu ou tentou manter em segredo. Em Libras, essa expressão pode ser traduzida palavra por palavra, utilizando sinais que representem a ideia de uma máscara caindo ou sendo retirada do rosto. No caso, tem-se a configuração da mão direita aberta, com os dedos meio encurvados representando a máscara localizada na frente do rosto; depois essa máscara se desprende do rosto e cai sobre a palma da mão esquerda.

Figura 24: “Cair a máscara” e “Com a corda no pescoço”²⁷



Fonte: o autor.

- “Com a corda no pescoço” é uma EI utilizada para se referir a situações de grande pressão ou responsabilidade, em que se sente uma grande ameaça ou risco em caso de falha. Em Libras, essa expressão também pode ser traduzida palavra por palavra, utilizando sinais que representam uma corda no pescoço. No caso, ela é feita com a configuração da mão direita aberta e os dedos polegar e indicador meio curvados e os outros dedos levantados. O polegar e o indicador se prendem ao pescoço representando a corda enrolada.

Em ambos os casos, há equivalência entre as expressões em LP e em Libras, inclusive em termos de sua composicionalidade. Embora os sinais utilizados para representar essas expressões possam ser interpretados de forma literal, eles ainda transmitem a ideia figurativa ou metafórica. Por exemplo, no caso da expressão “cair a máscara”, o sinal que representa a máscara caindo transmite a ideia de que algo que estava escondido ou camuflado agora foi revelado; da mesma forma, no caso da expressão “com a corda no pescoço”, o sinal que representa a corda no pescoço transmite a ideia de grande pressão ou risco em caso de falha. Entretanto, vale destacar que, em Libras, essas expressões podem ser consideradas como empréstimos linguísticos da LP, uma vez que os sinais foram criados a partir da tradução literal das EIs presentes em LP para a Libras.

²⁷ Disponível em: <https://youtu.be/0qm5yh6wdOo>. Acesso em: 28 abr. 2023.

O Quadro 11, por sua vez, apresenta as EIs do vídeo 4 para as quais a tradução palavra por palavra de seus componentes não remete ao significado da EI como um todo na LF. Em seguida, procede-se a uma análise de duas dessas expressões.

Quadro 11: EIs que não encontram correspondência formal entre LP e Libras (vídeo 4)

Tempo	EIs em LP	Equivalência	Contextualização em Libras
00m55ss – 01m07ss	Abaixar a poeira	Deixar o tempo passar	<i>Há muitos problemas pairando. Vamos esperar dissolver para resolver.</i>
01m08ss – 01m17ss	Babar ovo	Idolatrar incondicionalmente	<i>Ficar idolatrando não aceito.</i>
02m19ss – 02m28ss	Dar branco	Esquecer algo por um momento temporário	<i>Caiu a chave! Apagão!</i>
02m29ss – 02m40ss	Dar o bolo	Marcar um compromisso a uma pessoa e não ir	<i>Marquei compromisso com uma amiga e ela não foi, me fez de palhaça, ah!</i>
02m54ss – 03m04ss	Encher linguíça	Dizer coisas sem utilidade	<i>Ela fala comprido</i>
03m05ss – 03m18ss	Engolir sapo	Ficar calado diante de uma situação sem poder reagir	<i>O pai e a mãe discutiram na frente do filho e eu não eu boca fechada.</i>
03m31ss – 03m41ss	Entrar pelo cano	Dar-se mal	<i>O homem se deu mal quando sua namorada o flagrou com outra.</i>
04m07ss – 04m15ss	Lavar a égua	Aproveitar, se dar bem	<i>Bem rico!</i>
04m27ss – 04m38ss	Não estar nem aí ²⁸	Não se importar	<i>Fofocas? Não me interessa, não dou ouvidos!</i>
04m39ss – 04m51ss	Nem a pau	De jeito nenhum	<i>Eu pular de paraquedas, impossível.</i>
04m52ss – 05m02ss	Pão duro, mão de vaca	Pessoa avarenta, mesquinha	<i>Vovô é rico, mas mão fechada!</i>
05m14ss – 05m26ss	Queimar a cara	Passar vergonha.	<i>Minha “cara derreteu”²⁹ quando perguntei para a amiga se ela estava grávida, mas ela disse que não.</i>
05m42ss – 05m53ss	Sumir do mapa	Desaparecer	<i>O Carlos desapareceu, não o vejo mais.</i>

Fonte: o autor.

²⁸ O interessante dessa expressão é que ela teria uma maior correspondência com outra de sentido similar: “não dar ouvidos”. Tanto é que na contextualização, a preferência foi para essa outra.

²⁹ O sinal utilizado para “cara derreteu” significa “muita vergonha” em Libras. Porém, sendo esta uma língua visual (iconicidade), é possível identificar o rosto derretendo por causa da vergonha; por isso, na tradução da Libras para a LP empregada no quadro, usou-se “cara derreteu”.

As EIs “mão de vaca” e “pão duro” se referem a uma pessoa que é avarenta ou relutante em gastar dinheiro. Embora não tenham uma tradução literal em Libras, podemos analisá-las como uma possível EI nessa língua, levando em consideração os elementos não verbais utilizados pelos falantes de LP para se referir a essa característica.

Figura 25: “Mão de vaca”³⁰



Fonte: o autor.

A EI “mão de vaca” em LP costuma ser traduzida em Libras por meio da forma de expressão não verbal utilizada por pessoas ouvintes que desconhecem a Libras ou por meio de uma descrição mais ampla do seu significado, isto é, por meio de uma explicação em língua natural que transmita a ideia de alguém que é muito econômico e não gosta de gastar dinheiro. Logo, é possível fazer a configuração da mão direita em “S” com a palma voltada para dentro fazendo o movimento de vaivém com firmeza, demonstrando que está bem fechada acrescida da expressão facial séria. Porém, nesse caso, os sinais utilizados são de uma “MÃO” “FECHADA”, além da intensidade presente na expressão facial e no movimento. Esse é o mesmo gesto feito pelas pessoas ouvintes quando usam uma comunicação não verbal para dizer que uma pessoa é avarenta.

Mesmo que não haja uma correspondência formal com a LP, a expressão “mão de vaca” pode ser considerada uma EI em Libras. É composta por um único sinal, que é formado pela sinalização de uma “mão” que está “fechada”, ou seja, existe um único sinal que comporta dois componentes “mão” e “fechada”, e esse sinal possui um significado que remete à ideia

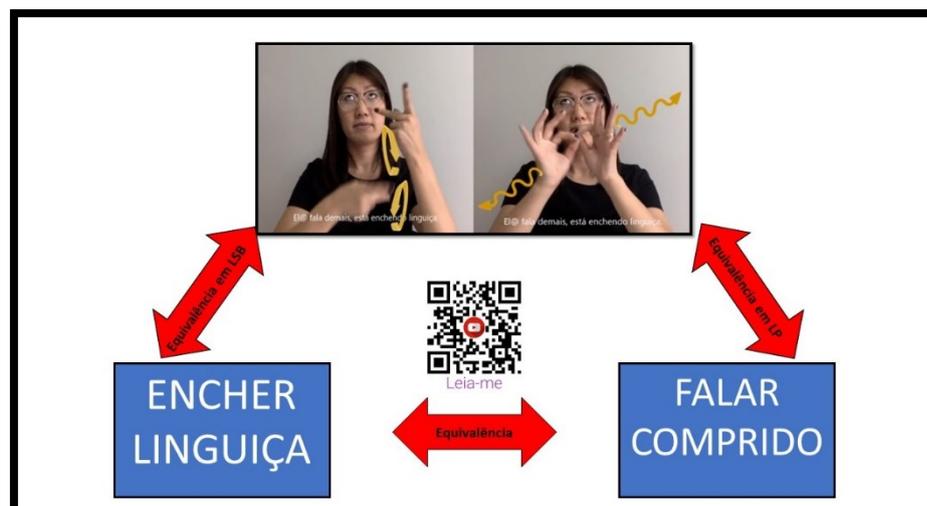
³⁰ Disponível em: <https://youtu.be/tkhWYB4AbCA>. Acesso em: 28 abr. 2023.

de uma pessoa avarenta ou relutante em gastar dinheiro. Conforme Moon (1998) e Gibbs (1984) essa construção sintática é típica das EIs, que combinam palavras de forma não literal para criar um novo significado. Portanto, mesmo não sendo uma expressão criada dentro da Libras, ela pode ser considerada uma EI. Note-se, nesse caso, que ambas as expressões remetem a uma metáfora com o corpo humano e que há mais opacidade na expressão em LP, a qual remete a um animal, enquanto a EI em Libras apenas remete ao estado da mão.

A expressão “mão de vaca” é um exemplo de empréstimo linguístico em Libras a partir de uma expressão não verbal utilizada pelos falantes da LP. Ou seja, apesar de não haver uma correspondência formal com a LP, a EI é composta por um único sinal que remete a um significado metafórico que é compreendido tanto pelos surdos quanto pelos ouvintes que conhecem o gesto.

Outro exemplo do vídeo é a EI “encher linguiça”, ilustrada na Figura 26.

Figura 26: “Encher linguiça”³¹



Fonte: o autor.

Considerando a análise da EI “encher linguiça” e sua tradução para Libras como “FALAR” + “COMPRIDO”, pode-se observar que a tradução busca se fundamentar mais no sentido literal da expressão do que em seu sentido figurado, apresentando, como resultado, um nível muito baixo de idiomaticidade (no caso, limitada apenas a ideia de “comprido”). Do

³¹ Disponível em: <https://youtu.be/h7qa9bZn16I>. Acesso em: 23 abr. 2023.

ponto de vista das LS como línguas viso-espaciais, elas tendem a usar recursos visuais e gestuais para criar novos significados, muitas vezes usando a iconicidade. Nesse sentido, o sinal de “comprido” ou “longo” em Libras não seria considerado idiomático, já que se baseia em uma realidade visual concreta. Essa reflexão encontra respaldo em autores como Newmark (1988), que destaca a importância de se considerar a equivalência funcional entre as línguas e a impossibilidade de se realizar uma tradução palavra por palavra de todas as EIs.

Uma vez apresentados os resultados para cada um dos vídeos, a próxima seção faz uma síntese do ponto de vista da (in)traduzibilidade das EIs.

3.5. Síntese

Conforme se constata através dos estudos de Newmark (1988), Baker (1992) e Catford (1965, 1980), a questão da (in)traduzibilidade das EIs entre línguas diferentes é um tema complexo e que envolve diversos fatores. No caso das EIs entre a LP e a Libras, os quatro vídeos apontam que elas são traduzíveis, porém nem sempre de forma a explorar a correspondência formal entre os seus componentes, sendo diversos os casos de mudanças de categoria, o que coaduna com o referencial teórico.

De acordo com Baker (1992), Straksiene (2009) e Akbari (2013), pode-se afirmar que a equivalência entre as EIs em LP e em Libras não se dá apenas no nível linguístico, mas também no nível cultural e contextual. Ou seja, uma EI pode ter um significado e uma aplicação diferentes em cada uma das línguas, de acordo com os costumes e valores culturais envolvidos. Por isso, é fundamental que os tradutores/intérpretes tenham um conhecimento profundo das duas línguas e das culturas envolvidas para realizar uma tradução de qualidade.

Sob o embasamento de Albres (2012), é possível constatar que algumas EIs possuem uma tradução mais fácil entre as línguas, enquanto outras demandam uma maior criatividade e habilidade por parte do tradutor/intérprete. Em geral, as EIs que possuem uma base mais concreta, como aquelas relacionadas a animais, objetos e partes do corpo humano, tendem a ter uma tradução mais facilitada por haver congruência entre as associações metafóricas estabelecidas nas diferentes línguas, enquanto as EIs que envolvem conceitos abstratos e emocionais podem ser mais complexas de serem traduzidas. Nesse aspecto, parece não assumir relevância a iconicidade da Libras.

Dos exemplos mostrados nesta dissertação, restou clara a maior aproximação entre as línguas no que diz respeito às EIs com partes do corpo humano: “olho caro” e “mão leve” (em Libras) e “mão de vaca”, “com a corda no pescoço” e “as paredes têm ouvido”. Nesse sentido,

cumprir sublinhar que a seleção dos vídeos não enfocava aspectos da metáfora conceitual, numa perspectiva da Linguística Cognitiva, mas os resultados apontam, de alguma forma, nessa direção, conforme as pesquisas de Machado (2012).

Por fim, conforme aponta Newmark (1988), o estilo e o registro da LF são algo a se considerar na tradução. Nesse sentido, o não uso de uma EI na LA pode indicar o significado semântico, mas negligenciar os aspectos pragmáticos envolvidos com o uso da EI na LF, como aqui mostrado para a tradução da EI “tomar banho” como “Por que você não vai procurar qualquer outra coisa para fazer?”

Uma vez apresentada a análise desta dissertação, procede-se, no próximo capítulo, às considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve o objetivo geral de discutir a definição de EIs em Libras e as equivalências tradutórias entre a LP e a Libras, a partir do contraste entre a literatura e as definições dos professores e TILSP apresentados num *corpus* composto de quatro vídeos que definem as EIs e mostram exemplos de EIs que encontram ou não equivalências no momento da tradução entre a LP e a Libras. Esse objetivo geral pôde ser logrado com sucesso por meio da: (i) análise de conteúdo de como as EIs são abordadas, em termos conceituais e tradutórios, nesses vídeos; (ii) identificação da convergência ou não entre a definição de EI nos vídeos e na literatura; e (iii) análise das possíveis equivalências tradutórias das EIs entre as línguas em tela.

A pesquisa mostrou que a literatura sobre EIs em LP e, nas línguas orais em geral, é bastante vasta, e fornece uma série de propriedades específicas, tais como a não composicionalidade, polissemia, figuratividade, fixidez, proverbialidade, afetividade, convenção e institucionalização. No entanto, se é que há algum consenso em relação às propriedades, o mesmo não pode ser dito das classificações, dado que a EI seria uma categoria composta por inúmeras expressões que apresentam uma série de características distintas entre si.

As EIs estão ligadas a metáforas visuais que transformam o abstrato em concreto, e isso explica por que são tão comuns e utilizadas em LP. O mesmo se aplica à Libras, que já possui, em sua base, um mecanismo de tradução do abstrato para o concreto, necessário para transmitir significados de forma visual-gestual. Das referências encontradas na literatura, pode-se inferir que algumas EIs em Libras são diferentes porque podem ser formadas por um único elemento, um único sinal (embora seja um sinal que carrega consigo várias ideias que se somam), ao contrário da LP na qual as EIs são formadas por um conjunto de palavras. Isso está relacionado às características linguísticas da Libras, que, desenvolvida no canal visual-gestual, é uma língua simultânea que permitem transmitir vários significados ao mesmo tempo, graças aos diferentes articuladores – ao contrário da LP, que é linear e sequencial, transmitindo um significado de cada vez.

As LS são sistemas linguísticos completos e complexos que utilizam uma combinação de movimentos das mãos, expressões faciais e corporais para transmitir informações. Embora existam semelhanças entre as LO e as LS, a formação de EIs pode ser diferente devido às diferenças em suas estruturas linguísticas.

Esta pesquisa demonstra que existem estudos em andamento sobre as EIs na Libras. No entanto, há relativamente poucas pesquisas publicadas sobre o assunto até o momento. Como resultado, muitas vezes as definições e critérios usados para identificar EIs na Libras seguem o padrão das LO. No entanto, é importante lembrar que a Libras é uma língua distinta, com suas próprias estruturas linguísticas e recursos expressivos. Como tal, pode ser necessário desenvolver novos critérios e definições para identificar e analisar as EIs específicas da Libras. Assim, a formação de EIs em LS pode ser mais complexa do que nas LO: enquanto nas LO as EIs são geralmente formadas por meio de palavras específicas que, quando combinadas, criam um significado diferente, nas LS a formação de EIs pode exigir uma combinação mais complexa de elementos linguísticos e não linguísticos.

Felizmente, percebe-se neste estudo um crescente interesse e reconhecimento da importância das LS, incluindo a Libras, e sua capacidade de expressar ideias complexas e abstratas. Como resultado, pode-se esperar mais pesquisas e estudos sobre a formação de EIs na Libras no futuro e, quiçá, que se sugiram critérios que sejam mais semânticos do que gramaticais para a definição de EIs, o que permitirá entender melhor como essa língua cria e transmite significados figurativos e expressivos.

Foi possível identificar que em Libras, assim como em qualquer outra língua, oral ou sinalizada, existem EIs próprias nas quais se faz uso de sinais/palavras que dependem do contexto de uso ou as quais têm uma forma que não está ligada ao significado literal, mas que só é compreendida se contextualizada – essas EIs são típicas da cultura e do sujeito surdo. Também foram identificadas na Libras EIs originárias da LP que se configuram como empréstimo linguístico e contemplam maior correspondência formal entre os seus constituintes – essas são compreendidas e utilizadas por surdos bilíngues ou com alguma proficiência em LP. Ademais, foram identificadas na Libras EIs que possuem uma correspondência na linguagem não verbal da cultura da LF. Em alguns casos, encontrou-se o que Roos (1981) denominou de identidade lexical entre as expressões (*i.e.*, convergência), sobretudo em EIs que recorrem a partes do corpo humano para o estabelecimento de metáforas conceituais.

Em se tratando de tradução, notaram-se importantes mudanças (*shifts*) da LF para a LA (CATFORD, 1965, 1980). Se consideradas como grupos nominais ou orações decomponíveis, é possível encontrar mudanças de categoria entre as línguas, implicando que a tradução de EIs tende a ser uma tradução “limitada” nos termos de Catford (1980). Entretanto, em se considerando sua indecomponibilidade, as EIs implicam deslocamentos para cima e para baixo na escala de ordem, podendo, por exemplo, uma EI na ordem da oração

ser textualizada como uma EI na ordem do grupo nominal ou como uma única palavra sem qualquer idiomatidade.

Em relação ao aspecto da (in)traduzibilidade das EIs, constatou-se que se trata mais de uma questão de grau do que de uma questão absoluta. Em outras palavras, as EIs são traduzíveis dentro de contexto, mediante deslocamentos nas escalas de ordem, o que pode implicar uso de EIs que se configuram como correspondentes formais, uso de EIs que não se configuram como correspondentes formais e uso de explicitação do significado das EIs em formas não idiomáticas. Em alguns casos, contudo, os aspectos interpessoais (emoção, ênfase etc.) ligados ao uso de uma EI não necessariamente encontram similaridade com aquilo que se estabeleceu como equivalente textual. Isso enseja que a tradução das EIs requer um conhecimento profundo das nuances e das características de cada língua e da cultura em que essas línguas estão inseridas, incluindo possíveis variações na língua. Nesse âmbito, observa-se que, em se tratando de EIs, a ideia de “perda” em tradução não decorre das faltas de correspondência formal, mas, sim, dos aspectos interpessoais e culturais atrelados aos seus usos, sobretudo em língua oral.

Ao refletir sobre a (in)traduzibilidade das EIs em diferentes níveis, é evidente que esse fenômeno linguístico apresenta desafios complexos que nem sempre podem ser superados por meio de uma tradução literal. Em um nível superficial, as EIs podem ser facilmente identificadas e traduzidas com relativa fidelidade, desde que haja um conhecimento prévio das equivalências culturais e linguísticas entre os idiomas envolvidos. No entanto, à medida que se avança para níveis mais profundos, onde as sutilezas culturais e as nuances semânticas desempenham um papel crucial, a (in)traduzibilidade torna-se mais evidente. As EIs carregam consigo um sentido figurado intrínseco, baseado em metáforas ou referências culturais específicas, que podem não ter uma correspondência direta em outras línguas. Assim, conclui-se que a (in)traduzibilidade das EIs transcende os limites das palavras em si, envolvendo elementos culturais e contextuais que desafiam uma tradução “fiel”. O reconhecimento dessas nuances é fundamental para uma abordagem mais abrangente e sensível à riqueza linguística e cultural proporcionada pelas EIs, permitindo uma maior compreensão e apreciação das peculiaridades de cada língua.

Contudo, o exercício desta dissertação leva a explorar a complexidade da tradução e desafiar a ideia de que certos elementos são intraduzíveis devido a uma suposta restrição exclusiva à ordem. Catford (1965) fornece um olhar abrangente sobre os diferentes tipos de tradução e os eixos de tensão envolvidos, conforme exposto na subseção 1.3. Ao compreender que a tradução abrange não apenas a correspondência formal, mas também a seleção de

equivalentes em diferentes pontos na escala de ordem e a necessidade de realizar mudanças de nível e de categoria, o TILSP pode ultrapassar a noção limitante de que certos elementos são intraduzíveis. A tradução é um processo dinâmico e criativo, no qual o tradutor, ao explorar nuances e caminhos, expande as possibilidades de expressão e supera as barreiras aparentes do suposto intraduzível.

Conforme apontado no capítulo 1, Nida e Taber (2003 *apud* MUSTONEN, 2010, p. 44) afirmam que a tradução nunca é perfeita, pois sempre implica uma “perda” inevitável de alguns aspectos linguísticos, mas, ao mesmo tempo, pode trazer ganhos, como o aumento do conhecimento de EIs. Esse ganho parece ser claro em todos os quatro vídeos analisados, que permitiram um melhor entendimento de como as EIs transitam entre as duas línguas e, mais do que isso, de como as pessoas concebem a (in)traduzibilidade das EIs, sobretudo por meio dos exemplos fornecidos. Ademais, é interessante observar que, diferentemente de perspectivas como a de Mustonen (2010), segundo o qual a melhor estratégia de tradução para as EIs deve visar à “naturalidade” na LA, essa não foi uma questão explícita dos quatro vídeos, que mais se preocuparam em apontar o que seria possível dizer de forma equivalente na outra língua.

Cumprido sublinhar, entretanto, que, provavelmente em razão dos critérios de seleção do *corpus*, não foram encontradas estratégias de tradução que remetessem à omissão das EIs em situações de tradução (*e.g.*, BAKER, 1992). De fato, os autores dos vídeos buscavam, no mínimo, esclarecer o significado das EIs, de modo que omissões não se aplicavam ao contexto e às finalidades informativas dos vídeos.

Além dos resultados obtidos nesta pesquisa, destaca-se um desenvolvimento relativo à elaboração de materiais que envolvam imagens e a Libras em seu uso natural por seus falantes. A abordagem inovadora de recortes de imagens proporcionou uma compreensão visual mais clara e precisa das expressões linguísticas, considerando os cinco parâmetros essenciais da LS. Essa metodologia oferece um potencial significativo para ser utilizada em pesquisas futuras, proporcionando *insights* valiosos e conclusões mais precisas no estudo da Libras.

Com base nos resultados apresentados nesta dissertação, fazem-se algumas recomendações para futuras pesquisas sobre a (in)traduzibilidade das EIs entre a LP e a Libras podem ser sugeridas. Primeiramente, recomenda-se ampliar a amostra de EIs investigadas, para que se possa ter uma visão mais abrangente e precisa das dificuldades encontradas na tradução dessas expressões entre as duas línguas. Nesse aspecto, seria interessante tratar de casos tradutórios propriamente ditos (*i.e.*, traduções contextualizadas), para além de casos em

que se versa sobre possibilidades de tradução de EIs isoladas e apontadas em contextos instrucionais ou informativos. Além disso, caberiam estudos comparativos entre diferentes línguas de sinais, para que se possa verificar em que medida as dificuldades encontradas na tradução entre a LP e a Libras ocorrem em outras línguas de sinais. Outra recomendação seria a realização de estudos sobre a compreensão e produção de EIs pelos surdos, para que se possa entender melhor como essas expressões são utilizadas em sua comunicação cotidiana. Sugere-se, ainda, a realização de estudos sobre as diferenças culturais que influenciam a compreensão e a tradução das EIs entre diferentes línguas, uma vez que essas expressões estão intimamente relacionadas com as tradições, valores e crenças de cada cultura. Por fim, do ponto de vista teórico, sugere-se a seleção de uma teoria de base para abordar as EIs (*e.g.*, a Linguística Cognitiva), dado que este estudo fez um levantamento de diversas pesquisas independentemente de sua base epistêmica.

Algumas possíveis limitações do estudo incluem a escassez de material teórico específico sobre as EIs em Libras e a falta de uma lista mais ampla com exemplos de EIs originárias na própria comunidade surda. Uma sugestão para superar essas limitações seria a realização de pesquisas mais abrangentes sobre as EIs em Libras, explorando as particularidades dessa língua e buscando identificar as EIs que sejam específicas da cultura surda brasileira. Além disso, seria interessante desenvolver uma metodologia mais ampla que inclua uma quantidade representativa de participantes surdos e ouvintes, bem como a comparação de diferentes traduções de EIs em Libras e em LP para avaliar as diferenças e semelhanças nas escolhas dos TILSP. Outra sugestão seria a realização de estudos sobre a compreensão das EIs em Libras por parte de pessoas ouvintes que não têm conhecimento prévio da língua, a fim de avaliar o impacto das traduções realizadas e identificar possíveis dificuldades de compreensão.

Por fim, aponta-se que este estudo pode contribuir para a compreensão das particularidades linguísticas da Libras e para a ampliação do conhecimento sobre a tradução de EIs entre línguas distintas (sobretudo em termos de modalidade). Além disso, o trabalho assume relevância social, na medida em que pode contribuir para a descrição, visibilidade, aprendizagem e ensino de uma língua essencial para a inclusão de pessoas surdas.

REFERÊNCIAS

- AKBARI, M. Strategies for Translating Idioms. **Journal of Academic and Applied Studies**, n. especial, v. 3, n. 8, p. 32-41, 2013.
- ALBRES, N. A. **Tenha “olho caro”**: a interpretação de expressões idiomáticas da Língua de Sinais Brasileira. Campo Grande: EPILMS, 2006. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/Portals/1/Files/19395.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- ALBRES, N.A. Integração entre metáfora, metonímia e iconicidade: estudos da linguística cognitiva. In: ALBRES, N.; XAVIER, A. (org.). **Libras em estudo**: descrição e análise. São Paulo: Editora Feneis, 2012. p. 57-83.
- ALMEIDA, M. J. D. F. de. A tradução e interpretação de provérbios e expressões idiomáticas em Língua de Sinais: equivalentes linguísticos e culturais, Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, Florianópolis, 2010. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2010. p. 1-8. Disponível em: https://www.congressotils.com.br/anais/anais2010/maria_jose_duarte_freire_de_almeida.pdf. Acesso em: 28 abr. 2023.
- ALMEIDA, W. G. **Introdução à língua brasileira de sinais**. Ilhéus: UAB/UESC, 2013.
- BAKER, M. **In Other Words**: A Coursebook on Translation. London: Routledge. 1992. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203327579>
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BASSNETT, S. Translation Studies. 3. ed. London: Routledge. 2002. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203427460>
- BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, G.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. (org.). **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. v. 2. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. p. 747-758.
- BLUMENBERG, H. Metaphorics of the ‘Naked’ Truth. In: BLUMENBERG, H. **Paradigms for a Metaphorology**. New York: Cornell University Press, 2010. p. 40-51. DOI: <https://doi.org/10.7591/j.ctt7v7cn>
- BOBROW, S. A.; BELL, S. M. On Catching on to Idiomatic Expressions. **Memory & Cognition**, v. 1, n. 3, p. 343-346, 1973. DOI: <https://doi.org/10.3758/BF03198118>.
- BOYES-BRAEM, P. **Features of the Handshape in American Sign Language**. Berkeley: University of California, 1981.
- BRISLIN, R.W. **Translation**: Application and Research. New York: Gardner Press, 1976.
- CACCIARI C.; GLUCKSBERG S. Understanding Idiomatic Expressions: The Contribution of Word Meaning. In: SIMPSON, G. B. (ed.). **Understanding Word and Sentence**. Amsterdam: North Holland, 1991. p. 215-240. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0166-4115\(08\)61535-6](https://doi.org/10.1016/S0166-4115(08)61535-6)

- CACCIARI C.; LEVORATO C. How children understand idioms in discourse. **Journal of Child Language**, v. 16, p. 387-405, 1989. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0305000900010473>
- CACCIARI C.; TABOSSI P. The comprehension of idioms. **Journal of Memory and Language**, v. 27, p. 668-683, 1988. DOI: [https://doi.org/10.1016/0749-596X\(88\)90014-9](https://doi.org/10.1016/0749-596X(88)90014-9)
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: o mundo do surdo em Libras**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- CARDONA, M. La comprensione e produzione di idioms: aspetti psicolinguistici e riflessioni glottodidattiche. **Studi di Glottodidattica**, v. 3, p. 45-64. 2008.
- CASADEI, F. Flessibilità lessico-sintattica e produttività semantica delle espressioni idiomatiche: un'indagine sull'italiano parlato. In: CASADEI, F.; FIORENTINO, G.; SAMEK-LODOVICI, V. **L'italiano che parliamo**. Santarcangelo: Fara Editore, 1995a. p. 11-33.
- CASADEI, F. La semantica delle espressioni idiomatiche. **SILTA**, v. 1, p. 61-81, 1994.
- CASADEI, F. **Metafore ed espressioni idiomatiche: uno studio semantico sull'italiano**. Roma: Bulzoni, 1996.
- CASADEI, F. Per una definizione di “espressione idiomatica” e una tipologia dell'idiomatico in italiano. **Lingua e Stile**, v. 30, n. 2, p. 335-358, 1995b.
- CASADEI, F. Tra calcolabilità e caos. Metafore ed espressioni idiomatiche nella semantica cognitiva. In: CARAPEZZA, M. *et al.* **Linguaggio e cognizione**. Atti del XXVIII Congresso Internazionale della Società di Linguistica Italiana. Roma: Bulzoni, 1997. p. 105-122.
- CATFORD, J. C. **Uma teoria lingüística da tradução: um ensaio de linguística aplicada**. Tradução do Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. São Paulo: Cultrix. 1980 [1965].
- CATFORD, J.C. **A Linguistic Theory of Translation**. Oxford: Oxford University, 1965.
- CHE SUE, J. **A Study of Translation Strategies in Guillaume OyonoMbida's Plays**. South Africa: University of South Africa. 2005.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- CORAZZA, S.; VOLTERRA, V. La comprensione di lingue dei segni straniere. In: DE MAURO, T.; GENSINI, T.; PIEMONTESE, M. E. (ed.). **Dalla parte del ricevente: percezione, comprensione, interpretazione**. Roma: Bulzoni, 1988. p. 73-82.
- CORREA, R.B.S. **A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos**. Florianópolis: UFSC, 2007.
- COSTA, V. H. S. **Iconicidade e produtividade na língua brasileira de sinais: a dupla articulação da linguagem em perspectiva**. 2012. 96 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- CUTLER, A. Idioms: The Colder, the Older. **Linguistic Inquiry**, v. 13, p. 317-20, 1982.

CUXAC, C.; SALLANDRE, M. Iconicity and Arbitrariness in French Sign Language – Highly Iconic Structures, Degenerated Iconicity and Diagrammatic Iconicity. *In*: PIZZUTO, E.; PIETRANDREA, P.; SIMONE, R. **Verbal and Signed Languages: Comparing Structures, Constructs and Methodologies**, Empirical Approaches to Language Typology. Rome: De Gruyter Mouton, 2007. p. 13-33.

DA SILVA, I. A. L. **(Des)compactação de significados e esforço cognitivo no processo tradutório**: um estudo da metáfora gramatical na construção do texto traduzido. 2012. 277 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

DA SILVA, I. A. L.; PAGANO, A. S. Cognitive Effort and Explicitation in Translation Tasks. *In*: HANSEN-SCHIRRA, S.; CZULO, O.; HOFMANN, S. (Org.). **Empirical Modelling of Translation and Interpreting**. 1. ed. Berlin: Language Science Press, 2017. p. 155-175.

DA SILVA, I.A.L; ALVES, F. Desenvolvendo a subcompetência estratégica: convergência entre os elementos da competência tradutória. *In*: ESQUEDA, M. D. (org.). **Ensino de tradução**: proposições didáticas à luz da competência tradutória. Uberlândia: EDUFU, 2020. p. 126-152.

DAVIES, M. G. **Multiple Voices in the Translation Classroom**: Activities, Tasks and Projects. Amsterdam: John Benjamins. 2004.

DELBECQUE, N. **Linguística cognitiva**: compreender como funciona a linguagem. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

FARIA, S. P. **A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos**. 2003. 310f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. de. **Representações lexicais da LSB**: uma proposta lexicográfica. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FELIPE, T. A. Introdução à gramática da Libras. *In*: FERREIRA-BRITO, L. *et al.* (org.). **Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental**: Língua Brasileira de Sinais. Brasília: MEC/SEESP, 1997. (Série Atualidades Pedagógicas).

FELIPE, T. A. Libras em contexto: curso básico: livro do professor. 6. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

FERNANDES, S. **Educação bilíngue para surdos**: identidades, diferenças, contradições e mistérios. 2003. 202 f. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Letras) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2003.

FERREIRA-BRITO, L. Língua Brasileira de Sinais – Libras. *In*: FERREIRA-BRITO, L. *et al.* (org.). **Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental**: Língua Brasileira de Sinais. Brasília: MEC/SEESP, 1997. p.19-80. (Série Atualidades Pedagógicas).

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FRASER, B. Idioms Within a Transformational Grammar. **Foundation of Language**, v. 6, n. 1, p. 22-42, 1970.

FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. v. 4. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1900 [1996].

GIBBS, R. W. Linguistic Factors in Children's Understanding of Idioms. **Journal of Child Language**, v. 14, n. 3, p. 569-586, 1987. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0305000900010291>

GIBBS, R. W. Literal Meaning and Psychological Theory. **Cognitive Science**, v. 8, p. 275-304, 1984. DOI: https://doi.org/10.1207/s15516709cog0803_4

GIBBS, R. W. Spilling the beans on understanding and memory for idioms in conversation. **Memory & cognition**, v. 8, n. 2, p. 149-156, 1980. DOI: <https://doi.org/10.3758/BF03213418>

GODOY, A.S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, p. 57-63, 1995. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008>

GOTTLIEB, H. Quality Revisited: The Rendering of English Idioms in Danish Television Subtitles vs. Printed Translation. *In*: TROSBORG, A. (ed.). **Text Typology and Translation**. Amsterdam: John Benjamins, 1997. p. 309-338. DOI: <https://doi.org/10.1075/btl.26.22got>

GUARINO, G. Alcune definizioni di “locuzione” ed “espressione idiomática”. **Sinestesiaonline**, a. 2., n. 6, p. 1-5, dez. 2013. Disponível em: <http://sinestesiaonline.it/wp-content/uploads/2018/03/dicembre2013-04.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2023.

HELLEKLEV, C. **Metaphors and Terminology in Social Science: A Translation and an Analysis**. Sweden: Vaxjo University. 2006.

HOBBS, J. R. **Metaphor, Metaphor Schemata, and Selective Inferencing**. Menlo Park: Artificial Intelligence Center, 1979.

INZERILLO, V. **Una caratteristica delle locuzioni idiomatiche complesse: la tridimensionalità semantico-temporale**. 2011. 90 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg, Heidelberg, 2011.

JENSEN, K. E. Metaphors and Idioms in Translation + Feedback on Assignment# 4. **Metaphors and Idioms**, v. 7, n. 43, p. 1-6, 2008.

KATZ, J. J.; POSTAL, P. M. **Semantic Interpretation of Idioms and Sentences Containing Them**. Cambridge: MIT Research Laboratory of Electronics, 1963.

LAKOFF, G. The Death of Dead Metaphor. **Metaphor and Symbol**, v. 2, n. 2, p. 143-147, 1987. DOI: https://doi.org/10.1207/s15327868ms0202_5

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metafora e vita quotidiana**. Milano: Bompiani, 1980.

LAMA, E. C.; ABREU, A.S. A motivação metafórica das expressões idiomáticas na interface entre o português e o espanhol. **Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos**, n. 11, p. 53-66, 2001.

- LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**, v. 1: Theoretical Pre-requisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**, v. 2: Descriptive Application. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- LANGLOTZ, A. **Idiomatic Creativity: A Cognitive-Linguistic Model of Idiom-Representation and Idiom-Variation in English**. Amsterdam: John Benjamins, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1075/hcp.17>
- LARSON, M. L. **Meaning-based Translation**. Lanham: University Press of America, 1984.
- LEMOES, A. M. Fraseologismo em língua de sinais e tradução: uma discussão necessária. **RBLA**, v. 14, n. 4, p. 1173-1196, 2014.
- LEWIS, M. **The Lexical Approach**. Hove: Language Teaching Publication, 1993.
- MACHADO, F. M. A. **Interpretação e tradução de libras/português dos conceitos abstratos crítico e autonomia**. 2012. 182 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2012.
- MAKKAI, A. **Idiom Structure in English**. Berlin: De Gruyter Mouton, 1972. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110812671>
- MOLLANAZAR, H. **Principles and Methodology of Translation**. Tehran: SAMT. 2004.
- MOON, R. **Fixed Expression and Idioms in English: A Corpus-Based Approach**. Oxford: Clarendon Press, 1998.
- MUNDAY, J. **Introducing translation studies: theories and applications**. 2. edition. London/New York: Routledge, 2008.
- MUNDAY, J. Translating the Foreign: The Invisibility of Translation. *In*: MUNDAY, J. **Introducing Translation Studies: Theories and Applications**. London: Routledge. 2001. p. 144-161.
- MUSTONEN, S. **Translating Idioms: A Case Study on Donna Tartt's The Secret History and Its Finnish Translation**. 2010. 102 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens) – University of Jyväskylä, Jyväskylä, Finlândia, 2010. Disponível em: <https://jyx.jyu.fi/bitstream/handle/123456789/25001/urn:nbn:fi:ju201009142572.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28 jan. 2023.
- NASCIMENTO, C. B. do. **Empréstimos linguísticos do português na língua de sinais brasileira LSB: línguas em contato**. 2010. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- NEWMARK, P. **A Textbook of Translation**. New York: Prentice Hall, 1988.
- NOLAN, J. **Interpretation: Techniques and Exercises**. New York: Multilingual Matters, 2005.

NUNBERG, T.; SAG, I. A.; WASOW, T. Idioms. **Language**, v. 70, n. 3, p. 491-538, 1994. DOI: <https://doi.org/10.1353/lan.1994.0007>

PASIN, G. **Espressioni idiomatiche**: analisi di um corpus in LIS. 2021. 157 f. Mestrado (Scienze del Linguaggio) – Università Ca'Foscari, Venezia, 2021.

PEDRO, M. **As expressões idiomáticas no ensino de português como língua estrangeira para estudantes uruguaiois**. 2007. 186 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PERLIN, G. T. Identidades surdas. *In*: SKLIAR, C. (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 51-74.

PRETI, D. **Sociolinguística**: os níveis da fala. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i16.560>

ROBERTS, H. M. The Science of Idioms: A Method of Inquiry into the Cognitive Design of Language. **Modern Language Association of America**, v. 68, p. 291-306, 1994. DOI: <https://doi.org/10.2307/458858>

RUSSO, T. **La mappa poggiate sull'isola**. Iconicità e metafora nelle lingue dei segni e nelle lingue vocali. Calabria: Centro Editoriale e Librario, 2004.

SARDINHA, T. B. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007

SILVA JÚNIOR, D. R. C. da. **Metáfora em Libras**: um estudo de léxico. 2018. 147 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2018.

SILVA, A. B.; BRAVIM, M. da P. G. A tradução de literatura infantil para Libras: a expressividade do corpo na produção de sentidos. **Belas Infieis**, Brasília, v. 8, n. 3, p. 201–215, 2019. DOI: 10.26512/belasinfeis.v8.n3.2019.23082.

SILVA, A.H.; FOSSÁ, M.I.T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas**, v. 16, n. 1, p. 1-14, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.18391/qualitas.v16i1.2113>.

SOUSA, D.V.C. Um olhar sobre os aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais. **Littera**, n. 2, v. 1, 2010. p. 88-100.

SQUILLANTE, L. **Polirematiche e collocazioni dell'italiano**: uno studio linguistico e computazionale. Hildesheim: Universitätsverlag Hildesheim, 2014.

STRAKSIENE, M. Analysis of Idiom Translation Strategies from English into Lithuanian. **Kalbu Studijos, Studies about Languages**, n. 14, p. 13-19, 2009. Disponível em: <https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=108913>. Acesso em: 28 abr. 2023.

STROBEL, K.; FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

SWINNEY, D.A.; CUTLER, A. The Access and Processing of Idiomatic Expressions. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, v. 18, p. 523-534, 1979. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0022-5371\(79\)90284-6](https://doi.org/10.1016/S0022-5371(79)90284-6)

TERRAZAS, C. M. L. **Dicionário bilíngue de expressões idiomáticas para tradutores e intérpretes português – Libras**. 2021. 84 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

TRIM, J. Multilingualism and Interpretation of Language in Contact. *In*: TOSI, A. (ed.). **Crossing Barrier and Bridging Cultures: The Challenges of Multilingual Translation for the European Union**. Great Britain: Clevedon Cromwell Press, 2003. p. 8-20. DOI: <https://doi.org/10.21832/9781853596704-004>

VILELA, M. **As expressões idiomáticas na língua e no discurso**. Porto: Universidade do Porto, 2002.

WILCOX, P. P. **Metaphor in American Sign Language**. Washington: Gallaudet University Press, 2000.

WRIGHT, J. **Idioms Organizer: Organised by Metaphor, Topic and Key Word**. Bristol: Language Teaching Publications, 1999.

WULFF, S. Idiomaticity. *In*: ROBINSON, P. **The Routledge Encyclopedia of Second Language Acquisition**. New York: Routledge, 2012. p. 291-293.

XATARA, C.M. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa – Revista de Linguística**, São Paulo, v. 42, n. esp. p. 147-159, 1998.

APÊNDICE: CONFIGURAÇÕES DE MÃO

